



**Maria Herminia
Benincá Schenkel**

**A Integração das Tecnologias Educativas no
processo de ensino-aprendizagem de Língua
Portuguesa (estudo empírico realizado em uma
região do Estado de Santa Catarina – Brasil)**



**Maria Herminia
Benincá Schenkel**

**A Integração das Tecnologias Educativas no
processo de ensino-aprendizagem de Língua
Portuguesa (estudo empírico realizado em uma
região do Estado de Santa Catarina – Brasil)**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão Curricular, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor António Mendes Moderno, Professor Catedrático do Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Prof. Doutor António Mendes Moderno

Prof. Doutor José Pacheco

Profa. Doutora Ana Isabel Andrade

agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar, ao Prof. Doutor António Moderno, por sua orientação e experiência partilhadas.

Aos professores do Mestrado em Gestão Curricular, pelo apoio, pelo incentivo e pelo carinho dedicados nesses dois anos de convivência.

Em especial a Prof.a. Doutora Ana Isabel Andrade, pela *palavra certa, nas horas incertas*

A Prof.a. Doutora Isabel Cabrita.

Ao Instituto Camões.

A força que tive das minhas colegas, não podendo deixar de citar três nomes: Hilária, Armanda e Brites.

Aos funcionários da Universidade de Aveiro, entre eles: Luís Alberto Batista, Maria Edite Vicente, Dra. Sandra Caldeira, Dr. Mário C. Gomes

A Abruna (Associação Académica dos Brasileiros na Universidade de Aveiro) que me apoiou para enfrentar a jornada na fase final, em especial ao George, Luíza Helena e Mamede.

Ao Edinho, que foi meu *norte* durante toda esta etapa.

As minhas irmãs, minhas grandes amigas. A Magda, que sempre foi a minha mestra na arte de viver. E um agradecimento muito emocionado aos meus Nair e Wilde que me legaram toda a bagagem cultural que trago comigo e que mesmo não estando neste plano, são presenças constantes dentro de mim.

resumo

Este trabalho propõe-se a analisar, à luz dos autores educacionais, à escola que está surgindo neste novo milênio, uma escola que faz no seu cotidiano a construção do saber, integrando alunos e professores numa relação *dialógica*.

Estrutura-se de forma a apresentar uma reflexão sobre a Escola, o Currículo, a Gestão Curricular e a importância da integração das Tecnologias Educativas no processo de ensino-aprendizagem.

O estudo empírico realizou-se em escolas públicas estaduais em uma região do Estado de Santa Catarina - Brasil. Através da análise dos resultados, foi possível a proposta final que enfatiza a importância da formação de professores.

abstract

This work aims to analyse, based on educational authors, the school that is emerging in this new millennium. A school that, in this quotidian, builds the knowledges's construcion, by integration students and teachers, in dialogical relationship.

It's structured in order to present a reflection about the school, the curriculum, the curriculum management and educational technologies integration's importance.

The empirical study was accomplished in state public schools in Santa Catarinas state, Brazil. Trough the resuts analysis it was possible the final proposal that emphasizes the importance of teacher's formation.

“Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que se sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais...O homem, como ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber”.

(Paulo Freire, 1974:47)

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|------|
| AGRADECIMENTOS | iv |
| RESUMO | v |
| ABSTRACT | vi |
| SUMÁRIO..... | viii |
| NOTA EXPLICATIVA | xii |

PRIMEIRA PARTE

Enquadramento teórico

| | |
|------------------|---|
| INTRODUÇÃO | 1 |
|------------------|---|

CAPÍTULO PRIMEIRO

1. EDUCAÇÃO

| | |
|--|----|
| 1.1. Educação – Conceito | 7 |
| 1.1.1. Educação como sistema educativo | 9 |
| 1.2. Sistema Educativo e Currículo | 10 |
| 1.3. Sistema Educativo e Inovação..... | 14 |
| 1.3.1. A Educação no Brasil a partir de 1964 | 17 |
| 1.3.2. Mudanças Educacionais Brasileiras | 21 |

| | |
|--------------------------------|----|
| 1.4. Projetos Educativos | 23 |
|--------------------------------|----|

CAPÍTULO SEGUNDO

1. O CURRÍCULO E AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS

| | |
|---|----|
| 1.1. Tecnologia Educativa –origem, conceito e breve histórico | 32 |
| 1.2. Principais Tecnologias aplicadas o ensino -aprendizagem | 35 |
| 1.3. O Currículo Escolar e a Integração das Tecnologias Educativas | 37 |
| 1.4. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Integração das Tecnologias Educativas..... | 46 |

CAPÍTULO TERCEIRO

1. AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

| | |
|---|----|
| 1.1. As Tecnologias Educativas no ensino de Língua Portuguesa..... | 56 |
| 1.2. As Tecnologias e a dialética: razão x emoção | 60 |
| 1.3. Os computadores no ensino -aprendizagem da Língua Portuguesa | 66 |
| 1.4. O cinema e o vídeo no ensino -aprendizagem da Língua Portuguesa | 73 |
| 1.5. A televisão no ensino -aprendizagem da Língua Portuguesa | 77 |

SEGUNDA PARTE

Metodologia da Investigação

CAPÍTULO QUARTO

| | |
|---|----|
| 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DA INVESTIGAÇÃO | 84 |
| 1.1. Mapa do Brasil | 85 |
| 1.2. Mapa de Santa Catarina | 86 |
| 2. PARADIGMA DA INVESTIGAÇÃO | 87 |
| 2.1. Identificação do Problema e Hipóteses | 89 |
| 2.2. Definição de variáveis | 90 |
| 3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA | 92 |
| 3.1. inquérito por questionários | 92 |
| 3.1.1. Aplicação piloto | 93 |
| 3.1.2. O questionário | 94 |

CAPÍTULO QUINTO

| | |
|---|-----|
| 1. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | |
| 1.1. Tratamento dos dados | 98 |
| 1.1.1. Dados Pessoais | 98 |
| 1.1.2. Dados das Escolas | 103 |
| 1.1.3. Equipamentos das Escolas | 105 |

| | |
|---|-----|
| 1.1.4. Projetos Educativos | 113 |
| 1.1.5. Formação de Professores | 123 |
| 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS | 130 |

CAPÍTULO SEXTO

| | |
|-------------------------|-----|
| CONCLUSÃO | 133 |
| PROJEÇÕES FUTURAS | 137 |

| | |
|----------------------------------|-----|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 141 |
|----------------------------------|-----|

| | |
|-------------|-----|
| ANEXOS..... | 147 |
|-------------|-----|

Anexo I Revista Nova Escola - Na era das tecnoaulas

Anexo II Jornal Zero Hora

Anexo III Lista das Escolas Estaduais de Santa Catarina

Anexo IV Questionário Piloto

Anexo V Questionário

Anexo VI Plano Curricular do Curso de Letras da UFSC

Anexo VII Plano do Governo SC para introdução dos micros ligados a Internet

Nota explicativa

Neste trabalho a língua usada foi a Língua Portuguesa do Brasil, sendo respeitadas pelo orientador, assim como por todo o quadro docente do Mestrado em Gestão Curricular, as diferenças que existem entre a Língua Portuguesa de Portugal e a do Brasil. É através do respeito ao outro que se engrandece não somente a Educação mas a própria relação humana.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual está sofrendo um processo de transformação muito acelerado. O avanço tecnológico e científico leva ao surgimento de uma nova era, com profundas modificações nas relações de trabalho, valores e consumo. Essas transformações devem-se principalmente a velocidade na circulação da informação e ao avanço tecnológico (computadores, televisão a cabo, internet...). Há uma quantidade enorme de informações disponíveis, ligando os indivíduos em todos os lugares do planeta.

A escola fazendo parte desta sociedade tem que tentar se adaptar às necessidades que se apresentam e assumir o papel de mediadora entre o acesso às tecnologias, o seu uso e a forma de interpretá-las. Muitos jovens que chegam nas escolas fazem parte deste contexto informacional. Eles cresceram com os jogos *Nintendo*, com os vídeo clipes, zapeando os canais de TV. São familiarizados com os meios de comunicação. Mas ainda há uma grande parcela da população, sobretudo nas escolas públicas, que está à margem deste processo, que não tem a familiarização necessária para o uso e a interpretação crítica das tecnologias da informação e comunicação, principalmente do computador.

Em cada escola, para que haja uma *alma*, uma identidade, uma adaptação ao contexto onde está inserida, é preciso que o currículo seja discutido por todos os intervenientes e adequado a realidade local. É necessário para isto, que a escola faça a Gestão Curricular. O currículo que vem instituído - no caso do Brasil os Parâmetros Curriculares Nacionais - precisa ser adaptado a cada contexto, respeitando as diferenças culturais de cada região, a diversidade ambiental, integrando os diferentes costumes, sem privilegiar uns em detrimento dos outros. Os Projetos Educativos podem criar um espaço de discussão e democracia dentro da escola, porque nele todos os atores têm voz e vez

Em sala de aula o professor deve atender às necessidades dos alunos, procurando elementos que venham trazer motivação e satisfação na aprendizagem. Acreditando no ambiente interativo que pode haver no processo educacional e enquanto educadora de 3º e 4º ciclos, esta investigadora permitiu-se em sua prática

pedagógica, buscar novas alternativas de ensino. Por isso, durante os últimos anos de magistério, utilizou em sala de aula, o cinema como material didático. Através da análise e discussão de curtas-metragens, incentivou a proposta de criação de roteiros como técnica de redação. Os alunos sentindo-se motivados com a possibilidade de verem os seus trabalhos gravados em vídeo, superavam suas próprias limitações, indo o mais longe que podiam. A Língua Portuguesa era discutida dentro de um contexto, sendo que os próprios alunos sentiam a necessidade de comunicarem-se de uma forma correta para poderem ser entendidos por todos. Os textos criados pelos alunos deveriam usar alguns assuntos pré-determinados pela professora, que já tinham sido estudados em sala, como por exemplo, discurso direto e indireto, uso da pontuação, colocação de pronomes em substituição dos nomes e serem coerentes com os temas propostos.

No início do Mestrado, refletiu-se sobre a prática citada anteriormente e sobre a necessidade da incorporação das TIC¹ não apenas em Língua Portuguesa mas como um Projeto de uma escola toda.

Inserido-se nesta problemática, procurou-se, através deste trabalho contribuir para fazer um diagnóstico das escolas em relação aos Projetos Educativos, aos equipamentos que possuem para integração das tecnologias e a formação dos professores nesta área.

Objetivos do Estudo

Este trabalho tem como âmago investigativo a busca de respostas para as seguintes questões:

Como são incorporadas as Tecnologias no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa?

Qual a importância das Tecnologias no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa?

¹ Tecnologias da Informação e Comunicação

Assim sendo, são objetivos deste estudo:

Determinar o papel das TIC no Currículo Nacional em geral e em Língua Portuguesa em particular;

Investigar se as escolas públicas de uma região do Estado de Santa Catarina estão equipadas com os meios tecnológicos;

Verificar os projetos educativos de escola e a formação dos professores em relação às tecnologias.

Decorrentes dos pressupostos teóricos em que se baseia o trabalho, formularam-se as seguintes **hipóteses** :

- As escolas públicas estaduais catarinenses possuem equipamentos para a incorporação das tecnologias em aulas de Língua Portuguesa.
- As escolas públicas estaduais não trabalham com Projetos Educativos de Escola
- Os professores de Língua Materna necessitam formação para integrar as Tecnologias Educativas em sala de aula.

Organização do Estudo

Este trabalho divide-se em duas partes:

1. Enquadramento Teórico
2. Estudo Empírico.

A primeira parte - abordagem teórica - é composta por três capítulos.

No primeiro capítulo parte-se da concepção de Educação, de Sistema Educativo e Currículo, passando pelas questões da Gestão Curricular e sua importância dentro da nova escola que se quer construir.

No segundo capítulo, aborda-se a relação do Currículo com a Tecnologia Educativa, investigando como esta é apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil).

No terceiro capítulo, faz-se a ligação das Tecnologias com o ensino de Língua Portuguesa, ressaltando a importância dos projetos que integrem variadas linguagens - sonoras, imagéticas,

textuais – construindo um ensino que esteja ligado a vida social do aluno (escola paralela), inerente ao seu tempo, incorporando ao processo de ensino-aprendizagem a linguagem audiovisual e junto com ela o universo emocional que é o âmago deste tipo de atividade.

A segunda parte - componente experimental - apresenta o trabalho empírico, com a metodologia adotada, a descrição do trabalho, análise dos dados obtidos e conclusão dos resultados. Trata-se de um estudo quantitativo, que usou o inquérito por questionário, onde foram visitadas 42 escolas, envolvendo 35 professores de Língua Portuguesa, em diferentes regiões dos municípios de Florianópolis e São José – Santa Catarina – Brasil. Os resultados são estudados de uma forma quantitativa e recorreu-se a análise estatística e as fórmulas necessárias para se verificarem as hipóteses anteriormente formuladas.

Finalizando, são apresentadas as conclusões do trabalho e possíveis sugestões para a formação de professores.

PRIMEIRA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A primeira parte deste trabalho apresenta a fundamentação teórica de temas de reflexão e de investigação científica, tais como "conceito de Educação", "Educação enquanto Sistema Educativo", "Sistema Educativo e Currículo", "Projetos Educativos e o Currículo" e a "Integração das Tecnologias no ensino em geral e em Língua Portuguesa em particular".

A necessidade da integração das Tecnologias Educativas no processo de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa, foi o alicerce deste trabalho, enfatizando a importância da aproximação da escola com a sociedade e com o universo dos alunos.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Este capítulo, conceitua educação enquanto sistema educativo e faz uma ligação deste com o currículo e com as inovações que surgem durante o processo educacional. Faz um breve histórico da educação no Brasil a partir de 1964 e das mudanças educativas que estão a ocorrer no país. Apresenta também a definição de Projeto Educativo, sua concepção, execução e avaliação.

1. Educação

1.1 Educação - Conceito

A palavra Educação, segundo Ferreira (1986), tem como sentido o processo de desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais e morais do ser humano, visando a sua integração individual e em grupo, na sociedade onde vive. Freire (1974) enfatiza que *“não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio”* (35). A educação é o fruto do trabalho do indivíduo nas suas relações. É a expressão da realidade humana assumindo posição estratégica na vida social, tendo como função fulcral, sistematizar os conhecimentos. Ela faz parte da história humana, pois desde sua aparição, o homem transmite aos seus filhos os ensinamentos básicos para a sobrevivência. A educação está presente em todas as sociedades, de acordo com cada organização, apresentado-se diferente em cada uma delas, conforme os grupos e culturas específicos. Esse conceito de educação apresenta-a como a comunicação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana, numa situação histórica determinada.

A educação deve se adequar ao tecido social onde está inserida, não pode ficar alheia a cultura e ao meio social a que pertence, com o encargo de afastar-se de seus objetivos, entre eles, o de ajudar no desenvolvimento do homem enquanto ser sociável. Partindo do pressuposto que a educação se destina a promoção do homem, Saviani (1996) considera que *“um processo de desenvolvimento que efetivamente considere o homem como preocupação central, terá a educação como setor fundamental”*. (2) Segundo Kawamura (1998) educação compreende o conjunto de instituições, processos formais e informais de elaboração, organização e difusão de idéias, valores e atitudes ligados basicamente aos interesses das classes dominantes. A educação está intimamente ligada à política e à cultura. A sociedade procura perpetuar-se estendendo-se pelas suas aquisições culturais às gerações posteriores.

Rezende (1979) conceitua educação como um *“processo através do qual indivíduos adquirem domínio e compreensão de certos conteúdos considerados valiosos”*² (133) naquele momento histórico e dentro da perspectiva de quem define a validade ou não do que é importante aprender. A transmissão social garante assim os valores e o domínio de quem exerce o poder econômico, cultural e político. Pimenta (1998) diz que *“educação é, de todas as manifestações humanas, não só uma das mais importantes, como também uma das mais complexas”*. E explica citando Coelho e Silva que é importante porque é através da evolução que o homem se realiza como ser humano e complexa porque comporta uma multiplicidade de variáveis, numa intrincada rede de relações.

A educação está diretamente ligada ao processo de ensino-aprendizagem, ao sistema escolar. Sarramona (1993) ao abordar o conceito sobre educação, define-a de duas maneiras³: como processo e como sistema. No primeiro caso, a educação é entendida como uma ação dinâmica entre dois sujeitos, um com função de educador o outro com função de educando, há interação entre eles e ambos sofrem transformação, embora essa seja de diferente dimensão para cada um.

“A consideração de “processo” aplicada à educação tem especial relação com a interação entre os sujeitos implicados, a qual se pressupõe, entre outras consequências, a bidirecionalidade na comunicação estabelecida e a perspectiva de ação permanentemente inacabada, embora se vão conseguindo êxitos concretos”.
(20)

² Michael Apple (1999) in Currículo, Cultura e Sociedade – questiona “De quem é o conhecimento mais valioso?”.

³ Num primeiro estudo realizado em 1989 pelo mesmo autor, ele considerava uma terceira dimensão, que convergia para o resultado da ação educativa, para o **produto** de uma ação. Neste estudo ir-se-á considerar o segundo conceito, onde a educação é vista como processo ou como sistema

No segundo caso – educação como sistema – assume a dimensão de processo de comunicação interpessoal, podendo ser visto a partir de diversas perspectivas tais como psicológica, econômica, pedagógica.... A partir desta visão foi desenvolvido a maioria dos estudos científicos sobre educação.

1.1.1 Educação – Sistema Educativo

O sistema educativo é um dos sistemas sociais que podem ser abordados por essa concepção. O sistema educativo abrange

“todo um conjunto de elementos pessoais, materiais e funcionais que tornam possível a educação institucionalizada como um fenômeno social, regulado por normas legais e submetido ao conjunto de direitos e deveres que dimanam de qualquer atividade com incidência coletiva”. (Sarramona, 1993:21)

Saviani (1996) utilizando o método dialético situa sistema educacional como um *“conjunto dinâmico, com seus elementos interagindo, incorporando contradições se comportando, ao mesmo tempo, como condicionado e condicionante do contexto em que está inserido”*. (31)

Referir-se a sistema educativo não é referir-se somente a escola, mas referir-se também a família, aos meios de comunicação e todo tipo de instituições, ou seja, *“se abarcan tanto los sistemas formales como los no formales”*. (Coombs in Sarramona, 1989: 57). O Sistema Educativo, é considerado um subsistema social e recebe da sociedade, elementos humanos, materiais e funcionais que lhe são necessários. No sistema educativo há a interação educador-educando como característica substancial, no que supõe uma comunicação entre seres humanos, por isso a educação pode ser considerada como um sistema de comunicação. Nas ações de emissão e recepção, que são desempenhadas tanto pelo professor como pelo

aluno, a educação se torna um processo comunicativo dinâmico, favorecendo as várias dimensões de aprendizagem (cognitivas, afetivas, práticas...)

Como já foi citado anteriormente, a educação tem de se adequar ao contexto social onde está inserida, ela faz parte da cultura e do meio social. Em cada circunstância, o sistema educacional pode modificar-se de acordo com a situação social, política e econômica que se encontra a sociedade que está sendo observada. As mudanças que ocorrem nesse sistema estão intimamente ligadas as relações de poder e domínio (cultural e político) que estão presentes no momento histórico estudado.

1. 2 Sistema Educativo e Currículo

A educação sendo entendida como apropriação da cultura humana produzida historicamente, tem na escola o organismo que aparelha a educação sistematizada. É pela educação que o ser humano atualiza-se enquanto sujeito histórico, em termos do saber produzido pelo homem em sua progressiva diferenciação do restante da natureza. A escola é a instituição considerada essencialmente educativa, lugar onde se materializam as teorias científicas da educação. Tem uma estrutura organizada, muitas vezes instituída por outras entidades sociais. A situação estrutural e o compromisso social do estabelecimento escolar, são influenciados pela sociedade que lhe sustenta. *“Uma escola e o sistema de ensino, em geral, têm a sua existência ligada, antes de mais, à necessidade de manutenção e ou de evolução de uma determinada estrutura social (...)”*(Pardal,1993:10) . Ela deve ter o compromisso de possibilitar aos alunos a construção do conhecimento histórico, contribuindo assim para a sua cidadania, sendo que o conhecimento histórico é uma necessidade social produzida pelos homens nesta sociedade e a escola é a instituição contemporânea responsável para trabalhá-lo.

Cabe ao Estado a função de governar a educação do seu país, administrando os diferentes níveis escolares: estadual, municipal, federal ou particular. Esse sistema educacional precisa de ter uma orientação que norteie o trabalho nas diversas escolas, em diferentes regiões, que seja um fio condutor para que se tenha uma referência nacional para o ensino-aprendizagem que *“possa ser discutida e traduzida em propostas regionais nos diferentes estados e municípios brasileiros, em projetos educativos nas escolas e nas salas de aula”*. (PCNs, 1998:9) ou seja, é necessário que exista um eixo, um corpo curricular a seguir em um país que tenha interpretações diferenciadas de acordo com cada contexto. A essa orientação dá-se o nome de currículo.

O termo currículo tem um significado muito diverso. Num sentido restrito é usado como referência a plano de estudos de uma instituição. Em um sentido mais amplo, Sarramona (1989) refere-se a currículo dizendo que o enfoque pode ser dado as experiências dos participantes (enfoque personalista); em sua organização sistêmica (enfoque sistêmico), nas interações discente-docente respeitando o meio sociocultural, visando um pensamento libertador (enfoque sócio-crítico); na planificação prévia e no controle posterior do processo aplicativo (enfoque tecnológico); etc. Roldão (1999) conceitua currículo como um corpo de *“aprendizagens socialmente reconhecidas como necessárias, sejam elas de natureza científica, pragmática, humanista, cívica, interpessoal ou outras”*. (34). E de uma maneira simplificada dirá a referida autora que currículo *“é o que se pretende que o aluno aprenda, adquira e interiorize ao longo da sua passagem pelo sistema educativo e a escolha e aplicação dos meios para o conseguir”* (41)

Sacristán (2000) faz a relação do currículo com a instrumentalização concreta do que faz da escola um determinado sistema social, pois é através dele que lhe dota de conteúdo, compromisso que se expressa por meio de usos quase universais em todos os sistemas educativos, embora por condicionantes históricos e pela particularidade de cada contexto, se expresse em ritos, mecanismos, etc., que adquirem certa especificidade em cada sistema educativo. O currículo não fica à margem do sistema educativo, sua definição mostrará a concretização das funções

da própria escola, a forma como é vista dentro de um momento histórico e social específico, o nível de educação que se pretende focar,... Ele define “*o que se considera o conhecimento válido, as formas pedagógicas, o que se pondera como transmissão válida do mesmo..*” (Bernstein in Sacristán, 2000:19). Essa visão mostra que o currículo além de comprometido com o momento histórico a que se destina, está comprometido também com todo o sistema social e político, determinando qual conhecimento e conteúdos serão mais importantes na transmissão educacional. Ele refletirá o conflito de interesses dentro de uma sociedade e os valores que dominam os processos educativos. Assim como na definição de educação havia o questionamento dos conteúdos considerados valiosos, no conceito de currículo novamente aparece a expressão *conhecimento válido*. Essa questão apresenta a dominação de pequenos grupos, que definem o que é válido e que visão de homem e mundo é preciso transmitir. Não se pode considerar o currículo como um elemento neutro de conhecimentos, ele é “*sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo*”(Apple,1997:59) . Moreira (1997) acentua que através do currículo as relações de poder se manifestam, e as visões sociais particulares e interessadas são transmitidas, produzindo assim identidades particulares, criadas e mantidas pelo grupo social dominante.

Por isso, o currículo não pode ser entendido fora do contexto onde se apresenta e independente das condições em que se desenvolve, ele é um objeto social e histórico. Deve ser estudado sempre em relação as condições históricas e sociais em que é produzido, e de acordo com o seu contexto de implementação, “*um currículo escolar só é verdadeiramente compreensível no interior da sociedade e da cultura para a qual existe*” (Pardal, 1993:15)

A sociedade e o seu sistema político não podem ficar alheias ao currículo escolar, pois através dele, com a participação dos atores escolares - incluindo pais e comunidade - a sociedade faz sentir os seus valores, “*um currículo escolar é uma construção sócio-pedagógica elaborada por uma estrutura política, assente num conjunto de valores.*” (ibdem :14)

Ele depende de uma estrutura mediadora entre o sujeito e o contexto social, entre o educando e a cultura. Através dele, a escola seleciona as concepções e conhecimentos que deve transmitir aos alunos. Assim, o conceito de currículo pode ser abordado como o que *“se espera aprender na escola, de acordo com o que se considera relevante e necessário na sociedade, num dado tempo e contexto”* (Roldão, 1999:47). O currículo estabelece o que é objeto do ensino, regulando a própria prática, estabelecendo as regras do seu próprio desenvolvimento e é determinante nas instituições escolares. É fundamental que cada escola defina como ele pode e deve ser interpretado, de acordo com as necessidades mais prementes dessa instituição.

O currículo supõe um projeto a serviço da atividade educativa escolar e *“como tal projeto implica una planificación previa del proceso de enseñanza- aprendizaje.”* (Sarramona, 1989:174), o projeto é a interpretação de toda a comunidade escolar sobre o que deve ser ensinado, preocupado-se com os objetivos que devam ser atingidos, de acordo com as necessidades reais dos educandos. *“O currículo como projeto, baseado num plano construído e ordenado, relaciona a conexão entre determinados princípios e uma realização dos mesmos, algo que se há de comprovar e que nessa expressão prática concretiza o seu valor”.* (Sacristán, 2000:16). Pacheco (1996) quando refere-se a currículo como projeto diz que *“currículo definido em termos de projecto, incorporado em programas/planos de intenções que se justificam por experiências educativas, em geral, e por experiências de aprendizagem em particular”* (16)

Zabalza (1995), falando de uma idéia geral e integradora, define currículo como todo o conjunto de ações desenvolvidas pela escola com sentido de dar oportunidades à aprendizagem. Essa idéia de currículo é suficientemente ampla para definir tanto ao conjunto de experiências programadas pela escola, o próprio processo seguido para programar, como ao conjunto de experiências vividas pelo aluno no contexto escolar. É através dos projetos educativos que a escola definindo a mais valia do que necessita ser aprendido em sala de aula, desenvolve um ensino que seja mais ligado aos educandos, sendo definido na própria escola qual é o conhecimento legítimo e quais os conteúdos realmente *valiosos* no processo de ensino-aprendizagem. É necessário, conforme Roldão (1999) criar a oferta de uma base cultural sólida comum, mas integradora das diferenças e currículos

diferenciados – aprendizagens de todos os tipos que serão importantes a indivíduos diferentes como cidadãos iguais para viverem em sociedade. O professor a partir desta concepção, deverá ter uma nova relação com o currículo: quanto ao seu papel de decisor e gestor de processo curricular; quanto a necessidade de entender o currículo como uma unidade integradora do que se quer fazer a aprender a todos os alunos, de forma eficaz. O currículo não será mais visto como uma espécie de propriedade solitária de uma disciplina que se justifica por si, e sim em função do *direito do aprendente aos saberes diversos* de que irá necessitar como cidadão de um mundo cada vez mais complexo e mutável.

1.3 Sistema Educativo e Inovação

A educação enquanto sistema educativo, está em fase de transformação, já que o modelo de escola tradicional se mostra anacrônico diante das mudanças que ocorrem na sociedade, principalmente no âmbito da ciência e tecnologia, que estão transformando de uma forma muito rápida os usos e costumes dos todos os cidadãos. Há uma necessidade urgente de mudanças em todo o sistema educativo, promovendo modificações que venham atender as circunstâncias sociais. A reforma do sistema educativo tem de acompanhar o momento sócio-histórico, integrando inovação e mudança dentro do seu próprio sistema.

Existem diferentes conceitos sobre o que é uma inovação. Segundo Hord (1987) inovação é *“qualquer aspecto novo para um indivíduo dentro de um sistema”*. Sendo assim, pode-se dizer que o que é inovação para uma pessoa pode não ser para outra dentro do mesmo sistema. Igvarso y Mackenzie (1988) irão dizer que inovação é *“um amplo termo que abarca qualquer produto o processo que exige modificações na conduta, crenças e pensamentos”*.

Inovação em educação pode ser entendida conforme Escudeiro (1995), como um determinado posicionamento crítico e reflexivo que dirige seus esforços tanto a validar a educação, como a transformá-la a serviço de valores legitimados ideológica, política e educativamente falando.

Inovar é adotar um posicionamento crítico diante do que surge como novo, justificando essa inovação com uma alternativa significativa para uma mudança no ambiente escolar, preconizando o progresso dos educandos, a transformação do processo de ensino-aprendizagem e uma melhora na prática educativa. Nem toda mudança feita na escola pode ser chamada de inovação, porque esta implica num melhoramento a respeito de objetivos previamente determinados, relaciona-se com uma ação que comporta a introdução de algo novo no sistema educativo, modificando sua estrutura e suas operações, de tal modo que haja melhora nos resultados obtidos durante todo processo escolar. Segundo Pardal “ *inovação educacional corresponde a uma acção marcada pela introdução no Sistema Educativo de algo que no mesmo não existia.*” (Pardal, 13:1997)

Inovação, em termos gerais, é algo que surge após uma reflexão sobre as estruturas e práticas educativas feita por todos aqueles que interagem com os diversos atores de educação, modificando as formas de atuação, organizando o trabalho de forma diferenciada, de acordo com as necessidades da escola. Ela pode atingir o sistema educativo nos mais diversos níveis como administrativos, curriculares, avaliativos, entre outros.

Observando as inovações escolares Hernández (2000) reflete que as inovações que tiveram maior incidência foram as que deram uma resposta alternativa às necessidades da escola ou da sociedade, permanecendo na cultura escolar e proporcionaram melhoria na qualidade do ensino. Uma inovação ocorre quando são introduzidas no currículo novas áreas de aprendizagem como uso dos computadores, educação para a paz, para consumo, entre outras.

Há mais de duas décadas, Porcher (1974) refletia sobre esta questão, em função de uma nova abordagem educativa, referia-se a inovação pedagógica “ *a ideia de inovação supõe a de mudança: mas quem proceder a inovações em matéria de prática pedagógica deve não só (por hipótese) modificar o que faz (conteúdos, métodos e instrumentos pedagógicos, por exemplo) mas também modificar aquilo que é, quer dizer-se modificar-se a si próprio*” (137). O modificar-se a si próprio tem haver com o compromisso que o professor e toda a comunidade escolar assumem, diante das possíveis inovações que possam modificar a maneira de ensinar e aprender. É o compromisso com o novo, com as prováveis dificuldades que a introdução de uma inovação, trazem ao sistema educacional. Uma proposta de mudança, por mais bem estruturada que seja, dependerá de todos os agentes educativos para ser implantada. O trabalho em grupo, em parceria, facilita a tarefa de inovar,

proporcionando um ambiente de reflexão, de participação, onde cada um sinta-se co-construtor das mudanças em curso, não apenas um executor de algo pré-definido.

É de ressaltar que a mudança em educação irá depender também da forma de agir e pensar dos professores. É algo simples e complexo ao mesmo tempo. Os professores desempenham um papel fundamental nas inovações realizadas nas escolas. A tentativa de modificação e de melhora na qualidade de ensino, dependerá da forma como os professores se sintam em relação as propostas apresentadas, *“qualquer tentativa para conseguir um bom nível de ensino passa obrigatoriamente pelo próprio professor”*. (Zabalza, 1992:90) e conforme Hernández (2000) uma das causas do fracasso de inovações é não levarem em conta o papel dos professores *“os professores desempenham um papel fundamental nas inovações realizadas nas escolas”*. (25)

Os educadores são os mediadores dos processos de inovação, capazes de tomar decisões, de elaborar e aplicar conhecimento, de solucionar problemas e conflitos, dentro de um contexto institucional onde existe a possibilidade da atividade reflexiva, permitindo um planejamento construtivo, sentido-se participante de toda a ação educativa, *“el profesor como agente curricular (no sólo ejecutor) cuyo pensamiento evoluciona a medida que se desarrolla la puesta en práctica de la innovación”* (Gallego, 1994:24)

Estudar inovação implica segundo Hord (citado em Hernández) que se entendam as complexas interações que acontecem entre uma inovação, seus atores e os objetivos pretendidos, mostrando o que vai acontecer com adoção de um novo programa ou projeto na escola e o que é preciso fazer a partir disto.

Antes de iniciar o estudo sobre a inovação educativa que está surgindo no Brasil a partir da implantação dos PCNs, se fará um breve histórico da educação brasileira nos últimos 30 anos, contextualizando assim, as modificações que hoje ocorrem.

1.4 A Educação no Brasil a partir de 1964⁴

⁴ Texto baseado na Monografia de Especialização (1992) da autora deste trabalho.

A educação no Brasil sofreu várias mudanças nos últimos trinta anos, principalmente pelas modificações políticas e sociais que se sucederam a partir dos anos 60. Em 1964 inicia-se no Brasil o período denominado de ditadura militar, que durou 21 anos.

Esse período que teve cinco generais do exército como presidentes da República, se conduziu em termos educacionais pela privatização do ensino, repressão nos meios educacionais, exclusão de boa parcela das classes populares do ensino básico de boa qualidade, institucionalização do ensino profissionalizante, entre outros. A crise que surge nesse período serve de motivo para o Brasil assinar uma série de convênios entre o MEC⁵ e a Agency for International Development (AID), para que essa, desse assistência técnica e cooperação financeira à organização do sistema educacional brasileiro. Os primeiros cinco anos da década de 60 caracterizaram-se pelos movimentos educacionais e culturais relevantes, como o surgimento do método Paulo Freire, de propostas inovadoras e estratégias de educação de adultos, educação popular, etc.

⁵ Ministério da Educação e Cultura

Em 1969, assume a presidência do Brasil, o General Emílio Garrastazu Médici , que cria como imagem pública, um governo voltado para o povo. A frase mais usada na época é “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Institui-se a era do “milagre econômico”, dos projetos de impacto e de obras faraônicas, como por exemplo a rodovia Transamazônica. Mas a verdade é, que este governo, representa o período mais absoluto da repressão, violência e supressão das liberdades civis da história republicana do Brasil. É nesse panorama que, em 1971, há uma reforma no ensino de 1º grau, cuja Lei de número 5.692/71 apresenta dois pontos fundamentais: a extensão da escolaridade obrigatória (o chamado 1º grau), fazendo a junção do primário com o ginásio e a generalização do ensino profissionalizante no nível médio ou 2º grau.

Com a crise do petróleo, a partir de 1974, o “milagre brasileiro” também começou a ruir. Em 1979, toma posse o General João Figueiredo que tem a difícil tarefa de garantir a transição do regime militar para a democracia. Em 29 de agosto de 1979 é aprovada a Lei da Anistia, que começa a ser discutida na segunda metade da década de 70 reunindo entidades do movimento estudantil e sindical, organizações populares, OAB⁶, ABI⁷ e a Igreja. A crise do país vai tornando o clima propício para as lutas de movimentos liberais. Em 1984 há uma grande mobilização nacional que é chamada de “Diretas Já” que como o nome já diz, é a luta do povo pela volta do voto direto para todos as esferas governamentais. Diante do quadro de profundas crises que instaura-se no país, a nível social, político e econômico, o Estado procura formas de diminuir as desigualdades e de dar assistência aos que necessitam. Com isso, a educação passa a representar uma das estratégias designadas a realizar a justiça social como mostra Xavier (1994) referindo-se ao III PSECD (III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto, 1980-1985) do Ministério de Educação e Cultura, que é elaborado no governo João Figueiredo e que reflete o compromisso com a sociedade, com os excluídos. O PSECD atribui à educação um importante papel na política social, sendo um dos elementos significativos na luta contra a pobreza. Propõe um serviço educacional que respeita as características e necessidades da população carente e incorpora o universo cultural da comunidade em que se insere. A proposta educativa desdobra-se em: educação e trabalho produtivo, educação e vida comunitária, educação e cultura.

Em 1985 um Colégio Eleitoral elege como Presidente do Brasil Tancredo Neves tendo como vice Jose Sarney, dando início a transição democrática. Poucos dias

⁶ Ordem dos Advogados do Brasil

⁷ Associação Brasileira de Imprensa

antes de assumir como Presidente, Tancredo Neves morre, assumindo o vice Jose Sarney.

A partir de 1985 com o presidente civil José Sarney, no contexto da Nova República, surge a proposta de “educação para todos” que preocupa-se em termos teóricos com o acesso ao sistema escolar, à qualidade de ensino, à valorização dos professores e com o grande número de analfabetos. Ainda há a proposta da redefinição da escola de acordo com a realidade brasileira, e a recuperação da qualidade e credibilidade da escola pública. São estabelecidos os objetivos básicos e respectivos programas a educação que contempla o uso de *recursos tecnológicos para fins educativos* – que é chamado de *Programa Novas Tecnologias*. Apesar da educação pública estar em estado lastimável nesse período, o governo manifesta seu interesse em investir na informatização em educação, realizando em agosto de 1982 o “I Seminário Nacional de Informática em Educação”. No ano seguinte, com os Projetos Educom (Educação por Computador), o governo define uma política de informática na Educação, que beneficia as escolas de 2º grau. Apesar da crise política e de todos os problemas educacionais que existem na época, o governo já começa a se preocupar com as tecnologias que devem incorporar ao sistema educativo nacional. Mas todos os projetos feitos neste período, têm uma curta duração e o país não consegue engrenar na nova era comunicacional que surge em todo mundo. Durante o período de governo de José Sarney foi eleita popularmente uma Assembléia Constituinte que elabora a Constituição de 1988

De acordo com a nova Constituição, em 1989 foi eleito com sufrágio universal o Presidente Fernando Collor de Melo, dando início a consolidação do regime democrático.

As metas que foram traçadas no Brasil desde a ditadura militar até o governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), não chegam a resultados positivos. Mas há no país uma nova discussão, que transcende os muros das escolas e se espalha por toda a sociedade, que são os direitos dos homens enquanto cidadãos, os padrões éticos que devem conduzir a política, a vida pública e o cotidiano de todos os indivíduos enquanto membros da sociedade. Com o descrédito de toda a

população diante da política, das falsas promessas, da não concretização das propostas de desenvolvimento nas políticas sociais em geral e na educação em particular, tornou-se efervescente a necessidade de uma reflexão do momento vivido, buscando renovar e procurar novas estratégias para sistematizar a educação no país. Mas se, no início do século XXI ainda não foi possível resolver o problema do analfabetismo, torna-se mais difícil adaptar-se ao avanço tecnológico que velozmente modifica as relações humanas.

Um currículo que contenha essas questões abordadas acima, é uma alternativa de mudança no ensino do Brasil, por isso todas as discussões surgidas nos últimos anos, fizeram nascer uma nova Lei de Diretrizes e Bases Nacional⁸ (1996) e um novo Currículo Nacional – Parâmetros Curriculares Nacionais, que se preocupa com a construção de uma educação básica voltada para a cidadania. O currículo é o eixo norteador dessas possíveis mudanças que se acredita que poderão acontecer no país.

⁸ O Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nasceu em virtude da exigência do art. 5º, XV, da Constituição Federal de 18 de setembro de 1946.

1.5 Mudanças (Inovações) Educacionais Brasileiras

O Brasil, é um país que está na situação de ocorrência de inovação no sistema educativo. Hoje a nação apresenta uma enorme desigualdade social, uma larga faixa da população na mais absoluta miséria, falta de condições mínimas de sobrevivência digna, ao lado de grandes fortunas e de um avanço tecnológico e científico a nível de primeiro mundo. E com isso, geram-se fortes crises sociais, onde a violência, o desemprego, o tráfico de drogas, a destruição ambiental, são só alguns dos fatores da situação real do país. É claro, que a escola fazendo parte desta sociedade desordenada e caótica, viu dentro dos seus muros todos esses problemas. *“A escola, estando, por força da sua acção, integrada num mundo em crescente mudança inovadora, não pode alhear-se do que ocorre a sua volta, no plano tecnológico, como ao nível dos valores”*. (Pardal,1997:21) , por isso nos últimos anos a educação tem sido alvo de grandes foros e discussões, trazendo à tona os problemas que precisam ser enfrentados pelo país, nesse início de milênio,

“à medida que o meio social se torna mais complexo e mais instável, as tradições e as crenças adquiridas desmoronam-se, tornam-se algo de mais indeterminado e flexível e as faculdades de reflexão desenvolvem-se; mas estas mesmas faculdades são indispensáveis às sociedades e aos indivíduos para se adaptarem a um meio mais móvel e mais complexo”. (Durkheim, in Pardal, 1997:113).

A Constituição Brasileira, de 1988 norteia os princípios que serão seguidos pela Educação como: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender e ensinar; pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; (...) gestão democrática do ensino público; garantia de padrão de qualidade.

Foi através desta discussão que surgiu a nova Lei de Diretrizes e Bases do Sistema Educacional (L.D.B.), Lei n.º 9.394, de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Almeida Junior citado por Saviani (1996) entende *diretriz* como linha de orientação, direção; e base como superfície de apoio; alicerce. Refere-se *“ao alicerce sobre o qual será construído o edifício e não ao próprio edifício”*. (93)

A L.D.B. no Título I , art. 1º dá a seguinte definição para Educação:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Quando se formula uma lei de Diretrizes e Bases, visa-se o sistema educacional, então esta Lei terá que preencher as condições necessárias a construção desse sistema. Por isso não se pode *“pensar em uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sem se tomar consciência dos problemas*

nacionais". (Saviani, 1996:96). Faz-se necessário o conhecimento da realidade nacional onde a Lei está sendo criada, para que esta possa vir a intervir sobre os problemas reais que se apresentem e tente solucioná-los. Além disso, como se trata de uma Lei de Diretrizes e Bases, ela deverá indicar os objetivos e os meios da Educação Nacional e deverá ser a expressão jurídica de uma teoria educacional (pedagogia).

É importante salientar que a teoria não faz o sistema, ela é apenas uma condição necessária para que ele se faça. Quem faz o sistema são os indivíduos quando assumem a teoria na sua práxis. O sistema educacional é feito pelos educadores quando assumem a teoria na sua prática educativa.

Para criar um Programa que se aproximasse mais do educador, do educando e do seu contexto, foram distribuídos em 1998 no ensino brasileiro, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como forma de nortear a Educação no Brasil. Eles surgem da *'necessidade de se construir referência curricular nacional para o ensino fundamental que possa se discutida e traduzida em propostas regionais nos diferentes estados e municípios brasileiros, em projetos educativos nas escolas e nas salas de aula'*. (9) . Os PCNs são uma alternativa de inovação no sistema educacional brasileiro, partido do pressuposto que as mudanças devam vir instituídas e a partir desta instituição, gerando mecanismos para o aprofundamento e modificações necessárias.

Os PCNs definem as metas para a educação brasileira, e entre elas destaca-se uma que expressa que é de fundamental importância que cada escola tenha clareza quanto ao seu projeto educativo, para que possa trabalhar com autonomia fazendo com que todos sintam-se comprometidos com as metas que se propuseram a alcançar. Os projetos aparecem então, como uma inovação no processo escolar, como uma forma de modificar a educação tradicional, pensando a educação do futuro voltado para uma nova cultura, onde a construção do conhecimento seja feita por todos os intervenientes, onde todos sintam-se como atores participantes do processo educativo, integrados em seu contexto e sua cultura. A escola organiza-se como um espaço vivo, onde educandos e educadores exercem sua cidadania, aprendendo assim na prática, a importância de ser cidadão na sociedade em que vivem e atuam.

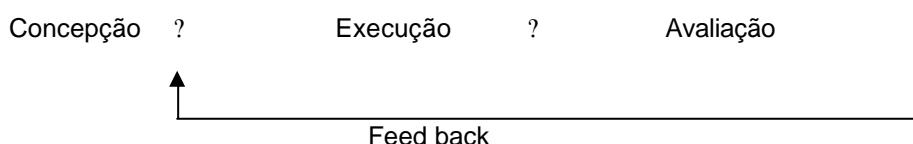
1.6 Projeto Educativo

O projeto educativo refere-se a organização contextualizada, ao plano de ação que a escola irá definir, a maneira de organizar-se, de acordo com a realidade social e o momento histórico que atravessa a sociedade. O currículo é um projeto de uma sociedade inteira, enquanto o projeto educativo corporiza essencialmente um plano de ação num contexto determinado, definido pela

autonomia das escolas, visando construir uma identidade para o ambiente escolar. Identidade essa que deverá ser construída pela escola a partir de suas próprias escolhas e que poderá ser chamada de gestão curricular. Gestão curricular pode ser designada como a corporificação que cada escola daria ao currículo instituído. Institui-se a descentralização de decisões, onde a maioria das deliberações é tomada pelos professores e pela escola, dando assim, *“maior responsabilidade aos gestores locais do currículo – as escolas e os professores concretos, trabalhando profissionalmente para uma determinada comunidade com o seu conjunto concreto de alunos.”* (Roldão, 1999: 26). É preciso (re)pensar a escola na sociedade que está inserida e a partir daí *“reequacionar as questões curriculares clássicas – ensinar o quê? A quem e para quê ?”* (ibidem : 35). A gestão curricular mostra o significado do ensino através dos projetos educativos da escola.

Qualquer projeto envolve sempre uma visão prévia dos seus resultados. Para que atinja os objetivos desejados, tem de ser planejado e concretizado cuidadosamente. Assim, num projeto podem considerar-se três momentos fundamentais: o planejamento, a realização e a obtenção do produto desejado. Um projeto, segundo Freitas (1997) pode ser considerado como processo – enquanto está se realizando – e como produto – depois de realizado. Todo projeto educativo visa, fundamentalmente, uma aprendizagem mais efetiva para os alunos, competências a serem atingidas e pressupõe a participação de todos os intervenientes no processo educativo.

Segundo Costa (1992), um projeto segue as seguintes etapas:



Mesmo que a execução possa ser entendida com a fase principal de todo o processo, cada uma das fases tem a sua importância e não pode ser esquecida. É crucial que todos intervenientes participem de todas as etapas do ação. Enquanto processo, os projetos de escola devem mobilizar os diferentes membros da organização social, que irão agregar-se em princípios, valores e políticas que os orientem e os mobilizem. É um processo lento, que deverá ter interação entre os participantes, muitas vezes gerando conflitos, onde as estratégias precisam ser ajustadas tanto individualmente como em grupo, *“em que se vai sedimentando o sentimento de pertença a uma mesma comunidade educativa e construindo os espaços de autonomia da própria escola.”* (Barroso , 1992 : 30)

Atualmente a escola, está enfrentando uma crise, pois está distanciando-se da sociedade a qual está inserida e do próprio cotidiano dos alunos, quando fundamenta-se somente no discurso oral e na escrita, desconhecendo o universo audiovisual que domina o mundo contemporâneo. O avanço do que pode se considerar a revolução comunicacional acarreta mudanças rapidíssimas e de impactos imprevisíveis que todavia não dispensam, antes requerem, a formação e educação dos indivíduos para a gestão da informação disponível a uma escala antes impensável e para o uso de tecnologias cada vez mais sofisticadas. Também esta mudança estrutural requer novas conceptualizações do que se pede: que a escola não só se torne *acessível* a todos, mas *inteligível* para todos, num mundo em que não aceder à informação definirá a irremediável exclusão (Comissão Européia, in Roldão: 51). Os PCNs, preocupados com essa realidade, colocam em sua introdução a necessidade de uma mudança em toda a estrutura educacional, começando pelo currículo, inovando no sentido de introduzir os projetos educativos que terão o compromisso de contemplar as reais necessidades de cada escola. A importância dos projetos educativos se dá quando esse se “*materializa em atividades localizadas, vivenciadas por sujeitos específicos, espacial e temporalmente situados*” (Moreira, 1999:25).

O caráter local do projeto, que parte da realidade dos educandos e educadores faz com que possam ser discutidas as reais necessidades de incorporação no processo de ensino-aprendizagem das novas tecnologias, superando o distanciamento entre a chamada escola regular e a escola paralela⁹.

A formulação de um projeto educativo, segundo Martins (in Moreira,1995) é afetada pelas novas concepções de ciência e pelas novas tecnologias comunicacionais e cognitivas, que são responsáveis atualmente por significativas mudanças nas vidas dos *indivíduos* e das sociedades.

Além de agentes educativos, as tecnologias são contempladas como objetos de estudo para a educação, quando se trata de usá-las de maneira a provocar seu uso crítico, quando são incorporadas ao currículo escolar, quando são agentes de reflexão para professores e alunos e todos os atores escolares. O professor nesse meio citado, terá a figura de educador, marco decisivo na incorporação, na seleção e critérios para o uso dos meios de comunicação no contexto educativo. Portanto, é fundamental que a escola garanta o acesso a uma educação de excelência, na qual educandos e educadores, num nível de igualdade sociocultural, construam, desconstruam e reconstruam sua realidade social e cultural. O aspecto central nesta dinâmica é a descoberta coletiva de formas e estilos democráticos de convivência. “*Os professores não ensinam apenas conteúdos. Através da sua prática, também ensinam como pensar criticamente*”. (Freire, in Torres, 1998:55)

⁹ Escola Paralela definição dada por Porcher (1974) para os meios de comunicação de massa que chegam a toda a sociedade, fora da escola e que trazem **(in)* formação cultural nos mais variados domínios.

* colocado pela autora da dissertação

Essa integração das tecnologias, no caso do Brasil, não somente a nível curricular ou de projetos educativos de escola, mas efetivamente em sala de aula, implicam um novo quadro para o sistema educacional, onde o professor assume a posição de mediador entre o conhecimento e os alunos; onde a descoberta, a análise, os questionamentos e as respostas são construídos em conjunto. O sistema convencional, professor (emissor) aluno (receptor) abre caminho para a bidirecionalidade, onde ambos são emissores e receptores.

Trabalhar com as Tecnologias Educativas torna-se muitas vezes um sonho longínquo, em países de terceiro mundo, porque enfrenta-se ainda o desafio da superação do analfabetismo e já se coloca um novo desafio sem ser vencido o primeiro. A superação do analfabetismo icônico nos educandos das escolas, principalmente das escolas públicas, precisa de uma política econômica e social que diminua as diferenças entre as classes e nessa nova política, um novo sistema educativo deve ser estruturado, pensando em primeiro lugar na erradicação do analfabetismo, onde todos tenham acesso a leitura e escrita de, pelo menos, sua língua materna e a partir disto, conhecer as diferentes linguagens que os cercam. É essencial que o currículo questione a importância do uso das tecnologias educativas no ensino-aprendizagem refletindo sempre que essas venham transformar o processo educativo, considerando a *“linguagem audiovisual como a linguagem da sociedade do próximo milênio”*. (Pretto, 1999:103).

Pensando em currículo enquanto projeto de ensino, onde se decide o que pode e pretende-se fazer na escola, é muito importante que o Projeto Educativo específico de cada estabelecimento incentive o uso dos meios de comunicação em sala de aula, para aproximar o ensino da realidade dos alunos.

Os projetos só existirão se houver dentro da escola, uma organização democrática, que assegure que toda a comunidade participe da elaboração dos currículos e dos temas discutidos em sala de aula. Que as atividades desenvolvidas tenham como base a realidade social conhecida pelos alunos, e não a imposta por livros ou currículos criados por autoridades. Uma escola onde a participação esteja em todos os níveis e feita por todos os atores. Em uma escola democrática, o currículo é compreendido não como um produto pronto, acabado, para ser consumido, mas como um processo em constante construção, que faz e se refaz, fundamentalmente, como um caminho onde a participação dos atores que interagem no processo educativo é condição de sua construção. Zabalza (1992) referindo-se a projeto, diz que esses se constituem uma maneira de pensar a educação e o trabalho nas escolas numa perspectiva de envolvimento num projeto coletivo, sem que cada um pense na “sua” disciplina como única.

É através da Gestão Curricular, que a escola definirá os objetivos que serão determinantes durante a execução do projeto. É através dela que definir-se-ão as prioridades da instituição, as políticas educacionais, as metas a serem atingidas, os planos de execução, os recursos utilizados, o processo de ensino e aprendizagem desenvolvidos. O Projeto deve formalizar-se *“num documento orientador*

da acção da escola, onde se registam os alvos a atingir, as opções estratégicas a seguir, em função do diagnóstico realizado, e dos valores perfilhados, no quadro das competências e funções que lhe estão atribuídas” (ibidem:30)

O Projeto Educativo de Escola aparece sustentado por uma nova concepção política de sociedade que tem como modelo a democracia participativa, que a nível educativo baseia-se num sistema de ensino descentralizado e por uma comunidade educativa com *“autonomia suficiente para definir e implementar o seu próprio Projecto Educativo”* (Costa, 1991: 12)

A autonomia nas decisões e a participação de todos os que interagem no funcionamento de uma escola - direção, professores, alunos, funcionários, pais e comunidade - irão fazer do espaço educacional um espaço de debate e diálogo democrático, procurando os *“consensos partilhados”* (Costa, 1998:55). Segundo Barroso para gerar um projeto educativo é preciso construir consensos e essa construção deve ser orientada para a ação. Precisa de uma liderança forte e mediadora dos conflitos e divergências, no quadro de uma gestão participativa. As escolas, a partir disto, terão os projetos que foram ideados, de acordo com o que foi discutido e dos consensos que chegaram os intervenientes no processo decisional. Será um projeto único conforme decisão da escola, *“ não há projetos iguais para escolas diferentes”*. (Barroso, 1992: 32)

A Gestão Curricular mostra o significado do ensino através dos projetos educativos. O projeto deve ser formalizado em um documento orientador da ação escolar, designando os objetivos a atingirem, as estratégias a seguirem e os meios para atingirem os objetivos propostos. É um instrumento orientador e facilitador da gestão, que quando colocado em prática, determina um novo perfil para a escola, definindo um *“novo protagonismo em termos de acção, investigação e inovação educacional”* (Costa, 1991:53)

Para um projeto ser construído na escola, é preciso que haja interesse por parte de toda a comunidade escolar e que todos se sintam mantenedores do futuro desse projeto. Seria a descentralização das decisões, onde estas seriam tomadas em conjunto, com a participação de todos os atores. O modelo curricular poderia até vir pronto, mas deveria adaptar-se ao contexto, aos educandos e aos agentes educacionais. Lima (1998) refere-se a esse assunto, refletindo que um modelo curricular decretado sem que existam os atores escolares que o adotem e o

concretizem, não existirá no plano da ação; já a organização escolar poderá ocorrer sem um "modelo decretado", ou em oposição a esse modelo.

Segundo Freire, é necessário uma (re)construção curricular, onde todos os atores que integram o espaço escolar discutam e participem, não renegando a atuação dos especialistas¹⁰, mas fazendo com que estes não se sintam como “*proprietários*” exclusivos de uma função tão importante na construção educacional. Só assim, torna-se possível “*democratizar o poder da escolha sobre os conteúdos a que se estende necessariamente, o debate sobre a maneira mais democrática de tratá-los (...)*” (in Lima, 2000: 59)

O fazer em conjunto é a construção da escola como um todo, onde existe uma cumplicidade entre o que se ensina e o que se aprende. Procurar conhecer o contexto escolar, respeitar a história de cada um, ou seja, viver a democracia no cotidiano, “*uma escola (mais) democrática é, por definição, uma escola (mais) autônoma, em graus e extensão variáveis e sempre em processo*”. (Lima, 2000:75). A escola deve estar atenta sobre a função que deve desempenhar, deve ter o compromisso de possibilitar aos alunos e alunas o conhecimento histórico que contribua para a sua cidadania. O ensino deve preparar o educando para o mundo que o cerca, fornecendo-lhe um instrumental - por meio da aquisição de conteúdos e da socialização - para uma participação, organizada e ativa na democratização da sociedade, uma concepção de educação “ *problematizadora, libertadora, comprometida com a emancipação*”. (Freire in ibd.)

A contribuição do currículo reside justamente no fato de impedir que nada de importante escape à preocupação formativa da escola. À medida que muda a idéia acerca do que é realmente importante para os indivíduos, também os currículos vão se transformando, incorporando os novos âmbitos de formação (Zabalza, 1992:94 in Canário).

¹⁰ Especialistas no Brasil, são chamados os orientadores, os supervisores e os administradores escolares.

A transformação curricular visa constituir novas condições de ensino-aprendizagem, estabelecendo uma associação entre escola e sociedade, entre o momento em que vivem os educandos e o conhecimento histórico que precisa ser transmitido. Para Sacristán , é preciso que no currículo escolar , além das áreas que são estudadas atualmente, incorporem-se noções de higiene pessoal, de educação para o trânsito, de educação sexual, que a escola se abra ao novos meios de comunicação, etc., respondendo às necessidades dos jovens de integrar-se no mundo que os cerca. Salienta a importância de novas áreas para constituir o núcleo básico do currículo, que tanto podem ter valor próprio, como podem ser diluídas em outras. Entre essas áreas destaca-se a comunicação através de códigos verbais e não-verbais, que se ocupa entre outras coisas da comunicação audiovisual, dos meios de comunicação de massas, de sua significação na vida diária... .

CAPÍTULO SEGUNDO

A Tecnologia Educativa, sua definição, os recursos mais usados no ensino-aprendizagem e a importância da inserção das Tecnologias no Currículo Escolar, são os temas tratados no capítulo que se apresenta a seguir.

1. O CURRÍCULO E A INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS

1.1. Tecnologia Educativa - origem, conceito e breve histórico

O vocábulo *tecnologia* deriva-se do grego *technê*, que significa arte, fim prático e de *logos* que quer dizer estudo de, tratado. É um termo polissêmico e com múltiplas interpretações.

Conforme Gallego (1996), a palavra tecnologia refere-se a aplicação do conhecimento científico a fins práticos. Situa a tecnologia como o estudo das técnicas, das ferramentas, das máquinas, dos materiais que irão complementar ou realizar o trabalho humano. Oviedo (internet) a define como o conjunto de conhecimentos e métodos para o desenho, produção e distribuição de bens e serviços, incluindo os que estão incorporados aos meios de trabalho. A tecnologia é uma atividade social que não existe sozinha, ela é um produto criado pelo homem a serviço dele próprio.

Pensando em tecnologia não de forma genérica, mas restringindo o seu significado a tecnologia educacional pode-se conceituá-la segundo Sancho (1998) como todas as ferramentas intelectuais, organizadoras e de instrumentos que estão à disposição ou são criados pelos atores educacionais, articuladas ao saber escolar, utilizando-se de diferentes fontes para a informação – dos textos impressos às redes de comunicação.

Segundo Pereira (1993), os objetos técnicos que chegaram à escola, serviram como mediadores de comunicação, alterando a relação pedagógica existente até então. O referido autor, diz que num sentido restrito, pode se chamar de Tecnologia Educativa "*o estudo da adequação desses objetos técnicos a ambientes de aprendizagem*".

Já num sentido lato, continua Pereira, a Tecnologia Educativa estuda os processos educativos e apresenta outros aspectos como: o repensar - os modelos de

comunicação ; a articulação entre teoria e prática pedagógica; a relação entre sociedade, aprendizagem paralela e prática pedagógica; a sala de aula com espaço onde convergem várias linguagens e vários micromundos.

O termo *Tecnologia Educativa* e seu conceito começaram a ser usados após a 2ª Guerra Mundial. Aparece como disciplina de currículo pela primeira vez, em Educação Audio Visual, no ano de 1946, na Universidade de Indiana. Eram utilizados os meios audiovisuais com finalidade formativa.

Acontecia ao mesmo tempo, a divulgação dos trabalhos de Skinner, que se baseavam no condicionamento do uso da chamada *máquina de ensinar* e no *ensino programado*. Introduzia-se a psicologia condutivista. A lei do efeito é apropriada por Skinner para definir o comportamento operante, constituído por associações estímulo-reforço (positivo ou negativo) às respostas de um sujeito. Suas formulações resultaram na "instrução programada" e no "ensino melhorado" (utilizando o computador) A aprendizagem ocorria devido ao reforço positivo ou negativo. Ele não procurava explicar o que ocorria com as pessoas durante o processo de aprendizagem, mas preocupava-se com o controle do comportamento que podia ser observado por meio das respostas do indivíduo.

A partir da década de 60, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa - principalmente o rádio e televisão - passa a influenciar o comportamento da sociedade A facilidade de penetração destes meios, gera uma mudança, tanto nos padrões comunicacionais, como nos hábitos e costumes dos cidadãos. A influência que ocorre é devido principalmente a forma de comunicação acessível e sedutora, como nos caso da televisão, e que através de campanhas publicitárias e redes de marketing, ditam regras de comportamento, mudando os modelos sociais. Como era de se esperar, a influência da televisão começa a ser percebida em todos os setores, chegando à área educacional, com a aplicação dos media no ensino.

A informática começa a desenvolver-se a partir dos anos 70 e os computadores passam a integrar os projetos das escolas, principalmente em países desenvolvidos.

Esses são utilizados como *máquinas de ensinar* usando ainda o ensino programado. As conferências sobre formação para os professores têm os seus primeiros encontros, destacando-se a promovida pela UNESCO em 1970, que trata de formação para técnicos de ensino.

Há a necessidade de definir o conceito de tecnologia educacional, delimitando o seu campo de ação, apesar da dificuldade que isso representava. A Comissão sobre Tecnologia Educativa dos Estados Unidos, propôs em 1970, uma declaração que enuncia o seguinte conceito para Tecnologia Educativa:

"É uma maneira sistemática de projetar, levar a cabo e avaliar o processo de aprendizagem e ensino em termo de objetivos específicos, baseados na pesquisa da aprendizagem e na comunicação humana, empregando uma combinação de recursos humanos e materiais para conseguir uma aprendizagem mais efetiva"
(Tickton, 1970 in Pons, 1998:53)

No final dos anos 70, Papert, da Universidade de Massachuttes, desenvolve uma linguagem de programação - LOGO - que introduz a concepção de micromundos, baseado no paradigma construtivista. O aluno transporta-se de uma atividade passiva diante do computador, onde os principais exercícios eram de erro-acerto (Skinner), para a construção do seu aprendizado, num ambiente capaz de fazê-lo pensar, refletir, interagindo com o seu meio. O processo de aprendizagem deixa de ser controlado totalmente pelo professor, sendo o aluno responsável pela exploração do objeto, de acordo com a sua interpretação.

Os anos 80 trazem as novas tecnologias da comunicação e informação (NTIC), apoiadas no desenvolvimento da informática. A aplicação das tecnologias (computador, vídeo, televisão) no contexto educativo, irão reforçar as pesquisas sobre a interatividade entre homem e máquina, importando-se também com a análise dos ambientes. Segundo Blanco et al. somente neste período pode se falar em TE, a partir das focagens sistêmicas e de hipermídia, que perspectivam-na como um processo complexo e integrado, que implica homens e recursos numa "interacção Homem-máquina, métodos que exigem inovação e uma organização

eficiente (engenharia de sistemas) para analisar os problemas e imaginar, implantar, gerir e avaliar as suas soluções numa nova meta caracterizada por mudança educativa". (1993:42)

Os anos 90 e 2000 trouxeram uma nova abordagem a Tecnologia Educativa. Atualmente discute-se além da necessidade de incorporá-la ao ensino-aprendizagem, encontrar a melhor forma de o fazê-lo, de modo que os alunos não se sintam apenas como receptores passivos. É importante que os países em desenvolvimento acompanhem a evolução tecnológica que se expande pelo mundo, com a utilização e crescimento da Internet, o hipermédia (hipertexto e multimédia), a realidade virtual. Esse crescimento da informática, como forma de comunicação e informação, encurta as distâncias, aproxima o mundo, constrói novos modos de interação, mas paralelamente cria um novo desafio que é o de não deixar que os países de 3º mundo, fiquem de fora, desta literacia tecnológica. Por isso, cabe a escola, mais uma vez, a responsabilidade de proporcionar aos educandos o acesso ao conhecimento da era tecnológica.

1.2 Principais Tecnologias aplicadas ao ensino-aprendizagem

A Tecnologia Educativa abrange vários recursos didáticos, e cabe ao professor usá-los como subsídios para o seu trabalho. Esses recursos são utilizados como meios de comunicação entre alunos e professores e dão a possibilidade de introduzir em sala de aula, uma abordagem problematizadora e questionadora da realidade que é apresentada.

A escolha dos meios que serão usados no ensino-aprendizagem, dependerão dos objetivos definidos para que se empreguem algumas tecnologias em detrimento de outras. O professor possui, em algumas escolas, recursos didáticos variados e cabe

a ele, escolher quais os que mais se ajustam a sua metodologia e aos objetivos propostos.

Moderno (1992) apresenta uma classificação dos recursos didáticos presentes nas escolas, que não se enquadra como um esquema fechado, mas aberto e em constante formação.

A classificação apresenta:

Os ***meios não tecnológicos***: homem media, realidade ao vivo.

Os ***meios da escola paralela***: recursos ao "mass media" .

Os ***meios Tecnológicos*** que apresentam a ***tecnologia da imagem fixa*** como fotografia, transparência,...; ***tecnologia da imagem em movimento e do som***: filmes, videodisco, disco óptico...; tecnologia ***informática***: computador, hipermedias, meios interativos...

Continua Moderno afirmando que todos esses meios da Escola Paralela são transformados em documentos pedagógicos, quando selecionados e integrados ao ensino-aprendizagem.

Este trabalho escolheu entre os recursos didáticos existentes, a televisão, o cinema (vídeo) e o computador, integrados ao ensino de Língua Portuguesa e que serão tratados no fim do capítulo.

1.3 Currículo Escolar e a Integração das Tecnologias Educativas

Concebendo currículo como " *o conjunto de aprendizagens que, por se considerarem socialmente necessárias num dado tempo, cabe à escola garantir e organizar*" (Roldão, 1999:24) conclui-se que o seu objetivo principal é a efetiva aprendizagem dos alunos, e para que isso aconteça, precisa estar acordado com o seu tempo e seu contexto. Não há possibilidade de ensino-aprendizagem, se não houver consonância do currículo com o ambiente escolar, com os alunos e professores. Segundo Zabalza (1992) o currículo deve estar sempre em transformação, de acordo com as necessidades prementes do momento que está sendo desenvolvido. Ele é entendido como algo sempre em construção, que dependerá dos contextos nos quais se desenvolve para o torná-lo significativo. Contextos esses que segundo Kin (in Sacristán) podem ser classificados como o contexto de sala de aula, o contexto pessoal e social, o contexto histórico e o contexto político. Não foi citado pelo referido autor o contexto geográfico, que no caso do Brasil é muito importante, devido a dimensão do país que tem características totalmente diferentes de uma região para outra. É através desses diferentes contextos que o currículo se desenvolve e ganha significado.

O sistema educacional é fortemente influenciado pela perspectiva social, política e cultural da sociedade onde se insere, assim sendo, não pode deixar de lado o processo tecnológico que hoje invadiu a maioria dos serviços usados pelos cidadãos. Novas formas de pensar a escola implicam necessariamente possibilitar a aproximação entre comunicação e educação. Nesse processo, o sistema educacional só mudará e acompanhará as transformações atuais, se deslocar seu foco em função de conhecer a realidade dos alunos e o mundo que os cerca. Se o significado curricular está ancorado no que é necessário transmitir nesta sociedade e no momento histórico vivido, é preciso que a escola desempenhe seu papel de facilitadora da cultura, evoluindo em seus métodos de transmissão cultural, associando a vida extra-escolar dos educandos - a escola paralela - ao cotidiano

educativo. É preciso uma nova maneira de mediar o conhecimento, que segundo Doll (1997) misture o *"tecnológico com o humano, o provado com o inovador e o sério com o divertido"*. (24)

Nas últimas décadas, com a evolução tecnológica que aconteceu em todo o planeta, as informações e imagens geraram um novo mundo - que está em constante transformação - mais rápido e globalizado onde o tempo e o espaço são relativizados. Para que as escolas sobrevivam nesta nova sociedade, terão que refletir sobre as formas possíveis de mudanças, para alcançarem as inovações ocorridas nos vários setores sociais. Essas mudanças indicam que surgiram novos valores, mais preocupados com a condição humana, preconizando a justiça, a igualdade social, a solidariedade, a cidadania. Esse mundo em (in)formação, traz uma estrutura comunicacional muito desenvolvida, onde homem e máquina adquirem uma nova dimensão, modificando as estruturas educacionais vistas até agora.

Se o currículo é, segundo Sacristán (2000), um ponto central de referência para melhorar a qualidade do ensino, mudar as condições da prática educacional, aperfeiçoar professores, renovar a instituição escolar em geral e os projetos em particular, então é preciso que nele o momento atual seja contemplado, para que a escola problematize e contextualize a realidade que cerca os educandos. Não é possível avaliar-se a qualidade do ensino, com um currículo distanciado e desassociado das aprendizagens extra-escolares dos alunos.

Fazendo o sistema escolar parte da sociedade e sendo o currículo parte desse sistema, ele refletirá os valores da sociedade a qual está ligado. Ele não é neutro, pois através dele, os grupos sociais dominantes garantem o controle sobre os demais grupos. A seleção dos conteúdos, o número de horas de cada disciplina, a hierarquia dos conteúdos, o que é considerado válido para a aprendizagem, é decidida sempre de maneira hegemônica, sendo dirigido a atingir os que têm uma cultura de classe média e alta. É importante salientar que assim como não há neutralidade nos currículos, também não há nos meios de comunicação:

“ a tecnologia, tal como o tempo histórico a tem definido, é um instrumento de poder cuja simbologia está enraizada nas práticas sociais. O princípio da neutralidade não se aplica, por conseguinte, nem ao currículo, decidido numa inter cruzilhada de práticas que implicam

juízos de valor, nem à tecnologia, utilizada cada vez mais como um símbolo de poder.”
(Pacheco, 2000:17)

A concentração das informações nas mãos de um pequeno grupo, que preponderantemente detêm o poder, é uma maneira fácil de manipulá-la. O domínio cultural, político e econômico determina que haja sempre um grupo de privilegiados que mantém a autoridade, manipulando e influenciando a todos os outros. Torna-se necessário assim, incluir nos currículos escolares, a integração das tecnologias educativas, de forma crítica e reflexiva para que os futuros cidadãos possam modificar essa situação de poder que permanece inalterada há muitas décadas. A escola precisa discutir estas questões, enfrentando os problemas que afligem a sua geração, tentando modificar as estruturas definidas, fazendo com que os educandos sejam incluídos em todas as relações, para que exerçam sua cidadania de maneira plena. Nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, o baixo índice de escolas que possuem equipamentos e estrutura para o uso das tecnologias, dificulta de certa maneira o uso efetivo de meios audiovisuais no ensino.

Uma das formas de integrar o mundo pós-moderno¹¹ aos sistemas educacionais é através da gestão diferenciada de currículo, onde a escolas possam assumir a sua autonomia, coordenando um ensino que esteja ligado a vida social dos alunos, inerente ao seu tempo, incorporando ao processo educativo o mundo tecnológico. Hoje existe a real necessidade dos educandos das escolas públicas conhecerem as linguagens que os cercam, de maneira crítica e reflexiva, discutindo e modificando a realidade que está a sua volta.

Muitos alunos terão, somente na escola, acesso às tecnologias, principalmente ao computador, por isso é de crucial importância que incentivem-se projetos que incluam estas no processo escolar, para garantir aos cidadãos de classes baixas a cognição necessária para interagirem no mundo que os cerca. Os currículos devem

¹¹ Pourtois e Desmet dão como definição de pós-modernidade nas pesquisas científicas, a perspectiva de sinergia entre as duas concepções epistemológicas e metodológicas - subjetivismo e objetivismo de forma articulada e integrada, sem oposição. Complementando Doll dirá que com o pós-modernismo há uma curiosa mistura de dois códigos dentro de uma matriz estrutural. Matriz que é ao mesmo tempo, dialética, paradoxal e desafiadora.

contemplar esta nova dimensão tecnológica (que modifica as noções de tempo e espaço que foram aprendidas até agora), preocupando-se com o processo educacional, com a construção do conhecimento, onde o aluno sinta-se engajado e incluído no ambiente escolar e fora dele.

O professor, como mediador entre o currículo e os educandos, deve saber de que maneira usar as tecnologias para que essas não sejam apenas um recurso auxiliar das disciplinas, ou para que não haja a ilusão que a incorporação desses meios possam a vir resolver todos os problemas do ensino. A integração da tecnologia em sala de aula, no caso em Língua Portuguesa, pode trazer uma dinamização na maneira de mediar o conhecimento, fazendo o aluno interessar-se mais pelo que ouve e vê. *“A imagem como suporte de conhecimentos, exige esforço de atenção, de concentração, de compreensão e memorização. Por isso, ao longo das diversas etapas, o ritmo deve variar segundo a matéria e os alunos, de modo a permitir a reflexão e a descoberta”* (Moderno- texto policopiado: 9)

Busca-se uma capacitação do aluno para interagir na sociedade onde vive. É preciso que ele adquira competência crítica na recepção das informações e que a escola esteja preparada para trabalhar com às tecnologias, formando seus professores para o acesso as informações que fazem parte do mundo atual. *“Fornecer aos alunos os conhecimentos necessários para uma leitura consciente das imagens, levá-los a descobrir os seus códigos e contribuir para a integração do futuro cidadão, tonado-o liberto do poder massificador ou demagógico dos media”*. (Carrilho in Moderno, 1992:127).

Pacheco, em sua conferência no *X Colóquio AIP ELF/AFIRSE*, em novembro de 2000, ressalta que:

“de facto, a tecnologia educativa, ligada ao processo de desenvolvimento do currículo, desempenha diversas funções, das quais destacamos a estruturação da realidade e a configuração da relação que o aluno mantém com o conhecimento (Zabalza, 1987) e que analisamos nas formas de organização dos saberes” (7)

Neste novo contexto, não basta somente a recepção crítica das informações e o manejo do computador, é importante também, que o aluno além de receptor, conheça os processos de produção, pois *“ é de fundamental importância o domínio dos processos tanto de recepção como de produção, uma vez que não basta a*

simples (simples?!) introdução desses meios na escola, mas sim o reconhecimento da existência de um novo logos que modifica substancialmente o fazer-educação”. (Pretto, 1999:21) Assim, a escola passa ter um outro significado, a partir da aproximação entre educação e comunicação. Consolidando a idéia dos educandos como produtores, citar-se-á um dos objetivos do colóquio “L’Education aux Medias: nouvelles orientation” realizado em 1992 pela UNESCO e Conselho da Europa, que diz que os educadores precisam encorajar os jovens a conceberem e a realizarem os próprios produtos, uma vez que só tornando-se produtores de jornais, vídeos e rádios juvenis, eles compreenderão as realidades e as condicionantes dos profissionais.

A implantação na sociedade das novas *tecnologias*¹² de comunicação e informação está produzindo mudanças em todos os segmentos sociais. Seus efeitos e o alcance que têm, podem provocar uma alteração na estrutura social, econômica e política da sociedade. As informações são divulgadas pelos meios de comunicação em uma velocidade cada vez maior. O mundo tornou-se uma aldeia global, pois tudo o que está acontecendo pode ser visto, pode ser noticiado. A realidade tornou-se virtual através do computador.

A aproximação da escola com o universo dos educandos dar-se-á pela integração das tecnologias, independente de serem conceituadas como novas ou não. Segundo Gomez (1993), à escola entre tantos caminhos a cumprir, tem a importante tarefa de incluir em seu currículo de uma forma sistemática e planejada, a necessidade da educação para a comunicação audiovisual, integrada ao ensino, para que os alunos tenham os subsídios mínimos que lhes permitam interpretar e

¹² São chamadas, segundo Gisbert (1992) novas tecnologias, o conjunto de ferramentas, suportes e canais para tratamento e acesso a informação. Define-se ainda as novas tecnologias como os últimos desenvolvimentos tecnológicos e suas aplicações. A denominação *novas* dependerá, principalmente no campo educacional, do que é usado como recursos tecnológicos em sala de aula. Para um professor não familiarizado com o vídeo e o computador, essas serão novas tecnologias “independientemente del número de años que estos medios lleven disponibles en el mercado”. (Martín, 1997:19). Ferrés (1999) pronunciando-se sobre esta questão, questiona-se sobre o que pode entrar na categoria de novo e a partir de quando deixa de ser novo, pois mesmo o retroprojetor ainda é considerado uma nova tecnologia.

criar com estas linguagens, superando seu *analfabetismo icônico*. Educar para os media atualmente, não deve ser mais uma pedagogia paralela, mas transversal a todas as áreas curriculares, tanto nas ciências exatas e humanas como nas línguas materna e estrangeira, nas artes... As diferentes disciplinas trabalharão com os media de diferentes modos, preconizando a *“utilização de conteúdos de atualidade, questões de comunicação e expressão, aprendizagem de processos de produção e de tecnologias, etc.”*. (Areal,1995:21).

O processo de comunicação que existe em sala de aula, deve alargar-se, usando meios para isso, criando condições para uma aprendizagem igualitária, onde a heterogeneidade da turma não seja motivo de desqualificação e sim um compromisso com a excelência. O currículo escolar comprometido somente com a educação obrigatória e com o que ela preconiza, dirige-se a uma *“cultura de classe média e alta, baseada fundamentalmente no saber ler, escrever e nas formalizações abstratas, e, por isso, o fracasso dos alunos das classes culturalmente menos favorecidas tem sido mais frequente, devido ao fato de que se trata de uma cultura que tem pouco a ver com seu ambiente imediato”*. (Sacristán, 2000:62). É necessário que o currículo atenda a uma nova cultura que se desenvolve no século XXI, e que está referenciada no espaço cibernético¹³, em um saber globalizado, onde a informação é cada vez mais rápida e fragmentada e a realidade é apresentada pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão. Essa realidade que está sendo mostrada, muitas vezes não corresponde realmente ao fato em si, mas a visão de quem está apresentando o acontecimento, que segundo Ferrés (1998) ao falar sobre a televisão, registra que a eficácia socializadora da informação está no fato de que ela funciona principalmente na área emocional, seguindo os parâmetros dos mecanismos de sedução e do uso do estereótipo. Concentra-se neste aspecto um ponto fundamental para a discussão curricular, pois a escola não pode ignorar o que se passa no mundo. A integração das tecnologias de informação e comunicação transforma *“não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar”*. (Perrenoud, 2000c:125)

¹³ Pierre Lévy define que o espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores.

Concentra-se a atenção entre os meios de comunicação sobre a televisão, pois esta está presente em quase todos os lares, fazendo parte do cotidiano dos educandos. É conveniente que no processo de ensino-aprendizagem sejam estabelecidos critérios de utilização, mostrando o que está além das imagens (mensagem subliminar), criticando e questionando o que é enviado como verdade e principalmente, construindo condições para transformar as informações recebidas em conhecimento, fugindo um pouco da fragmentação que aflige a era atual. O aluno deve estar preparado para receber toda a carga informativa e emocional, que é transmitida pelos meios de comunicação (principalmente a TV) e poder decifrá-la, entendê-la, criticá-la. Hoje os jovens estão cada vez mais “ *habitando o ciberespaço dos jogos Nintendo, da tecnologia, da informática, dos videocassetes e da MTV (...)* *Esse ecossistema digital produz contextos indeterminados e contingentes, em vez de ancorados em tempo biológico ou humano*” (Mclaren, 1997:47) por isso o professor precisa estar atento ao seu tempo e ao seu espaço. O processo de comunicação que existe em sala de aula, deve alargar-se, usando meios para isso, podendo enquadrar-se neste momento, o uso das tecnologias (televisão, cinema, vídeo, computador.) em aulas de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, é fundamental que a escola esteja preparada para atingir as competências que lhes serão necessárias. Em Língua Materna, é essencial que exista a discussão de projetos que integrem variadas linguagens à sala de aula, porque a diversidade de linguagens - sonoras, imagéticas, textuais - durante o processo de ensino-aprendizagem tornarão com certeza, o modo de mediação do ensino mais rico e criativo. Segundo Babin (1991) é necessário que “*um dia se aprenda em todas as escolas, não apenas a linguagem de Gutenberg mas também a dos media*”(8). Para uma gestão diferenciada de currículo em Língua Portuguesa, é preciso que estejam definidos, por parte dos professores, os objetivos que devem ser atingidos usando as tecnologias, as competências a serem alcançadas pelos alunos e as capacidades e recursos necessários para que se atinjam esses objetivos. Para Moderno a verdadeira integração dos media no ensino-aprendizagem deve ser o “*resultado de uma perfeita tomada de consciência do papel que estes meios devem desempenhar no seio do processo pedagógico (...)*” A escola deve estar preparada para assumir a tarefa de colocar em seu interior, de forma planejada, a construção de propostas curriculares que conferiram as tecnologias a importância que lhes é cabida e que estejam de acordo com o contexto escolar onde está inserida: “*A utilização didática os meios audiovisuais e da comunicação deve partir de projetos*

educativos onde os professores(as) e centros construam propostas curriculares sérias e coerentes com as necessidades educativas dos alunos(as) como futuros cidadãos” (Gómez ,1993:12)

Se o termo comunicação significa pôr em comum, conviver, o pôr *em comum*, em sala de aula é muito importante, por isso a linguagem usada pelo educador deve ser a linguagem dos educandos. *“Professor – Saber – Aluno são os principais intervenientes no processo de comunicação em sala de aula”* (Moderno, 1992 :31). Relaciona-se aqui esta comunicação entre professor – aluno , com a educação dialógica refletida por Paulo Freire, onde ambos os intervenientes são ao mesmo tempo receptor e emissor, na mediação do conhecimento. A comunicação em uma única direção, como era feita por muitos professores, onde o aluno era visto apenas como receptor modifica-se e abre espaço para a comunicação nos dois sentidos, trazendo a *“idéia de “Participação- Acção” na sala de aula”*. (Moderno, 1992: 34)

Para o aluno sentir-se motivado a participar e agir no espaço escolar, é necessário que o conteúdo que está sendo mediado lhe faça ficar curioso e que suscite nele a necessidade de participar, de construir junto com o professor o assunto que está sendo abordado. É importante para isso, incorporar em sala de aula às tecnologias educativas, pois assim o aluno sentir-se-á atraído por um universo comunicacional que já faz parte do seu cotidiano e começará através da interação aluno - professor, a perceber com mais crítica e clareza o mundo que o cerca. *“O processo de comunicação na sala de aula vai deixar de ser estático para se transformar em algo dinâmico: Emissor, Receptor, Mensagem, Código Referente e Canal interação uns sobre os outros”*. (ibidem:44)

Acreditando que a integração da tecnologia educativa ainda é um fator de inovação no ensino de Língua Portuguesa, se faz necessário incorporá-la e introduzir a partir disto, uma nova concepção de educação, baseada no diálogo, na co-construção do ensino-aprendizagem, onde o aluno reflita sobre as questões suscitadas em aula, participando, procurando achar respostas para suas dúvidas.

Para Moderno, na sociedade em que se vive, de mudanças e transformações rápidas, é essencial que à escola e os professores que nela trabalhem, tenham uma nova proposta pedagógica, que entre outras considerações, incorpore ao ensino as tecnologias educativas. A integração das Tecnologias Educativas à escola, deve fazer parte dos currículos escolares e deve vir garantida dentro dos projetos educativos de cada estabelecimento escolar, de maneira a desenvolver as competências que são necessárias ao cidadão atual. Incorporar as tecnologias em sala de aula é condição *sine qua non* para uma transformação da escola, que hoje encontra-se afastada do mundo que a cerca.

1. 4 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Integração das Tecnologias Educativas

Durante muitos anos, a discussão sobre a educação no Brasil, encabeça não somente os discursos políticos, mas o ensejo de toda a população, que quer ver o país sair da categoria de terceiro mundo. Uma das condições para que isso aconteça, é que haja investimento na área educacional. Com as mudanças surgidas após a abertura política em 1984, a nação começou a repensar o seu sistema educacional e tentou equacionar os problemas mais graves, dentre eles o analfabetismo, o abandono escolar, a falta de estrutura física das escolas entre outros tantos. Por isso foi sentida a necessidade de inovação do sistema educativo, ou seja, uma novo ensino para um novo país.

Uma das soluções apontadas para uma inovação no sistema educacional era a de uma reforma, para que a educação se adequasse ao momento histórico vivido e para que fossem saneados, pelo menos, os problemas emergenciais que apresentavam-se e ainda apresentam-se no Brasil. Como uma possível diretriz a nível teórico, o governo elaborou em 1998 - em conjunto com educadores

brasileiros, um documento chamado de *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*, que surgiram como uma contribuição para a busca de respostas aos problemas identificados no ensino e como forma de solucioná-los. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, propõem uma educação comprometida com a cidadania, por isso elegeram, baseados no texto constitucional¹⁴, princípios segundo os quais deverão orientar a educação escolar:

- ? Dignidade da pessoa humana
- ? Igualdade de direitos
- ? Participação
- ? Co-responsabilidade pela vida social .

Elegendo a cidadania como eixo norteador da educação escolar, os PCNs colocam-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitem os princípios daquela, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que a favoreça. Isso se refere a valores, mas também a conhecimentos que permitam desenvolver as capacidades necessárias para a efetiva participação social. Como o Brasil é um país de dimensão continental, com uma grande diversidade cultural, econômica e física, não é viável um modelo único para a toda a educação nacional. É preciso localizar os problemas de cada região, incorporando ali, as possíveis práticas que se ajustem aos interesses e necessidades de cada comunidade, valorizando a diversidade, construindo progressivamente a identidade (nacional e pessoal). Os Parâmetros Curriculares constituem um referencial a nível curricular nacional, que pretendem garantir a coerência das políticas para um ensino melhor. São conceituados como proposta e como tal, tendem a sofrer modificações, podendo ser concretizados em decisões regionais e locais. Portanto, não se configuram em um modelo homogêneo e impositivo, eles são a construção de uma referência nacional para o ensino fundamental. Entendendo-se a gestão curricular como a forma com que a escola põe em prática as ações do currículo (no caso brasileiro os PCNs) que vêm

¹⁴ A Constituição de 1988 garante que os fundamentos do Estado Democrático de Direito são: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, o pluralismo político (artigo 1º da Constituição Federal). Constituem objetivos fundamentais da República: construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (artigo 3º da Constituição Federal).

instituídos, cabendo-lhe o poder de decidir sobre o que ensinar, como organizar o desenvolvimento das aprendizagens e de que maneira avaliar, pode-se dizer que, os PCNs podem ter à sua gestão em diferentes escolas, de acordo com as características de cada contexto. Os estados e municípios poderão utilizá-los como *“recursos para revisões, adaptações ou elaborações curriculares, em processos definidos e desenvolvidos nessas instâncias”*. (PCNs – Introdução, 1998:51). A concretização dos PCNs dar-se-á, igualmente, nos projetos educativos de escola.

A Lei de Diretrizes e Bases (1996), em seu artigo 26, pronuncia-se a esse respeito:

“Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”.

Mesmo obedecendo a diversidade de cada região, há uma base nacional e nesta deve haver propostas que coloquem as escolas diante de situações atuais e inerentes a seu tempo, por isso a importância em discutir o uso da Tecnologia da Comunicação e Informação em sala de aula, que recebe um capítulo especial nos PCNs, o capítulo quinto.

O capítulo quinto trata da forma de incorporar a tecnologia no ensino-aprendizagem, oportunizando aos alunos sólida formação cultura e competência técnica para ingressarem no campo de trabalho, como também dar condições de formar cidadãos críticos e reflexivos que possam exercer sua cidadania, ajudando a construção de uma sociedade mais justa.

Para participar da sociedade como cidadão, o indivíduo deverá estar preparado para conhecer e modificar o mundo onde está inserido. A escola precisa, além das disciplinas escolares vigentes, dar condições para que os alunos possam compreender o universo comunicacional que os cercam, desenvolvendo capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la. Assim como a educação é multifacetada, a comunicação também o é, e é preciso criar nas escolas espaços de discussão e reflexão dentro desta perspectiva. A adequação do currículo

às necessidades reais dos educandos, prevê uma educação voltada para o seu mundo e a partir dele, construir novos conhecimentos. *“la tecnología y la innovación resulta indiscutible que la educación de un individuo en la sociedad actual no puede considerarse como tal si no incluye una preparación, del tipo que sea, para convivir con las NTM”*¹⁵ (Martín, 1997:65).

Segundo Pons (1998) uma concepção de intervenção educacional (tecnológica) baseada em uma perspectiva mais ampla não se limita a contextualizar as possíveis funções dos meios em uma proposta curricular. Seria uma *“orientação dinâmica”* que ao invés de estabelecer passos ou etapas inalteráveis propõe aos agentes do currículo *“referências para tomadas de decisões”* adaptando-se as situações vigentes. Sendo os PCNs uma proposta curricular, que pode e deve ser modificada de acordo com cada contexto, é um exemplo de currículo flexível que se adapta ao tempo e espaço que está atendendo.

Em linha gerais os PCNs se caracterizam por nove fundamentos, onde destacam-se dois que interessam diretamente ao que está sendo exposto até agora, um que aborda a importância dos projetos educativos em cada escola, para que esta possa ter autonomia e para que todos os atores educativos se sintam comprometidos em atingir as metas propostas; outro que aponta a necessidade *“do desenvolvimento de trabalhos que contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação, para que todos, alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las e/ou delas usufruir.”* (PCNs, Introdução, 1998:11)

Novamente surge a questão da Gestão Curricular, do Projeto Educativo de Escola, como um dos aspectos que possibilitam o trabalho dos professores, pois com ele é possível discutir, propor, acompanhar, avaliar os objetivos que foram delimitados por todo o corpus escolar. Ao elaborar o Projeto, a meta a atingir é uma maior aprendizagem dos alunos, inovando, tendo clara a dimensão presente que está sendo vivida, mas projetando o futuro, antecipando as formas de *“inserção dos alunos no mundo das relações sociais, das culturas e do trabalho”* (ibidem:87) como algo a alcançar. A integração das tecnologias de comunicação e informação fazem parte deste futuro. Os mass media apesar de já estarem presentes no universo exterior à escola, nesta ainda *“constituem-se como “novidades”, embora socialmente*

¹⁵ Novas tecnologias multimedia

sejam instrumentos bastante conhecidos e utilizados (exceção feita ao computador, que ainda é algo novo para muitas pessoas)”. (ibidem:140). O homem moderno, não pode alhear-se do mundo tecnológico que o cerca. A escola (principalmente a escola pública), precisa inserir em seu projeto os meios de comunicação, procurando a hegemonia, a diversidade de linguagens, para que ela cumpra o papel que lhe cabe na sociedade, que é o de construir o conhecimento e a sociabilizar o saber.

A preocupação dos PCNs com a integração das tecnologias no ensino, mostram a importância desta discussão nos ambientes escolares, para que as mudanças venham a ser construídas em conjunto, onde todos os atores educacionais sintam-se participantes na elaboração e execução dos projetos educativos. Entre os objetivos dos Parâmetros para o ensino fundamental, destacam-se dois que tratam da comunicação e dos recursos tecnológicos. Eles preconizam que os alunos devem ser capazes de utilizar diferentes linguagens, entre elas a gráfica, a plástica, a corporal, para que possam atender as diferentes situações comunicacionais. e que saibam utilizar as diferentes fontes de informação e os recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

Os estudos feitos sobre tecnologia educacional, já são fórum de discussão há muitos anos. Moraes (1997) , afirma que as primeiras iniciativas na área se deram em 1971, quando foi discutido o uso dos computadores no ensino da Física, em um seminário feito na Universidade de São Paulo e promovido juntamente com a Universidade de Dartmouth/USA. Em 1973, outras experiências começaram a ser desenvolvidas - sempre em universidades - usando os computadores de grande porte como recurso auxiliar do professor para ensino e avaliação em Química (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) e desenvolvimento de software educativo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Essas experiências feitas no Rio Grande do Sul, desenvolviam-se no Laboratório de Estudos Cognitivos do Instituto de Psicologia - LEC, e trabalhavam com crianças que tinham dificuldade de aprendizagem na leitura, escrita e cálculo.

A Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, em 1975, iniciou cooperação técnica - ainda existente - com o Media Lab LAB do Massachusetts Institute of Technology - MIT, criando um grupo interdisciplinar para pesquisar o uso de computadores com linguagem LOGO na educação de crianças.

A partir da década de 80, a cultura da informática na educação se traduz em discussões, em âmbito mundial, destacando-se a realização de simpósios e conferências que lançam sugestões para o uso das TIC no processo educacional. Em 1982, a UNESCO no simpósio – Educação para os Media – recomenda às autoridades competentes dos países participantes que:

- ? Lancem e apoiem programas integrados de educação para os media, a aplicar desde a educação pré-escolar até a universidade
 - ? Desenvolvam cursos de formação contínua para professores
 - ? Estimulem atividades de investigação e desenvolvimento relacionadas com esta área .
- (in: Oliveira, 1997:21)

A Conferência Permanente sobre “Sociedade da Informação enquanto desafio para as Políticas de Educação” realizada na Turquia em 1989, reconhecendo a importância das tecnologias de informação, destaca em seu ponto cinco que:

“A educação para os media e para as novas tecnologias deve desempenhar um papel libertador e securizante, ajudando a preparar os alunos para agirem como cidadãos de uma democracia e a adquirir uma consciência política (...) Encorajando a expressão criadora e a elaboração, pelos alunos, das próprias mensagens mediáticas (...) deve (esta educação) começar o mais cedo possível, ao longo de toda escolaridade obrigatória”. (ibidem:21)

Em 1992 no colóquio “L’Education aux Medias: nouvelles orientation » novamente a UNESCO juntamente com o Conselho da Europa atribui os seguintes objetivos aos educadores:

- ? Dar a conhecer a estrutura interna, escondida dos média
- ? Trabalhar a informação, não como a realidade mas como uma das construções possíveis do real
- ? Aproveitar os media para desenvolver uma pedagogia inovadora, ativa e próxima do mundo atual
- ? Encorajar os jovens a conceberem e a realizarem os próprios produtos, uma vez que só tornando-se produtores de jornais, vídeos e rádios juvenis, eles compreenderão as realidades e as condicionantes dos profissionais. (ibidem.: 22)

São desafios lançadas a nível mundial, para que tornem-se objetos de reflexão entre os agentes escolares, tornando a escola um ambiente onde a diversidade

comunicacional existente no mundo exterior , sirva de contribuição na construção do conhecimento.

Se algo define com precisão a sociedade que se vive, é sem dúvida a abusiva presença dos meios de comunicação audiovisuais nos mais diversos espaços da vida cotidiana. Gomez (1993) refere-se como um problema da presença dos mass media, a receptividade passiva que a maioria dos receptores têm diante dos meios de comunicação, pois dificilmente exercem reação ante a manipulação ideológica e distorções que a comunicação audiovisual leva consigo e impõe. Por isso a importância crucial dos professores elegerem essa temática como um dos fundamentos de sua prática letiva, transformando o papel do professor e o seu modo de atuar, trabalhando de maneira crítica e reflexiva com os media.

Ante as propostas de integração das tecnologias no ensino, e no caso estudado, no ensino de Língua Materna, é imprescindível que seja objeto de estudo a nação que está sendo referenciada, pois as propostas defendidas para a integração das tecnologias precisam encontrar um país aberto a esta inovação. A pluralidade de realidades existentes no Brasil, devidas principalmente as condições sociais da população, acentua as diferenças quanto à *“familiaridade, domínio e presença dos recursos tecnológicos, sendo que existem lugares do país em que a presença de tecnologia é praticamente inexistente”*. (PCNs – Int.:137) Sendo a educação *“um processo de desenvolvimento que efetivamente considere o homem como preocupação central”* (Saviani,1996:2), ela deverá contribuir para diminuir as desigualdades existentes, dando oportunidade a todos para acompanhar as inovações que ocorrem na sociedade.

A escola pública, como espaço de oportunidades para as classes menos favorecidas terem acesso ao saber elaborado, precisa equipar-se e formar seus professores para acompanharem o ritmo acelerado que se desencadeia no mundo da comunicação e informação. A falta de materiais e a falta de formação inicial e contínua dos professores, pode prejudicar a integração das tecnologias. É imprescindível, que além de recursos e formação para os professores, a escola

conceba um projeto educacional onde o aluno venha a desenvolver sua capacidade crítico-reflexiva, onde haja flexibilização nas estruturas e nas práticas de ensino e que essas modificações causem também mudanças nas relações e vínculos entre professores e alunos, escola e comunidade, " *a escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionar de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano*". (PCNs, 1998:139) Caberá à escola estar aberta e preparada para conhecer melhor o contexto em que está inserida e construir o processo educativo visando um aluno íntegro e atuante na sociedade onde vive, incluindo em seu projeto a voz e vez dos educandos, como cidadãos. Paulo Freire (1997) referindo-se ao desejo de uma escola pública de qualidade, releva a importância do cidadão crítico, onde o conhecimento significativo se dê através de uma relação dialógica, um espaço em que o aluno possa questionar, criticar, criar. Onde a proposta para a construção do conhecimento seja coletiva, e o saber popular seja articulado ao saber crítico, científico, mediados pelas experiências do mundo.

A educação deve ser um fator de inclusão do indivíduo à sociedade, acompanhando-o ao longo da vida e dando-lhe condições de atualizar e aprofundar os conhecimentos que possui, adaptando-os ao mundo e as transformações que ocorrem à sua volta. Partindo desse pressuposto, o Relatório para a UNESCO sobre a Educação no século XXI (1996) os Parâmetros Curriculares Nacionais, alicerçam a educação em quatro pilares, que são: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver com os outros e aprender a ser*.

O livro Verde, lançado no Brasil em setembro de 2000, contempla um conjunto de ações para impulsionar a Sociedade da Informação em todos os seus aspectos: ampliação do acesso, meios de conectividade, formação de recursos humanos, incentivo à pesquisa e desenvolvimento, comércio eletrônico, desenvolvimento de novas aplicações. No capítulo primeiro do referido livro, há a preocupação em reforçar a necessidade da educação para a sociedade da informação, com a "*implementação de reformas curriculares visando o uso de tecnologias de informação e comunicação em atividades pedagógicas e educacionais, em todos os níveis da educação formal*", apoiando os esquemas de aprendizagem, de educação continuada e a distância, de capacitação dos professores, auto-aprendizagem.

O novo milênio que chegou, trouxe ao país um novo desafio: o de levar a todas as escolas públicas, em diferentes regiões, as tecnologias que podem modificar a maneira de ensinar e aprender. Um novo cidadão, que se envolve diariamente com realidade icônica que está à sua volta, precisa encontrar na escola um novo espaço, onde ele venha refletir e atuar sobre as transformações que ocorrem no mundo atual. Refletir sobre as informações que recebe diariamente, entendê-las dentro de um contexto e não como segmentos fragmentados de uma realidade criada pelos meios de comunicação são fatores que podem e devem ser ponderados. Se há garantia nos Parâmetros da incorporação das TIC como condição fundamental para uma educação do século XXI, é necessário que a escola enquanto espaço de sociabilização do saber, introduza em seus projetos educativos essas tecnologias e as formas de usá-las.

CAPÍTULO TERCEIRO

Neste capítulo pretende-se acentuar o papel das Tecnologias Educativas no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e a importância do resgate da componente emocional como fator de aprendizagem. Apresenta também o uso crítico-reflexivo da televisão, cinema e computador em aulas de Língua Materna.

1. AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 As Tecnologias Educativas no ensino de Língua Portuguesa

A linguagem é a grande mediadora das relações sociais. É através dela que o homem manifesta e desenvolve à sua convivência com a sociedade na qual está inserido. A língua é o agente que media essas relações, servindo em alguns casos, como instrumento de separação entre os grupos de classes sociais diferentes. Os grupos sociais de classes privilegiadas - cultural e financeiramente – têm acesso a língua dita culta ou padrão, inclusive por viverem num meio que domina a cultura letrada. A língua serve, muitas vezes, como um meio de hierarquização social, excluindo os indivíduos que não a dominam, conforme os padrões estabelecidos. Os excluídos são os indivíduos que pertencem a classes sociais mais baixas, que estão à margem da sociedade, e que não podem influenciar nas decisões sobre sua própria maneira de falar e escrever, mas que precisam da língua para participar ativamente do grupo social onde vivem:

‘ o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, são condições de possibilidade de plena participação social’(PCNs – Língua Portuguesa, 1998:19).

Não é possível que um contingente tão grande de pessoas, que sofrem de todas as formas, num país tão desigual socialmente como é o caso do Brasil, ainda tenham a língua materna como fator de barreira para a ascensão social. Na perspectiva, de mudar esse panorama apresentado, houve a discussão, durante muito tempo, sobre o que era ensinado em Língua Portuguesa nas escolas, em particular nas escolas públicas, de que forma e para quê, pois os alunos vinham desde a primeira série estudando a língua e chegando as últimas séries do 1º grau, não conseguiam muitas vezes, as competências mínimas exigidas para manifestarem-se em ambientes formais ou mesmo informais, sentindo dificuldade em transportar o que

era visto em sala de aula, para o que era exigido no seu cotidiano. Travaglia (1995) refere-se a este aspecto dizendo que o ensino da língua materna deve desenvolver, entre outras competências, a competência comunicativa, ou seja, capacitar os usuários da língua a empregá-la adequadamente nas diversas situações de comunicação. (17) Considera-se assim, a necessidade de adaptar o ensino ao mundo real dos educandos, mostrando-lhes a importância da linguagem na concretização das relações sociais.

Uma das concepções de currículo que foi estudada a partir dos anos 80 vem ao encontro da necessidade de construir-se um ensino ligado a vida dos alunos, à sua integração em sociedade e à sua participação enquanto cidadão, quando diz que a educação para a cidadania deve procurar aplicar estratégias que "*desenvolvam aquisição do pensamento crítico, a capacidade de tomar decisões, o domínio de conhecimentos necessários à resolução das diversas situações*" (Alçada, 1992:85)

Nesse sentido, estudar a língua seria vivê-la, compreendê-la, interagindo dentro de uma visão educacional dialógica, onde professores e alunos manifestando-se, participassem ativamente do processo de aprendizagem, refletindo sobre a sua língua e a forma de usá-la, oportunizando aos educandos o domínio das várias linguagens e da língua dita padrão, sem que isto depreciasse a sua própria cultura. É através da linguagem que os homens se comunicam, expressam-se, defendem seus pontos de vista, buscam informação, produzem cultura. A escola atenta a importância do ato comunicacional, desenvolverá sua excelência em projetos educativos que contemplem o acesso a diferentes linguagens, atribuindo à escola "*a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania*". (PCNs – LP :19)

Para que haja significado no processo de interação do sujeito com o objeto a ser conhecido, é preciso que os assuntos desenvolvidos em sala de aula tenham significação, expressão com o mundo dos educandos, principalmente quando se trata de adolescentes. Assim, organizam-se as representações necessárias, para que cada um se torne sujeito do seu próprio processo de aprendizagem, construindo o conhecimento significativo, através dos conteúdos mediados na escola. Cada

aluno poderá modificar, enriquecer, edificar novos instrumentos de ação e interpretação, durante o processo educacional. Enfrenta-se, entre outros problemas escolares, o distanciamento da escola com a sociedade a qual está inserida e do próprio cotidiano dos alunos. Muitas vezes, a aprendizagem dos conteúdos não torna-se significativa para os educandos, porque fundamenta-se no modelo de professor - emissor, aluno - receptor, exigindo que, o que foi ministrado em sala seja posteriormente cobrado em forma de prova ou teste.

Um outro problema é que o saber educacional, fundamenta-se somente no discurso oral e escrito, desconhecendo o universo audiovisual que domina o mundo contemporâneo. Segundo Gadotti muito da falta de significado do ambiente escolar para os educandos de classes mais baixas, se dê pela pouca familiaridade que esses têm com a cultura letrada, com o universo da leitura e escrita que regem a maioria de nossas escolas. Por isso, acredita que com a introdução das tecnologias como a televisão, o vídeo e o rádio em sala de aula, exista uma maior identificação dos alunos com o universo que lhes pertence fora de escola (a escola paralela), e com isso as diferenças entre os próprios colegas de sala diminuiriam.

“...negar o uso da TV para a criança popular na escola é negar-lhe a chance de ter uma razão a mais para gostar da escola e, principalmente, é negar-lhe a possibilidade de ser sujeito na relação com a TV. A criança só aprende quando tem vontade de aprender, e sua vontade de aprender depende de uma relação prazerosa com o conhecimento”.
(Gadotti,2000:213)

O ensino sempre foi construído para os alunos de classe média e alta, que pertencem ao mundo letrado e culto dos livros e revistas, e que sentem-se a vontade com o ensino que lhes é proposto. Como a educação é um direito de todos e é um dever do Estado, a escola pública precisa preocupar-se como os que estão à margem, os que não têm acesso ao mundo erudito e que são em grande número no Brasil, introduzindo no universo pedagógico uma linguagem que contemple a todos, onde alunos e professores construam e reconstruam o conhecimento e todos sintam-se participantes do processo educacional. Essa linguagem seria colocada como uma das formas de conquistar os alunos, tornando o ensino acessível a todos e a partir disto construir novas formas de conhecimento. Asubell (in Lajus, 1998)

resume em algumas palavras a importância das concepções para a didática, dizendo que se ele tivesse que reduzir toda a didática a uma só idéia, escolheria a seguinte: " *o que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe*" (23). Partindo do universo do aluno, pode-se chegar aos assuntos mais complexos, mais estruturados, dando oportunidade a todos de terem acesso ao saber. Para que isso aconteça é necessário que o educando sinta-se motivado a aprender e apreender, que a dinâmica da sala de aula seja interessante, onde mais do que transmissor de informações, o professor seja um facilitador, buscando e selecionando as informações para a construção do conhecimento.

A reestruturação global no processo pedagógico e didático, passa também pela integração de uma nova visão de mundo, sociedade e escola, buscando escolas inovadoras, que debatam os problemas atuais, quebrando a condição de instituição conservadora. Conforme Doll, quando fala sobre a pós-modernidade, ressalta que um currículo para ser criativo e transformativo precisa combinar " *o científico com o estético; ecletismo é uma característica que torna o pós-moderno um movimento muito estimulante*" (Doll, 1997:24). Os conhecimentos escolares devem contribuir para a formação do cidadão, sendo usados como recursos aos quais os alunos recorram, quando necessário, para resolver os mais diferentes tipos de problemas, em diferentes situações. O processo de ensino-aprendizagem não deve primar somente pela memorização, mas pela capacidade do aluno pensar e refletir, capacitando-o a expressar-se corretamente, identificar e solucionar problemas e tomar decisões quando se fizer necessário. Assim, a organização do currículo, segundo o Instituto Paulo Freire, (INTERNET) deve " *reconhecer outras formas de inteligência além da lingüística e da lógico-matemática, que reflita e apreenda o homem no contexto do seu universo*". A aprendizagem deve desenvolver-se num processo de negociação de significados, tornando-se mais significativa para os alunos, inovando as relações estabelecidas até agora no ensino tradicional. Segundo Roldão (1999) as tendências atuais de concepção de currículo, que vêm se desenvolvendo ao longo dos anos, procura integrar com coerência os elementos teóricos mais significativos das diferentes correntes de reflexão no âmbito curricular. É um trabalho difícil, dadas as diferenças de concepções, mas que mostra a preocupação de um ensino que integre o que as várias teorias trouxeram de positivo para o desenvolvimento curricular.

Os PCNs (Língua Portuguesa - 3º e 4º ciclos) referindo-se as tecnologias de informação e comunicação, dizem que não se trata de tomar os meios como eventuais recursos didáticos para o trabalho pedagógico, mas o de considerar as práticas sociais onde estão inseridos para:

- ? conhecer a linguagem videotecnológica própria desse meio;
- ? analisar criticamente os conteúdos das mensagens, identificando valores e conotações que veiculam;

- ? fortalecer a capacidade crítica dos receptores, avaliando as mensagens;
- ? produzir mensagens próprias, interagindo com os meios.

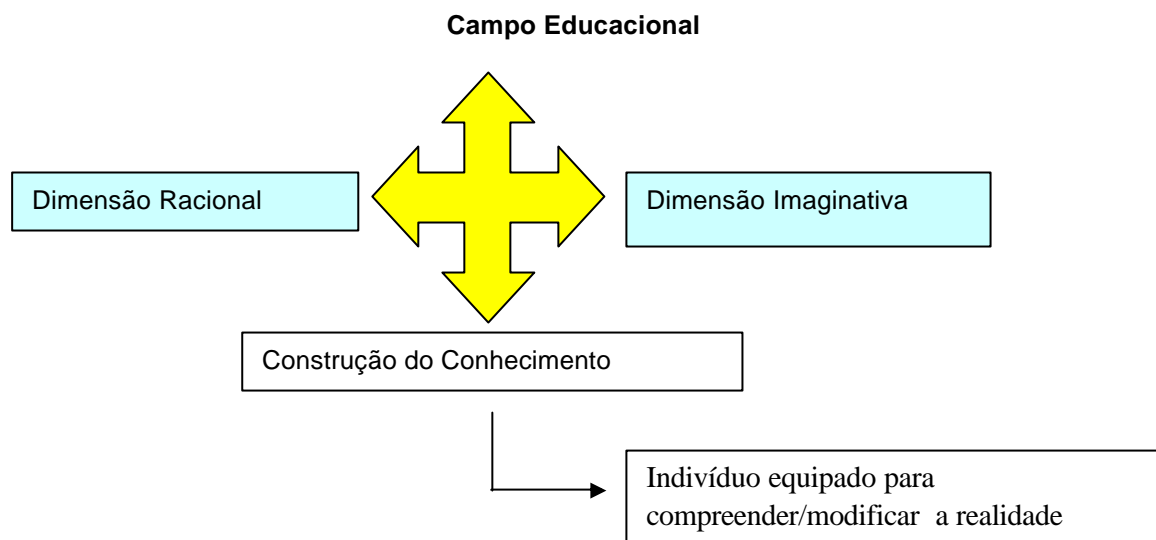
A Gestão Curricular deverá fazer com que o que vem inscrito em termos de integração da tecnologia, nos PCNs, seja incorporado à escola, atendendo as necessidades locais, próprias do meio, sendo o Projeto Educativo uma forma de interação entre escola e sociedade. “Depois da administração central o currículo é decidido no contexto de gestão, ou seja, ao nível da região e da escola”. (Pacheco, 1996: 88)

1.2 As Tecnologias e a dialética: razão x emoção

Numa simbiose de fatores ligados às novas conquistas de alguns setores do conhecimento (comunicação, psicologia, ciências cognitivas, inteligência artificial, entre outros) e com o impacto de um mundo cada vez mais "conectado" e sujeito a força das imagens que são traduzidas em subjetividade, sensibilidade e imaginação, tende a educação a abrir-se para o contato com as artes, com o lúdico, com o afetivo. Mas muitas vezes, pela existência de um modelo a seguir muito apegado aos princípios da educação tradicional, essa abertura ainda se encontra restrita aos discursos e distante do processo de ensino-aprendizagem.

Levando em conta que uma aprendizagem significativa não se relaciona somente aos aspectos cognitivos dos sujeitos envolvidos no processo, mas relaciona-se também a aspectos afetivos, pessoais e sociais, uma das formas de inovar no ensino-aprendizagem é resgatar para o campo educacional a emoção, a criatividade, a imaginação - não esquecendo da racionalidade- mas fazendo com que ambas coloquem-se igualmente, numa relação dialética. Segundo Roldão (1997), este novo paradigma de conhecimento implica que

“ seja necessário recolocar a dimensão racional e a dimensão imaginativa, ambas, como elementos centrais, integradores de um processo global de construção de conhecimento que faça de cada indivíduo uma pessoa mais bem equipada para compreender a realidade . É essa, afinal a meta última da educação”. (108)



O professor de Língua Materna não pode renegar a linguagem escrita – dando ênfase a diversidade de textos, a interpretação, a construção de redações - mas junto desta , incorporar a linguagem imagética. Assim como a racionalidade e emoção co-existem no ser humano - nessa nova maneira de interpretar o mundo que surge com o pós-modernidade - a tecnologia deve vir associada aos textos escritos, fazendo ambos, de maneira harmônica esse novo paradigma educativo que vê no homem um ser completo, que Segundo Damásio (1995) possui um corpo e um cérebro integrados, numa interação completa com um ambiente físico e social.

Buscando esse resgate do homem como um todo, onde razão e emoção estão imbricadas na construção do conhecimento, coloca-se o desafio de uma escola que trabalhe cooperativamente. Preocupando-se em ter um elo de ligação entre o ensino e o que se faz necessário aprender, não relegando aos alunos o conhecimento histórico, mas procurando encontrar fatores que façam com que esse conhecimento torne-se significativo. A integração dos mass media, como forma de renascer na

escola a emoção que está dentro de cada um, supõe uma educação global, onde todos sejam sujeitos da prática pedagógica. As TIC podem desempenhar um importante papel nesse modelo educacional descrito, onde os alunos participam ativamente na construção do conhecimento, pois, segundo Lévy (1994) com esta participação ele irá integrar-se mais no ambiente escolar e reterá aquilo que aprende. Com o uso do computador (Internet, multimídia) é possível uma atitude exploratória por parte dos usuários, pois sua apresentação não é linear, sendo um instrumento adaptado a uma pedagogia ativa.

O processo de resgate à emoção traz a chance aos alunos de manterem um contato mais íntimo com seus colegas e com seus próprios mundos, garantindo muitas vezes, um mínimo de afetividade necessária para uma ligação maior com a escola e com tudo que envolve o mundo escolar. Os mass media, se trabalhados de maneira crítica e reflexiva podem lançar o desafio desse novo paradigma educacional. Oliveira (1997) falando da linguagem audiovisual diz que o mundo da imagem e do som *“recorre a diferentes códigos específicos, entre os quais se encontra, obviamente também, o código linguístico utilizado, embora com novas formas e intencionalidades (...)”*. (18)

Além do resgate à emoção, criatividade e imaginação, o uso das tecnologias no ensino de Língua Portuguesa, pode dar-se também, pela motivação dos alunos, por uma aprendizagem colaborativa, pelo ensino que aprenda a fazer, a solucionar problemas, pela a liberdade na aprendizagem. Os professores devem saber de que maneira usá-la para que essa não seja apenas um recurso auxiliar das aulas, ou algo que venha resolver todos os problemas do ensino. Sabe-se que a tecnologia integrada à sala de aula, no caso em Língua Portuguesa, pode trazer uma dinamização na maneira de mediar o conhecimento, fazendo o aluno interessar-se mais pelo processo escolar, tendo o seu próprio ritmo de aprendizagem e estando mais atento ao que produz.

“A imagem como suporte de conhecimentos, exige esforço de atenção, de concentração, de compreensão e memorização. Por isso, ao longo das diversas etapas, o ritmo deve variar segundo a matéria e os alunos, de modo a permitir a reflexão e a descoberta” (Moderno- 1992: 9)

O direcionamento de Língua Portuguesa, que faz parte dos PCNs e que irá nortear o trabalho da língua materna de quinta a oitava séries (3º e 4º ciclos), defende também a idéia que a escola tem a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios, conhecendo a linguagem desses; analisando criticamente os conteúdos das mensagens (identificando valores); fortalecendo a capacidade crítica dos receptores (avaliando as mensagens); produzindo mensagens próprias (interagindo com os meios). Esse último pressuposto vem ao encontro de um dos objetivos do Colóquio - “L’Education aux Medias: nouvelles orientation” – já citado, que diz que é preciso “*encorajar os jovens a conceberem e a realizarem os próprios produtos*” pois só tornando-se produtores dos meios, eles “*compreenderão as realidades e as condicionantes dos profissionais*”. Em Língua Portuguesa, é importante que se criem condições para que os alunos sejam produtores de jornais, rádios escolares, de filmes em vídeo, ampliando a visão letrada que domina a cultura escolar, abrindo o universo icônico como forma de inovação e mudança no processo educativo, onde o professor estabeleça novos paradigmas, realizando um salto qualitativo no desenvolvimento do currículo, ajustando a realidade da escola paralela à sala de aula.

Se a escola está aberta à inovação, atenta as necessidades dos alunos, ao seu contexto, aberta a novas práticas educativas é importante salientar que essa é uma escola que constrói o conhecimento, que avalia o processo que se desencadeia e não o produto final, que cria um ambiente escolar onde é permitido sentir, vibrar, perguntar, errar. O erro é visto como um fator de crescimento e não de punição, “*promover a descoberta e minimizar o erro são dois objetivos incompatíveis, pois é precisamente aprendendo a superá-lo que se descobre algo de novo*”. (Moderno, 1992: 89)

Na perspectiva de Moderno, pode situar-se Perrenoud (1999) que tem na forma da escola atuar uma maneira de modificar o ensino-aprendizagem:

“A ideia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procede por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços; um indivíduo aprenderá

melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas (...) (in Nóvoa: 173)

E ainda Schön falando da formação de professores reflexivos afirma que *“o grande inimigo da confusão é a resposta que se assume como verdade única. Se só houver uma única resposta certa, que é suposto o professor saber e o aluno aprender, então não há lugar legítimo para a confusão”* (Nóvoa, 1992:85)

Esta é uma questão importante do trabalho, se há integração das tecnologias educativas em sala de aula e em língua materna, os professores devem refletir sobre como e porquê usá-las. E que, quando se trabalha com a emoção ligada à razão, precisa-se ter claro que é nas muitas interpretações sobre um mesmo tema que pode chegar-se a uma conclusão.

As formas do professor introduzir as TIC em sala de aula, irão depender das competências pré-determinadas, que deverão ser atingidas durante o percurso escolar e da maneira como o professor irá incorporá-las no seu projeto. Muitos professores ainda se sentem despreparados para o uso das TIC, pois falta-lhes formação para o trabalho com estas. Essa introdução deve trazer subjacente, uma nova abordagem no ensino de Língua Portuguesa, contextulizando a língua ao momento e viajando com ela aos diferentes períodos, sua origem, seu histórico e percursos até chegar a atualidade.

A Língua Materna pode utilizar-se das TIC para dinamizar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho escolheu entre as tecnologias existentes na escola, a televisão, o cinema e o computador. Ver-se-á cada um deles a seguir, refletindo sobre a ligação destes com o ensino de Língua Portuguesa.

1.3 Os computadores no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa

Qualquer disciplina do currículo escolar, pode se beneficiar das Tecnologias Educativas, através de programas especificamente concebidos para ela, e também *"através de ferramentas genéricas: processamento de texto, folha de cálculo, correio electrónico. (...) os exemplos de utilizações pedagógicas das tecnologias abundam inclusive em disciplinas como a educação física ou o latim"*. (Lajus, 1998:80)

É fundamental que em Língua Portuguesa construam-se formas de aprendizagem, que venham fazer com que os alunos possam usar a Língua Materna em diferentes situações, de forma crítica, reflexiva, coerente. O uso do computador na escola para o trabalho com a língua materna, é de crucial importância já que a linguagem escrita é extensiva a todas as disciplinas. Os programas a serem usados, precisam ser analisados, tendo a preocupação de além de aplicativos que já venham prontos, usar em sala, material que possa trabalhar com a criatividade dos alunos, onde eles sejam os construtores e participantes simultaneamente (ex. página para Internet). (anexo 1) - revista Nova Escola - na era das tecnoaulas

A integração das tecnologias no currículo pode ser entendida como os meios usados para aprender, como auxiliares didáticos, como objetos de estudo e técnicas de trabalho, mas para que o ensino-aprendizagem seja inovador e cumpra suas funções, é preciso pensar em computadores na Educação, não somente como máquina mas, principalmente, em novos processos e estratégias educacionais. Educação e Informática devem ser pensadas como um todo, visando os benefícios da sociedade atual que se informatiza velozmente, a cada dia que passa, pensando também nos que não têm acesso a essa cultura. Segundo Pons (1998) in Sancho, uma concepção de proposta educacional, que se baseia em uma perspectiva mais ampla de educação, não se limitará apenas a contextualizar as possíveis funções dos meios em uma proposta curricular, mas em usar uma *"orientação dinâmica"*. Essa orientação não seria os passos ou etapas a seguir, seria a proposta aos

agentes do currículo de "*referências para a tomada de decisões*", dando origem a "*formulações diferentes em função de que sejam aplicadas em situações diferentes*". (63)

O mesmo autor descreve como o acontecimento mais característico da Tecnologia Educacional, o de "*constituir um campo de atividade em permanente mudança*" (65). E continua sua reflexão, citando Gimeno (1988) quando refere-se ao professor como um profissional ativo, que tem capacidade de transferir para a prática e de "*forma auto-suficiente o currículo*".

Os meios de comunicação, no caso, o computador, podem trazer propostas de inovação no currículo, permitindo novas estratégias educacionais. Assim sendo, a inovação educacional, não sustenta-se apenas na garantia da presença dos meios em sala de aula, mas à sua "*integração atribuindo-lhes funções específicas nos processos curriculares*" (ibdem:67)

Com o uso do computador, da internet e do hipermedia, o aluno pode "navegar" em diferentes textos, de acordo com o seu interesse e estilo de aprendizagem. Ainda há a possibilidade de construir-se ligações entre os textos. Essa característica pode ser vantajosa em relação ao livro didático, onde a apresentação é linear e atribui ao aluno um caminho a seguir. Segundo Emília Ferreiro em entrevista publicada na revista Nova escola (junho2001), o leitor de Internet precisa ter rapidez na leitura e muita seletividade, porque não é possível aperceber-se de tudo que aparece na tela, é necessário selecionar o material apresentado. E a capacidade de selecionar não era algo, que há anos atrás fosse uma exigência importante na formação do leitor, muito menos no contexto escolar.

O trabalho desenvolvido no computador, centra-se muito na autonomia e na auto-direção do aluno, ou seja, ele pode direcionar o seu aprendizado de acordo com os seus interesses e necessidades e com isso a sua auto-estima e satisfação tendem a aumentar, porque há uma emancipação do aluno em relação ao professor. Ele é

agente de sua mudança e sua evolução, e o professor faz parte deste progresso como co-construtor do conhecimento. Com esta abordagem que centra-se na autonomia e na auto-direção Taylor in Carvalho (1999), propôs um *"processo de aprendizagem que é percorrido ao ritmo de cada um, mas pelo qual passam todos aqueles que querem ou precisam de aprender"*. O multimédia e as redes podem servir a pedagogias ativas e abertas, fazendo do aluno o *"protagonista da educação"*, e colocando *"a aprendizagem no centro da vida social"*. (Lajus,1998:18)

A maneira como o sujeito aprende, o seu modo e ritmo de aprendizagem, tem haver com o seu grau de responsabilidade e maturidade, diante do que está sendo abordado, pois cabe a ele aprofundar ou não o conteúdo que está sendo desenvolvido, podendo o professor verificar o grau de autonomia de cada um. Nos ambientes interativos, como o uso da Internet, o utilizador tem que tomar decisões constantemente, escolhendo o que verá em seguida, porque as opções são muitas. O utilizador da Internet (no caso da sala de aula - o aluno) poderá decidir o que quer aprender (aprofundar) e que sequência quer fazer, partindo das orientações do professor, obviamente. Essa aprendizagem autônoma e construída cooperativamente - aluno-aluno, aluno-professor, aluno-computador, pressupõe uma escola aberta às mudanças, uma escola dita democrática. A construção da escola democrática constitui-se um projeto que só pode se pensável com a participação ativa de alunos e professores, mas cuja realização *"pressupõe a participação democrática de outros sectores e o exercício da cidadania crítica de outros actores, não sendo, portanto, obra que possa ser edificada sem ser em co-construção"* (Lima,2000:42)

Quando se fala nesse tipo de aprendizagem, tem-se em vista, turmas com poucos alunos, onde cada um possa usar o seu computador, realidade que não se adapta às escolas públicas brasileiras. O trabalho no Brasil seria viável se, nas escola equipadas, os alunos trabalhassem em duplas ou grupos, dependendo do número de computadores. O trabalho feito em equipe, trará resultados positivos, se mantiver

a autonomia do grupo em relação ao conteúdo e ao professor. Cada um dos integrantes poderá discutir, refletir e escolher o material relevante encontrado na Internet, assim como elaborar e apresentar os textos, ou as estratégias usadas para o prosseguimento da aprendizagem. Esse modelo, pressupõe alunos com maturidade suficiente para que os consensos sejam respeitados, criando em sala de aula, um dos princípios da escola democrática que é o dos "consensos partilhados". As diferentes interpretações dos assuntos tratados, enriquecem o ambiente de aprendizagem, e todos têm voz e vez. Quando se coloca o jovem como agente, que tem o direito de decidir sobre o seu processo escolar e precisa arcar com as consequências de suas decisões, pretende-se que esse jovem venha a desenvolver-se como indivíduo reflexivo, crítico e responsável sobre as suas ações. Braga (matéria da Internet) diz que a melhor receita para o desenvolvimento da maturidade do aluno pode ser resumida no binômio: autonomia x responsabilidade.

A interatividade é também um fator de grande importância no uso da tecnologia educativa. Entendendo-se por interatividade a comunicação recíproca, a possibilidade de interação entre indivíduos ou elementos de um sistema. Empregando-se esta definição no ensino-aprendizagem com o recurso do computador, a interatividade dá-se em três níveis: aluno – computador , aluno – colegas , aluno – professor.

O computador é capaz de analisar o que o aluno faz, dando-lhe respostas imediatas, como por exemplo, num exercício de erro – correção, através da interação com o computador, há a possibilidade da correção imediata do que está errado, oferecendo um *feedback* entre utilizador e máquina.

As redações, textos escolares, interpretações, podem ser arquivadas e durante o processo escolar os alunos com seus registros guardados, tem a possibilidade de além de avaliar o seu progresso, refazer o que for necessário. O texto deixará de ter uma rígida estrutura de expressão, para “*ser manipulado através de um processo de reconstrução e recomposição colaborativa de significação*” (Dias, 1997:84). Com a Internet é possível aos educandos consultar documentos que abordam todos os assuntos tratados na escola, conectar-se com outras escolas, em diferentes regiões do país ou mundo, trocar mensagens através de e-mails, criar páginas na Internet, entre outras tantas possibilidades.

Essa maneira de ensinar e aprender com o uso do computador, é ainda nova, com poucos projetos nesta área, mas que em muitos casos, já mostrou ótimos desempenhos (ZERO HORA – anexo 2) .A escola e o professor saem de um paradigma de certeza - que utiliza instrumentos didáticos perfeitamente programados, reproduz fielmente as práticas estereotipadas, na organização em unidades, no controle - passando ao paradigma da incerteza, inscrito num método de projeto, "*na concretização de situações não programadas, na utilização de novas capacidades, na subjectivação do aluno*". (Pourtoins:40),

Assim como o computador, o vídeo, a televisão, o cinema também devem ser trazidos para dentro da escola. Mas a utilização destes, requer um planejamento pré determinado do que se pretende mediar usando esses meios. Deve existir uma correlação entre o material audiovisual e a matéria em estudo e deve haver um acompanhamento por parte do professor antes e durante a utilização destes. Alonso (1998) in Sancho referindo-se ao uso do vídeo e do computador salienta que, esses devem trazer algo diferente para as práticas de ensino e para a aprendizagem, um novo sentido aos conteúdos curriculares, que poderão ser reconhecidos por meio de avaliação, "*tanto no que representam para o aluno como pelo que tem de explicativo para o professor em relação à sua disposição da situação didática*". (94)

O professor necessita de formação inicial e contínua para integrar a tecnologia no ensino-aprendizagem e deve estar disposto a inovar o seu modo de mediar o conhecimento, fazendo do processo educativo um ato de construção diária, onde a interação com os alunos é determinante para uma aprendizagem ativa. Em uma época que ocorre intensa transformação a nível tecnológico e informacional, "*a formação do professor, eminentemente contínua, é um processo que não pode ter fim*" pois "*sem constante revitalização a escola corre o risco de ficar fora do seu tempo*". (Silva, in Sampaio, 2000:70). A formação do professor se dá diariamente, e baseia-se em todas às suas experiências, suas vivências e relações, mediante os desafios que se apresentam no cotidiano, nas relações com as turmas, com os professores, com as inovações curriculares e pedagógicas, com as novas tecnologias, refletindo sobre a prática, discutindo as teorias, resolvendo os conflitos.

Como afirma Sampaio (2000) "*dentro desta concepção, percebe-se que a formação de professores pode ser relacionada às características da circulação do conhecimento e da informação*" (71)

Os professores para enfrentarem o desafio desta inovação escolar, precisam estar preparados para as mudanças através, entre outras coisas, da formação inicial e contínua, buscando novos processos e estratégias educacionais que lhe façam autores e atores do processo educativo. Porém, o ponto crucial da integração das tecnologias, quando se fala no caso do Brasil, é que a escola tenha equipamentos como televisão, computadores ligados a Internet, vídeos, para que se possa, a partir disto, pensar-se num projeto educativo que integre as TIC em sala de aula.

O professor em sua formação, precisa ter um processo de motivação para o uso dos computadores em suas atividades pedagógicas, encontrando a sua própria estratégia quanto ao melhor uso desta ferramenta de trabalho, desenvolvendo um diferente planejamento didático e metodológico com seus alunos, que envolva decisões próprias sobre: o software mais apropriado à sua disciplina; como integrar o uso do computador em suas atividades curriculares; como fazer a interação aluno-computador; como proporcionar um trabalho lúdico e criativo direcionado à autonomia quanto à soluções e problemas; como proceder a avaliação do desempenho processual a nível escolar e afetivo, dentro deste novo contexto tecnológico.

Estudos recentes mostram que o panorama das TIC no Brasil, ainda é muito precário, como mostra o quadro abaixo:

Mundo conectado (Número de computadores ligados a Internet)

| Brasil | Escolas | Com Internet | % Conexão |
|--------------|---------|--------------|-----------|
| Rede Pública | 178.010 | 3.082 | 1,73 |

| | | | |
|------------------|---------|--------|-------|
| Escolas Privadas | 24.041 | 7.051 | 29,33 |
| TOTAL | 202.051 | 10.133 | 5,01 |

Fonte Inep¹⁶ (dados de 1999)

Como o a análise que está sendo feita no estudo empírico, aborda somente as escolas públicas, nota-se com clareza que ainda há pouquíssimas escolas ligadas a Internet no país. Esse quadro invalida, muitas vezes as propostas mesmo a nível de PCNs quanto a integração das tecnologias, pois os países menos desenvolvidos ficam à margem do processo de literacia, desta vez tecnológica. Comparando os índices vistos acima com os Estados Unidos, por exemplo, o INEP constata que naquele país, no ensino fundamental, 88% das escolas possuem Internet. São dados que muitas vezes, fazem com os agentes educacionais desinteressem-se pelas inovações propostas a nível de currículo, ou de projetos educativos. Como o Brasil é um país de dimensões continentais, o quadro visto acima, mudará nas diferentes regiões. Torna-se importante um estudo de cada estado brasileiro para saber como estão equipadas as escolas públicas e que formação possuem os professores para usarem as TIC em sala de aula.

¹⁶ Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa

1.4 O cinema e o vídeo no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa

A integração das tecnologias na educação, deve estar fundamentada numa proposta pedagógica que tenha como perspectiva uma nova abordagem educacional. Não é o uso das tecnologias que irá garantir as mudanças na qualidade do ensino. Essa mudança se dará "*numa didática que exercite a capacidade comunicacional humanica e pratique a educação como um processo específico de comunicação*" (Penteado,1998:13). Neste momento, as tecnologias poderão exercer seu papel transformador. Cabe ao professor criar esse momento contextual através de um processo vivo de "*partilha e de corresponsabilização docente/discente, experienciado ao longo de um percurso*". (ibdem)

Em uma época em que quase toda a informação é transmitida por meios audiovisuais, é imprescindível incentivar o ensino do cinema e do audiovisual para podermos ter "*consumidores de imagens e sons' cada vez mais atentos, mais críticos, mais despertos para as informações que lhes chegam de todo o lado*"(António,1997). Pesquisas americanas afirmam que o volume de conhecimento do homem contemporâneo dobra e que ele adquire metade de todo esse saber por meio de imagens, um quarto no que ouve, quinze por cento em comunicação com amigos e conhecidos e apenas dez por cento através de leitura em livros e materiais impressos. Mas ainda o 90 % ensino formal está alicerçado em livros e textos impressos.

Moran, (in texto da Internet) afirma que o vídeo é "*Sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita*". Que essas linguagens são sobrepostas, ligadas entre si, somadas e não separadas. Por isso a força que possuem. Atingem todos os sentidos. E continua o autor dizendo que "*o vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional*".

Essa combinação de linguagens e a imbricação do emocional e o racional, quando é usado o vídeo em sala de aula, tem entre outras, a finalidade de integrar, orientar e

estimular a capacidade de análise dos estudantes. A introdução de filmes como recurso pedagógico, além de ser um poderoso meio de comunicação, traz uma linguagem atual. O fascínio que o cinema exerce, poderá despertar e desenvolver nos alunos o gosto pela interpretação, pela discussão e interpretação, que fazem parte de uma formação de quem quer refletir sobre a língua, seu uso e sua função.

Com a análise de um filme, por exemplo, cabe ao professor mostrar que poderá haver várias visões sobre o mesmo tema, de acordo com o contexto e com a forma de “ver” o mundo. Não há interpretações certas ou erradas, mas diferentes maneiras de tratar o mesmo assunto, e cada um pode falar, participar do processo, sentir-se ator dentro do espaço escolar, descobrir e descobrir-se sem medo. Desenvolve-se no aluno *“uma aptidão individual a descobrir, a observar e criar novos contextos”* (Botkein in Moderno, 1992: 85).

Além de interpretar e discutir os filmes vistos, os educandos têm a chance de construir seus próprios filmes, criando roteiros cinematográficos, que em aulas de Língua Portuguesa seriam usadas como técnicas de redação. Bellanger (1977) referindo-se ao cinema que é estudado em classes escolares, afirma que *“pour l'enseignant le film est un moyen attrayant d' "accrocher" l'élève à la discipline”*. (7). Cada disciplina pode usar o cinema dentro dos objetivos que se propõe a atingir. Em Língua Portuguesa o aluno trabalharia além da interpretação, a construção de textos, de forma ativa e dinâmica, pois sua história produziria um documento fílmico. O texto, portanto, precisaria ter coerência, coesão, personagens, diálogos (se necessário), descrição de ambientes, enredo envolvente, entre outras coisas, ou seja, todos os elementos para a criação de um roteiro.

O aspecto da criação, estrutura e gramática são fatores importantes em aulas de Língua Portuguesa, também tornando-se ponto de reflexão o cinema enquanto meio de comunicação e sua influência na sociedade. Babin (1989) analisando a escola, diz que esta, atualmente, assume o lugar de comunicação entre os homens, deixando de ocupar tanto o lugar da comunicação do saber. A escola seria, segundo o autor, um lugar de aprendizado não só de coisas, mas da ligação destas coisas com a ação. Seria um espaço de completar, relativizar, criticar e confrontar informações e opiniões. Se aprenderia nela, através do espírito crítico e da reflexão, a liberdade de ser e de pensar.

Há a necessidade de refletir-se, dentro do ambiente escolar, sobre os comportamentos sociais que são apresentados no cinema, os modelos e ídolos que

são criados e que influenciam várias gerações. Torna-se importante também, discutir sobre as representações que tem-se de fatos e personagens que fizeram e fazem a História. Segundo a revista "Público na escola" (1996) a indústria cinematográfica proporciona modelos a imitar que refletem a sociedade e que influencia a forma de pessoas no mundo todo, aprenderem as realidades sociais. É o caso dos filmes de cowboy americanos da década de 60 e 70, que mostravam a realidade a partir do ponto de vista do homem americano, apresentando os índios como bandidos que não aceitavam a civilização branca. O cowboy aparecia como o herói que queria "apenas" tomar conta das terras. Esse exemplo, mostra a influência que o cinema exerce, pois até bem pouco tempo, a concepção do índio que se tinha era a apresentada pelas telas. O mesmo acontece com os japoneses, os russos, os iraquianos e outras etnias que, segundo os princípios americanos e conforme a mensagem que deve ser levada ao público, aparecem como os bárbaros, os anti-heróis, os desumanos. Ferrés (1998) referindo-se a história das comunicações audiovisuais nos EUA, indica que os critérios de seleção que são adotados pelos relatos cinematográficos e televisivos, não são nada ingênuos e que as representações dos *bad boys*, dos vilões, dos maus, sempre estão ancoradas no momento histórico que vive o país. Desde o cinema mudo, onde esses postos eram ocupados pelos japoneses e alemães; passando pelos vietnamitas, líbios... Os estereótipos contribuem para potencializar a sensação que existe, sobre o controle da realidade, e são sempre um reflexo da ideologia dominante.

Por isso torna-se importante a discussão em sala de aula dessa forma de "ver" o mundo. Mostrar que esta dependerá de quem apresenta a realidade e de sua forma de interpretá-la. Segundo Pinto ., ao analisar-se um filme em sala de aula, é importante ir introduzindo " a ideia de "construção" da imagem, isto é, que as imagens têm por trás de si ideias e um autor dessas ideias e da sua concretização numa representação".

Cabe ao professor questionar os modelos sociais impostos, refletindo sobre os estereótipos e sua forma de condicionar a imagem dos grupos culturais e étnicos minoritários, que não têm acesso aos media como criadores, mas sim como

receptores. É importante a questão da representação do "eu" e do "outro" . O "eu" é sempre o homem, branco, europeu. Essa é a cultura padrão, clássica e aceita. Os "outros" são todos os sujeitos que não se enquadram neste modelo preestabelecido. A partir disto surge a cultura padrão dominante. O currículo, assim como o cinema e a televisão mostram a realidade e as manifestações culturais dominantes, como as que devem se imitadas e seguidas. O questionamento e a reflexão sobre essas situações podem por si só, tornarem-se os principais objetivos da introdução do cinema em sala de aula.

Os PCNs –(Língua Portuguesa - 1998) trazem algumas propostas para o uso do vídeo em sala de aula, como: *para registro e documentação de projetos desenvolvidos; como avaliação, permitindo o exame de exposições orais; para que os alunos produzam produções em vídeos: encenações, programas informativos, entrevistas...*(92)

As novas tecnologias também incluem a televisão (presente no cotidiano da maioria dos alunos) que amplia o sentido de ver e ouvir, tornando a percepção do real mais globalizante e complexa. Segundo Porcher, os nossos alunos são alunos da televisão.

1.5 A televisão no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa

Um dos maiores fenômenos comunicacionais das últimas décadas, é sem dúvida a televisão. Sua abrangência e facilidade de transmitir informações, tornam-na um meio de comunicação atraente, que seduz e emociona milhares de telespectadores no mundo todo.

No Brasil, a televisão é o veículo de maior alcance, e o meio de informação e entretenimento mais utilizado pelos brasileiros. Dados retirados de Internet¹⁷ mostram que 98% da população entre 10 e 65 anos, assiste televisão pelo menos uma vez por semana e que 38 milhões de casas, o equivalente a 87% dos domicílios no Brasil, possuem um ou mais televisores. A TV aberta possuía 278 emissoras geradoras e 4.293 retransmissoras em atividade em 1999, de acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações. A Rede Globo, a maior emissora do Brasil, cobre quase a totalidade dos municípios brasileiros. Seu sinal chega a 99,96% dos aparelhos de TV do país.

Esse panorama, de abrangência dos sinais televisivos, faz com que, questione-se o uso desta no ensino escolar. Os alunos passam muito tempo assistindo televisão. Pesquisas mostram que o tempo que o adulto fica em frente a televisão é grande, perdendo apenas para o tempo em que está dormindo ou trabalhando e para as crianças perde apenas para o tempo que estão dormindo. Assim sendo, as crianças e jovens passam mais tempo assistindo televisão do que em sala de aula, por isso, os investigadores que trabalham com a tecnologia educativa, defendem o uso da TV em sala de aula. É importante que criem-se mecanismos escolares que venham a tornar esse processo receptivo, crítico e reflexivo. Ferrés (1998) acredita que uma das maiores contradições escolares é que não seja inserido o uso da imagem em sala de aula, pois sem preparação para discernir o que recebem, os alunos correm o risco de alienar-se ou de terem uma formação que não seja adequada enquanto cidadãos. E continua dizendo que *“a imagem deveria ser, então, matéria obrigatória no currículo escolar – a imagem, em geral, e a televisão em particular, com tudo que ela comportá”. A integração da tecnologia, deveria ser feita de forma interdisciplinar, abordando o meio de comunicação de diferentes dimensões, adaptada a cada área de ensino.*

¹⁷ <http://www.tudoai.hpg.ig.com.br/tv50.htm>

Em Língua Portuguesa pode haver um trabalho com os programas de televisão como: telejornais, apresentação de séries baseadas em livros, telenovelas, documentários... mas existe a “*necessidade de desenvolver actividades semelhantes às que se fazem habitualmente para o tratamento da escrita: de recolha de elementos, de observação, de relação de sistematização*”. (Moderno, 1992:48) A fragmentação das notícias, que é transmitida pelos meios de comunicação, obriga o telespectador a fazer sínteses, a fazer o tratamento das informações recebidas, para que compreenda que, através da tela da televisão, as informações que chegam, não são a realidade, mas possíveis construções do real. Essa visão permite ao aluno, perceber o mundo não de uma forma compartimentada, mas com uma visão pluridimensional, tendo a noção de que a verdade, depende dos olhos de quem a vê e apresenta.

Cabe ao professor selecionar a programação a ser vista em sala, além de orientar os alunos para novas maneiras de ver televisão, desenvolvendo capacidades e atitudes críticas diante do que observam e refletindo sobre valores e comportamentos. É através da *recepção crítica* que o aluno poderá ter uma – *produção ativa* (Oliveira, 1997: 21) . É de fundamental importância, transformar as informações recebidas em conhecimento, ou seja, aprofundar os temas que são relevantes.

A televisão e o vídeo conseguiram encontrar fórmulas que se adaptam perfeitamente à sensibilidade do homem contemporâneo. O ritmo das imagens é acelerado, há poucas informações, as cenas são geralmente curtas, não é preciso um conhecimento prévio para percebê-la. Há exploração da emoção, com pouco aprofundamento dos temas, o que não exige grande esforço e envolvimento do receptor. Moran (2001) afirma que as *linguagens* da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta, porque são dinâmicas, dirigindo-se mais a afetividade do que à razão. Nesta linha Ferres (1998) declara que a televisão é socializadora, porque *gera uma enorme torrente de energia emotiva* (39). O referido autor diz que não são apenas os programas e histórias que fascinam e seduzem. É o próprio meio.

Como o meio exerce sedução e um modelo de comportamento socializador, é necessário que haja uma reflexão dentro da escola sobre essa temática, pois dentro dela temos telespectadores que geralmente são passivos diante do fascínio que o meio determina.

Este trabalho investiga a sala de aula dos alunos de 3º e 4º ciclos. Quando se fala de alunos de 3º e 4º ciclos, subentende-se que tratam-se de adolescentes, ou de pré-adolescentes, alunos que têm em média de 11 a 15 anos. Os adolescentes desenvolvem um tipo de comportamento e um conjunto de

valores, que são próprios dos seus interesses (anseios), nesta fase, que é de profundas modificações, tanto corporais como emocionais. Todo esse processo, tem reflexos também no tipo de linguagem que é usada, de um vocabulário, muitas vezes, específico, da criação de neologismos, que quando são palavras criadas por jovens, são chamadas de gírias. Pode-se falar numa linguagem dos adolescentes. A mídia, conhecendo esse padrão comportamental dos jovens, e o potencial consumidor que possuem, explora essa situação em programas televisivos e em propagandas que são voltadas para essa faixa etária. Procura alcançar os objetivos, tentando atingir um grande público consumidor que sente-se atraído por ouvir à sua linguagem nos meios de comunicação.

A disciplina de Língua Portuguesa, deve considerar essa condição de apelo emocional que a mídia impõe, colocando a possibilidade de

"um fazer reflexivo, em que não apenas se opera concretamente com a linguagem, mas também se busca construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos". (PCNS; LP - 3º e 4º ciclos - , 1998:47)

A língua materna, além de disciplina, é a mediadora das relações sociais entre os homens, e assim sendo, com a aplicação da linguagem audiovisual em sala de aula, desenvolve nos alunos, "*múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo*" (Moran). Isso não faz com que se coloque em segundo plano a linguagem escrita, porque ambas podem compartilhar do ambiente escolar. Enquanto a linguagem dos media apela mais para a emoção e imaginação, a "*linguagem escrita desenvolve mais o rigor, a organização, a abstração e análise lógica*". (Moran, www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm).

Os PCNs, quando discutem o uso da TV em sala, além de referirem-se ao uso desta com a programação, ou com gravação usando também o vídeo, incluem espaço para uma discussão que reflita sobre os temas que são levados até a sociedade, desenvolvendo em última análise, uma recepção mais crítica. Sugere ainda, algumas propostas para discutir o veículo, entre essas: a *análise das transformações sofridas por uma obra literária ao ser adaptada para a TV; identificação de relações de imitação-interpretação-adulteração da realidade...* Ainda se pode colocar, a análise de notícias, em diferentes canais (multi interpretação da realidade); análise de propagandas...

A teoria desenvolvida sobre a integração da tecnologia educativa em sala de aula, promove o uso desta para que não haja um distanciamento muito grande entre os países desenvolvidos, e os países em desenvolvimento.

A não exclusão dos alunos de escolas públicas brasileiras, deste processo de literacia tecnológica, pressupõe que os estabelecimentos escolares tenham as condições mínimas para à sua interação em sala, promovendo um ensino diferenciado, onde alunos e professores construam e reconstruam o aprendizado. A formação dos professores nesta área, é condição sine qua non para que se estabeleçam escolas de excelência.

O Governo Federal, numa ação da Secretaria de Educação a distância – Seed - , lançou em caráter definitivo em 1996, o Programa TV Escola. Segundo dados do próprio governo, o programa visa democratizar o ensino básico e elevar a qualidade da educação. Tem entre outros objetivos o de assegurar “a todas as unidades de ensino padrões básicos de provisão de ambiente físico, de recursos e tecnologias instrucionais (...)”(www.mec.gov.br) enriquecendo assim, os recursos de apoio à escola e aos professores .

As escolas que fazem parte do programa são as escolas públicas com mais de 100 alunos e com energia elétrica, independente da zona a que pertença. O ‘kit tecnológico’ que o governo oferece é composto por televisor, videocassete, antena parabólica, receptor de satélite e dez fitas de vídeo VHS. Os principais objetivos do TV escola são os de aperfeiçoar os professores da rede pública, enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e melhorar a qualidade de ensino. Segundo dados do MEC a “criatividade e autonomia de cada escola encontrarão outros usos importantes para a programação da Tv Escola” (ibidem).

A reflexão teórica vista até agora, define um panorama parcial das investigações existentes nesta área, que revelam a forte ligação do currículo com as TIC. O estudo, entretanto, requer uma investigação em campo, para que conheça-se a situação das escolas públicas estaduais no Estado de Santa Catarina, investigando

os seus equipamentos, seus projetos educativos, a formação dos professores, para que possam ser avaliadas as escolas e a partir disto, sugerir futuras modificações.

SEGUNDA PARTE

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Nos capítulos a seguir justifica-se a tipologia da investigação e as opções metodológicas subjacentes ao estudo especificando os processos envolvidos na pesquisa.

CAPÍTULO QUARTO

No presente capítulo faz-se a justificação das opções metodológicas usadas na investigação empírica.

Nesta investigação, procede-se à utilização de um inquérito por questionários para avaliar as escolas referentes aos equipamentos que possuem para a integração das tecnologias em sala de aula e as projetos educativos que estejam sendo desenvolvidos. Avalia-se também os professores em relação a formação inicial e contínua nomeadamente em tecnologia.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DA INVESTIGAÇÃO

Antes de iniciar a apresentação da metodologia escolhida para este trabalho, cabe apresentar a região onde foi feita a investigação empírica.

Santa Catarina pertence à região sul do Brasil, é um estado com 5.349.580 habitantes, possui uma área de 95.443 km². A capital do estado - Florianópolis - é considerada¹⁸ a cidade brasileira que mais cresceu em produto interno bruto per capita nas últimas três décadas. Segundo o índice de desenvolvimentos humano da ONU, com base em renda, educação e expectativa de vida, é a segunda melhor cidade para viver no Brasil, tendo o menor índice de mortalidade infantil entre as capitais brasileiras e é a capital que exibe a menor taxa de analfabetismo.

O estado de Santa Catarina possui 1.352 escolas estaduais, estando 1.009 na zona urbana e 342 na zona rural¹⁹. Essas escolas abrangem todos os níveis de ensino. Para o referido estudo, foram visitadas as escolas que trabalham com 3º e 4º ciclos (5ª a 8ª séries), que eram os ciclos de interesse, por possuírem um professor para cada disciplina, no caso de Língua Portuguesa.

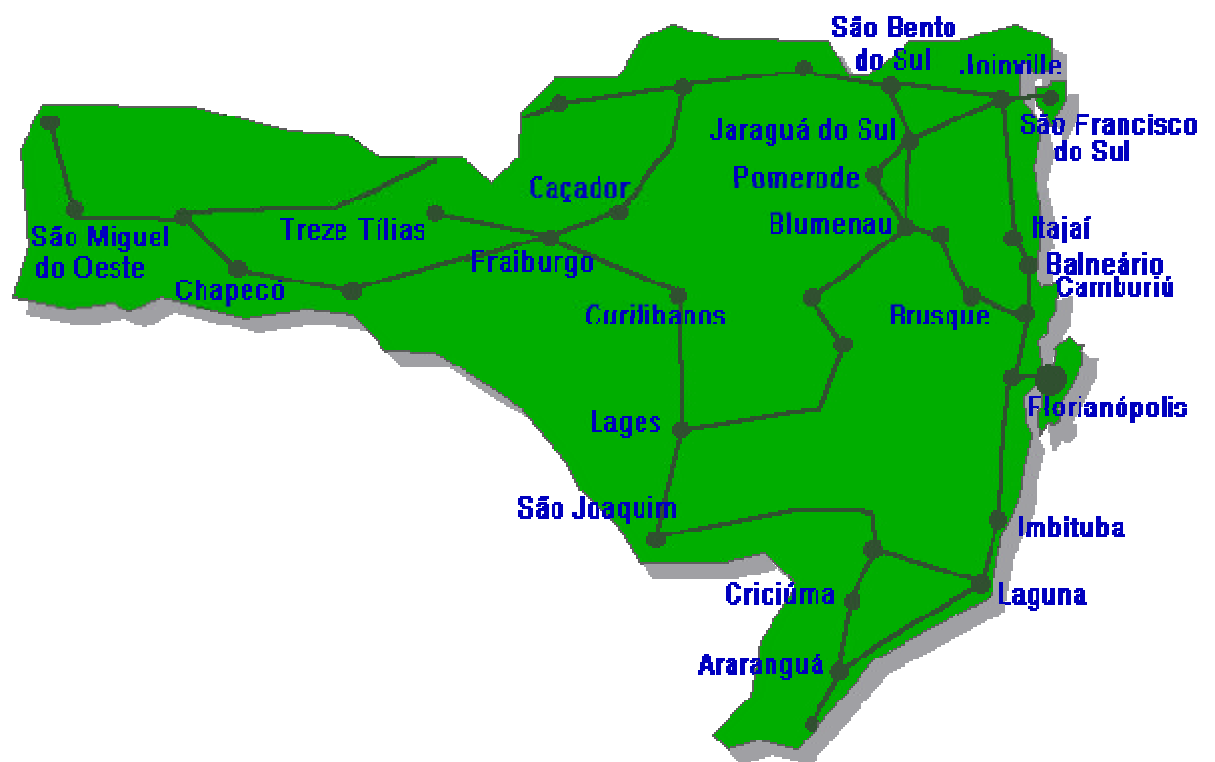
¹⁸ Revista Veja – março de 2001

¹⁹ Fonte: Censo Escolar 2000 - INEP/SED/DIRP/GEINF

1.1 Mapa Brasil – localização do Estado de Santa Catarina



1.2 Mapa do Estado de Santa Catarina



2. PARADIGMA DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho empírico teve como base uma investigação experimental. O estudo experimental é a planificação das atividades que se devem desenvolver para validar as hipóteses. Constitui " el puente de unión entre el problema y la solución" (Bisquerra, 1996:150). A validação de hipóteses dar-se-á pela evidência empírica, com a manipulação das variáveis independentes.

O estudo experimental foi de tipo exploratório, sendo feita uma pesquisa de campo, atendendo as necessidades de efetuar-se uma situação real, um ambiente natural para análise. Foram visitadas escolas públicas estaduais, que pudessem vir a atender às expectativas das hipóteses da pesquisadora. A preocupação desta investigação era a de conseguir uma amostra de sujeitos que viessem a representar o universo dos professores estaduais de Língua Portuguesa. O estudo de um grupo de sujeitos, é uma possibilidade probabilística de assegurar a representatividade da população escolhida.

Foi escolhido para a pesquisa de campo o inquérito por questionário acreditando-se que com este instrumento seria possível abranger um número maior de escolas e professores, desse modo penetrando e conhecendo uma parcela considerável da realidade das escolas em diferentes situações (físicas e humanas).

O inquérito foi utilizado para que houvesse uma apreciação das escolas em relação as hipóteses que norteiam o trabalho, fazendo uma sondagem com os professores, investigando a realidade existente num determinado período. Segundo Bisquerra (1996) o questionário consiste em um conjunto de perguntas ou questões que se consideram importante para o entendimento de hipóteses.

Abarello (1997) fazendo uma analogia do inquérito por questionário com a fotografia, diz que ambos têm por finalidade "*fixar num dado momento uma determinada situação social*". (48)

O inquérito mesclou perguntas, que podem ser classificadas como fechadas, abertas, semiabertas e de escala (Abarello, 1997:53). Nestas perguntas usou-se o estudo estatístico, que conforme Pardal (1995) poderá ultrapassar apenas a análise de dados, fornecendo instrumentos que possibilitem a interpretação de conjunto numéricos, podendo desta forma caracterizar os fenômenos observados.

As perguntas abertas foram contempladas no questionário para que houvesse uma análise qualitativa da questão sobre formação de professores.

A análise das questões fechadas foi efetuada segundo um paradigma quantitativo onde se aplicaram métodos de estatística descritiva e expressão gráfica dos dados. A avaliação dos dados quantitativos dos questionários foi feita usando o Microsoft Excel.

Esses inquéritos serviram para um levantamento da situação das unidades escolares em relação aos equipamentos tecnológicos, a forma de utilização pelos professores de Língua Portuguesa e os Projetos que existem nesta área.

2.1 Identificação do problema e hipóteses

O trabalho apresentado, mostra que a Tecnologia Educativa tornou-se tão importante como conhecimento, como a própria alfabetização. Em um país em que poucas pessoas têm acesso ao computador, principalmente ligado a Internet, como no caso do Brasil, o caminho à inclusão digital está apenas no início. As escolas públicas - que geralmente ministram seu ensino-aprendizagem aos alunos menos favorecidos socialmente - precisam oferecer-lhes a chance (muitas vezes única) de ter ingresso no mundo tecnológico.

As escolas precisam inovar-se, modificando seu ensino-aprendizagem, construindo um Projeto que seja inerente ao seu tempo, contemplando a todos os atores escolares, em benefício de uma aprendizagem mais efetiva por parte dos alunos.

Partindo desses pressupostos, sentiu-se nesta investigação, a necessidade de, apoiada num referencial teórico, apresentado na 1ª parte, proceder a utilização de um inquérito por questionário para que fossem avaliadas as Escolas Públicas Estaduais de Santa Catarina - no que diz respeito aos equipamentos que possuem e aos projetos que integrem as tecnologias educativas no ensino-aprendizagem. Aos professores de Língua Portuguesa questionou-se principalmente sobre a formação que possuem para a integração das TIC em sala de aula.

Os problemas colocados neste trabalho são os seguintes:

1. Estão as escolas públicas estaduais de Santa Catarina equipadas com as Tecnologias de Informação e Comunicação?
2. As escolas trabalham com Projetos Educativos no processo educacional?
3. Os professores de Língua Portuguesa de escolas públicas estaduais utilizam as Tecnologias em sala de aula?

O problema, segundo Lakatos (1994) consiste num "*enunciado explicativo de forma clara, compreensível e operacional*" (127), cuja a solução pode ser a pesquisa ou pode ser resolvido por processos científicos.

Decorrentes dos pressupostos teóricos em que se baseia o trabalho, foram formuladas as seguintes **hipóteses**:

- As escolas públicas estaduais catarinenses possuem equipamentos para a incorporação das tecnologias em aulas de Língua Portuguesa.
- As escolas públicas estaduais não trabalham com Projetos Educativos de Escola
- Os professores de Língua Materna necessitam formação para integrar as Tecnologias Educativas em sala de aula.

2.2 Definição das variáveis

A formulação de hipóteses obriga ao estabelecimento de uma relação entre dois tipos de variáveis:

- independentes
- dependentes

As variáveis independentes são as que o investigador tem liberdade para poder variar, são portanto manipuláveis. Segundo Bisquerra (1996) são fatores que o investigador se propõe observar e manipular deliberadamente para descobrir as relações com a variável dependente. (75)

Neste estudo para dar repostas aos problemas estabelecidos, as variáveis independentes escolhidas foram: (i) tempo de serviço dos professores, (ii) idade dos professores; (iii) localização da escola

As variáveis dependentes que foram definidas como as que sofreriam ou não o efeito das independentes foram: os equipamentos que as escolas possuíam para a integração das TIC; os Projetos Educativos existentes; formação de professores.

3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Inicialmente, quando o estudo estava sendo idealizado, pensou-se em realizar a investigação a nível estadual, onde o universo seriam os Professores Efetivos de Língua Portuguesa de 3º e 4º ciclos, das Escolas Estaduais, em todas as regiões do Estado de Santa Catarina e a amostra uma representação deste universo. Como a região inicialmente idealizada como Universo da pesquisa empírica era muito grande

e abrangia grandes distâncias, por questões de tempo e de deslocamento, esse Universo de todo o Estado de Santa Catarina não pode ser investigado. Assim, reduziu-se o Universo para uma região específica que são 1º e 26º CRE²⁰ abrangendo respectivamente a capital do estado - Florianópolis e o município de São José. Segundo Hill (2000) *"se a amostra dos dados for retirada do Universo de modo que seja representativa desse mesmo Universo, é possível aceitar, com razoável confiança, que as conclusões obtidas utilizando a amostra possam ser extrapoladas para o Universo."*

Esta área foi escolhida por incluir um espaço muito diversificado, apresentando um grande centro urbano, tendo escolas espalhadas na zona central, na periferia e também na zona rural.

Outro fator que determinou que a amostra fosse limitada a uma região de Santa Catarina, foi a dificuldade na entrega dos questionários, pois a investigadora visitou todas as escolas pessoalmente, entregando os inquéritos aos próprios professores ou deixando-os sob a responsabilidade do diretor, do orientador ou da secretária da escola, para posteriormente ser respondido pelo professor.

O número de professores efetivos em Língua Portuguesa, nesta região é de 209. Como o questionário foi entregue pessoalmente nas escolas, sentiu-se a necessidade de ampliar o estudo também para os professores substitutos, devido a dificuldade em encontrar professor efetivo nas escolas visitadas. A amostra é de 35 professores de Língua Portuguesa.

Foi usado como método de escolhas das escolas, uma amostragem causal. A amostra pode ser classificada como aleatória simples, pois as escolas foram escolhidas através de um sorteio, onde eram colocados os números de todas as escolas dessa região e retirado a sorte os números das escolas que seriam visitadas. Isso foi feito para que cada um dos casos da amostra tivesse a mesma probabilidade de serem retirados. (Anexo 3)

²⁰ Conselho Regional de Educação

Foram distribuídos no total 50 inquéritos em 42 escolas e respondidos 35 o que corresponde a 70% do que foi entregue. (Gráfico 1)

3.1 O inquérito por questionários

3.1.1 Aplicação Piloto

A aplicação piloto (Anexo 4) foi lançada no período de setembro-outubro de 2000, em três escolas escolhidas, em diferentes zonas e foram aplicados a seis professores de Língua Portuguesa.

As dificuldades nas respostas, foram sentidas na 2ª parte do questionário, onde eram usadas as perguntas de escolha múltipla de avaliação com a grade C/CP/CT/NC/DP/DT - significando: *Concordo; Concordo parcialmente; Concordo totalmente; não concordo, discordo totalmente; discordo parcialmente*. Por isso, se pensou em modificar essas questões, para que ficassem mais claras, facilitando as respostas, principalmente para quando a investigadora não estivesse presente. Por sugestão do orientador essa parte foi retirada dos questionários.

3.1.2 O inquérito por questionários

Depois de testar o instrumento, partiu-se para a aplicação do inquérito definitivo, em atividade de campo, sendo visitadas pessoalmente todas as escolas onde aqueles foram aplicados.

O questionário teve sua estrutura planejada para que reunisse em blocos as perguntas referentes a cada hipótese, observando uma forma simples e clara para a marcação das respostas, possibilitando que os docentes as respondessem com facilidade.

A aplicação do inquérito definitivo (Anexo 5) foi feita em visita pessoal a cada escola, sendo muitas vezes contatado o próprio professor, sendo então o inquérito respondido imediatamente. Onde não havia professor de Língua Portuguesa naquele momento, os questionários eram entregues ao diretor da escola ou algum encarregado da direção.

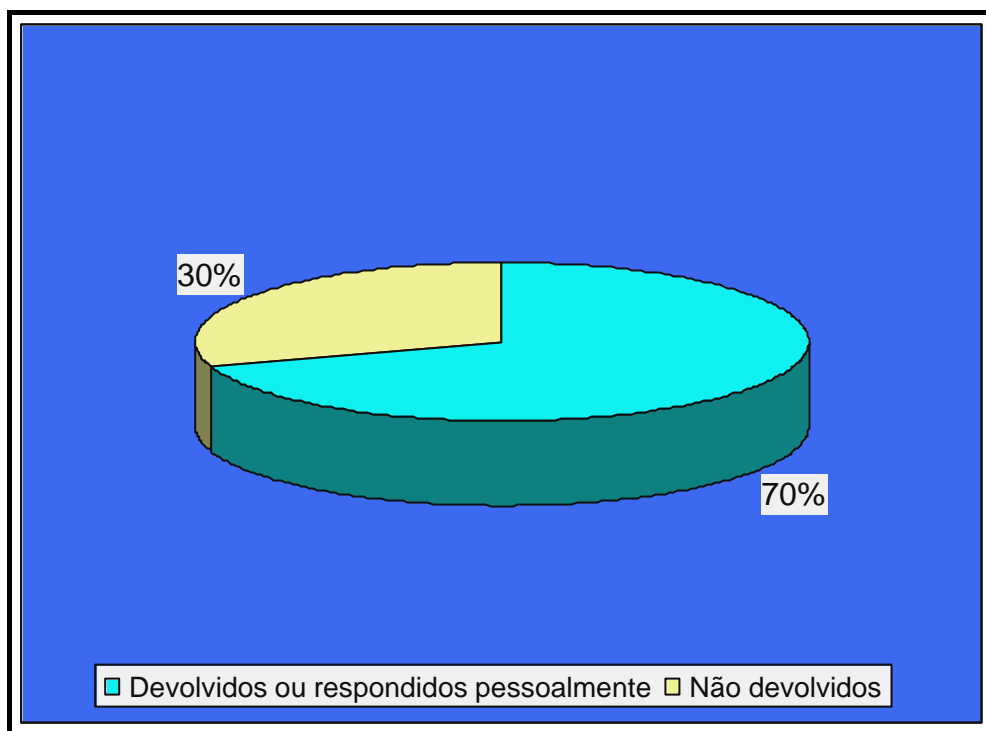
A investigadora visitou todas as escolas pessoalmente, entregando os inquéritos aos próprios professores ou deixando-os sob a responsabilidade do diretor, do orientador ou da secretária da escola, para posteriormente ser respondido pelo professor. Em muitas escolas a investigadora manteve um contato maior com a direção ou orientação da escola, onde eram apresentados os problemas que estas enfrentavam. Em algumas foram mostrados também o local onde havia salas específicas para o uso de televisão - por exemplo - sendo que na maioria das escolas houve uma visita acompanhada por todo o estabelecimento, conhecendo *in loco* a estrutura física das escolas investigadas. É comprovado que em todas as escolas que foram vistas, há falta de salas de aula, pouco espaço físico para os alunos, sendo assim difícil que a escola consiga manter espaços para salas especiais - como salas de vídeo, de artes, laboratórios de ciências, pois esses normalmente são transformados em salas de aula. Em algumas escolas visitadas, a maior preocupação dos diretores, é a falta de inovação no processo de ensino-aprendizagem, mostrando às vezes um descrédito em relação aos professores e suas didáticas, em função da manutenção do ensino somente com o quadro e o giz. Estas conversas não foram gravadas, por isso não puderam ser usadas na análise dos dados.

A oportunidade de conhecer diferentes escolas, de manter contato com muitas pessoas ligadas a educação, fez com que a própria investigação se enriquecesse, pois através deste convívio pode se observar que as escolas precisam de recursos para que consigam emergir do atual estado precário que se encontram. Muitos dos professores questionados, manifestaram informalmente sua opinião sobre o trabalho de dissertação, acreditando que a integração das TIC em sala de aula, ainda é utópico para a realidade que existe nos estabelecimentos educacionais.

O trabalho começou no mês de início de março de 2001 e foi até final de abril. Uma das dificuldades sentidas foi em relação aos horários e dias específicos de trabalho dos professores, pois em muitas escolas visitadas não havia professor naquele dia. Além disso, em muitas escolas não havia professor efetivo de Língua Portuguesa, chegando o caso de escolas que não tinham professor com formação nesta área, ou ainda estavam em fase de conclusão. Como o universo que foi escolhido para os questionários é bastante homogêneo e conhecido, as respostas tendem a ter uma maior precisão.

Além dos questionários, a pesquisa também utilizou análise dos currículos do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, e de uma visita a Secretaria de Educação, onde colheu dados sobre o projeto de informática que está sendo implantado nas escolas.

GRÁFICO 1 - INQUÉRITOS RESPONDIDOS



CAPÍTULO QUINTO

Este capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados obtidos no inquérito por questionários.

1. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados foram organizados de forma a permitir responder aos problemas apresentados e verificar a veracidade das hipóteses. A seqüência escolhida para a apresentação e interpretação dos resultados obedece às hipóteses formuladas.

1.1 - Tratamento dos Dados

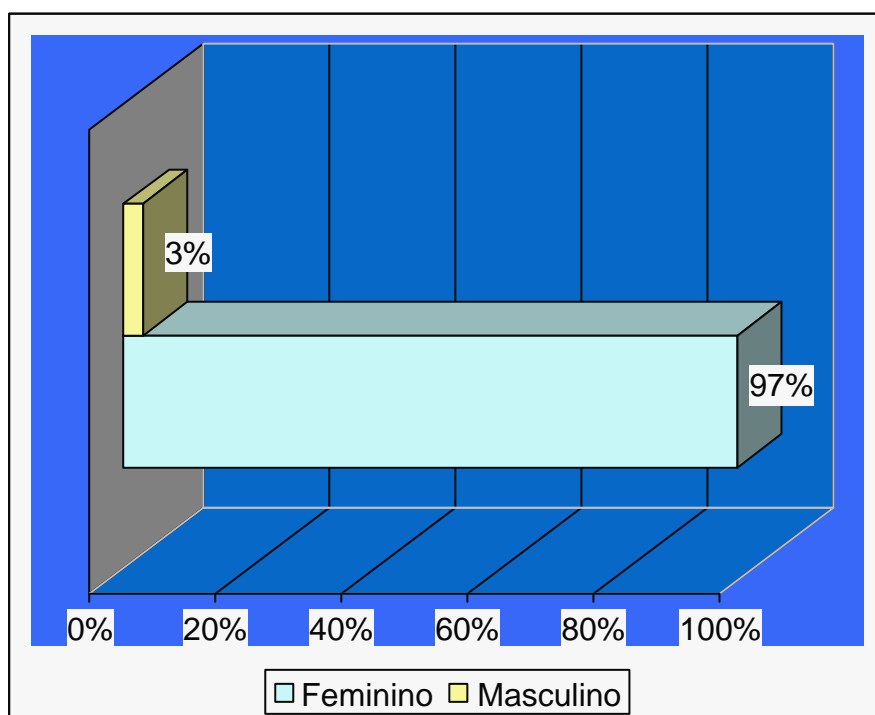
1.1.1 - Dados Pessoais

Relativamente a algumas variáveis consideradas, no que diz respeito aos dados pessoais do professores, os resultados distribuíram-se do seguinte modo:

A) SEXO

Os docentes das escolas visitadas são maioritariamente do sexo feminino (97%), sendo que de todos os inquéritos respondidos somente um professor é do sexo masculino o que representa 3% do total. (Gráfico 2)

Gráfico 2 - Distribuição dos professores de acordo com o sexo

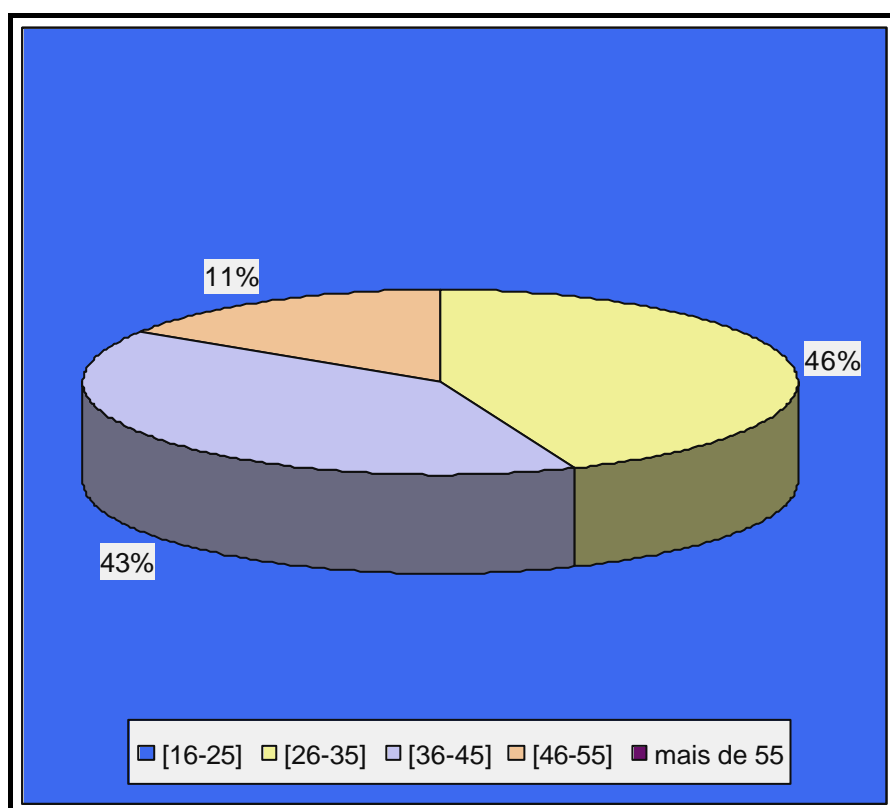


B) IDADE

Conforme pode se verificar nas respostas os professores situam-se entre a faixa etária compreendida entre os 26 e os 35 anos (43%) e dos 36 aos 45 (46%), sendo que estas duas faixas estão praticamente em igualdade de situação. Situam-se ainda 6 professores na faixa dos 46 aos 55 anos (11%). Não há professores com mais de 55 anos e nem com menos de 25. (GRÁFICO 3)

A média de idade é de 37 anos.

GRÁFICO 3 - Distribuição dos professores pela idade



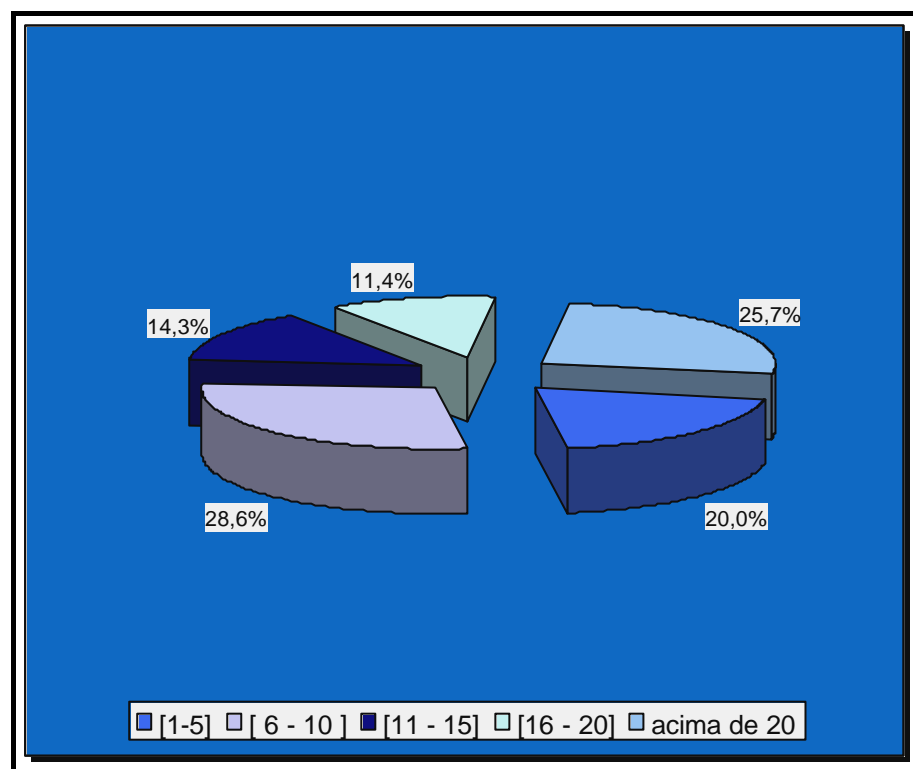
C) EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

A experiência profissional dos professores, analisada nesta investigação, concretiza-se em anos de docência, o que levou a classificação dos professores em cinco grupos, como mostra o gráfico a seguir (gráfico 4). A classificação foi feita para que pudesse ser determinado se o tempo de serviço influenciaria o uso das Tecnologias em sala de aula.

As respostas foram bastante variadas, sendo que entre as classes a que mais teve resposta foi a distribuição do tempo entre os seis e dez anos (28,6%), seguido dos professores com mais de vinte anos de carreira (25,7%) e os que possuem de um a cinco anos (20%). Logo após vieram os educadores entre dez e quinze anos de profissão (14,3%) e encerrando os que têm de dezesseis a vinte anos (11,4%). Graficamente esses dados ficam assim distribuídos.

A média é de 12,7 anos de serviço.

GRÁFICO 4 - Distribuição dos professores segundo a experiência profissional



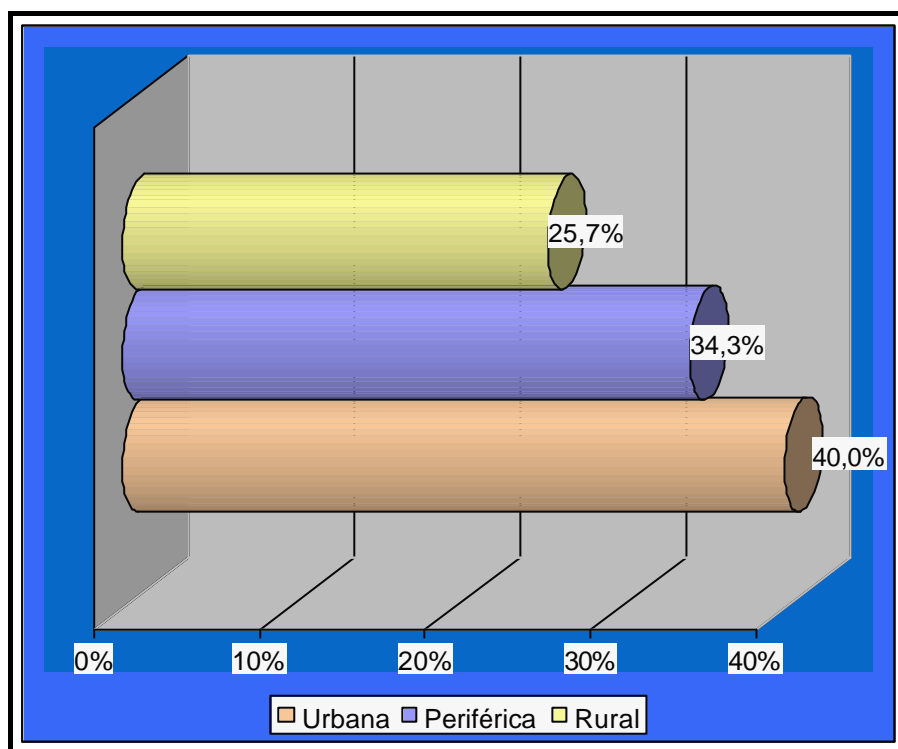
1.1.2 - Dados da Escola

A) Localização da escola

Entre as variáveis que foram propostas para o inquérito, uma se referia a localização da escola e a possível diferença que existiria em relação aos Projetos Educativos e aos equipamentos para a integração das TIC, de acordo com a zona que a escola se encontrava.

As escolas visitadas se concentraram em sua maioria na zona urbana, estando localizadas no centro da cidade ou num bairro da periferia, poucas escolas estavam em zona rural. A zona rural vista neste estudo, é uma zona muito próxima ao centro urbano devido as características da região que serviu como amostra. Nessa região as zonas rurais são formadas por pequenas ou médias propriedades que estão próximas aos centros urbanos. Como se tratavam de escolas estaduais, portando são regidas pelo Governo Estadual, o que se pode verificar é que não há grande diferenças entre elas, pois há uma padronização a nível de estrutura física.

GRÁFICO 5 - Distribuição dos professores segundo a localização da escola



1.2.3 Equipamentos existentes na escola

Para verificar-se a hipótese **“as Escolas Públicas Estaduais Catarinenses possuem equipamentos para a incorporação das Tecnologias em aulas de Língua Portuguesa”** serão analisados os Gráficos nº(s) 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

A) Sala de Televisão e Vídeo

Nas escolas visitadas, a maioria dos professores respondeu não haver sala de televisão. Muitas possuem o aparelho, que é levado até a sala quando solicitado, o que certamente dificulta o trabalho de forma integrada.

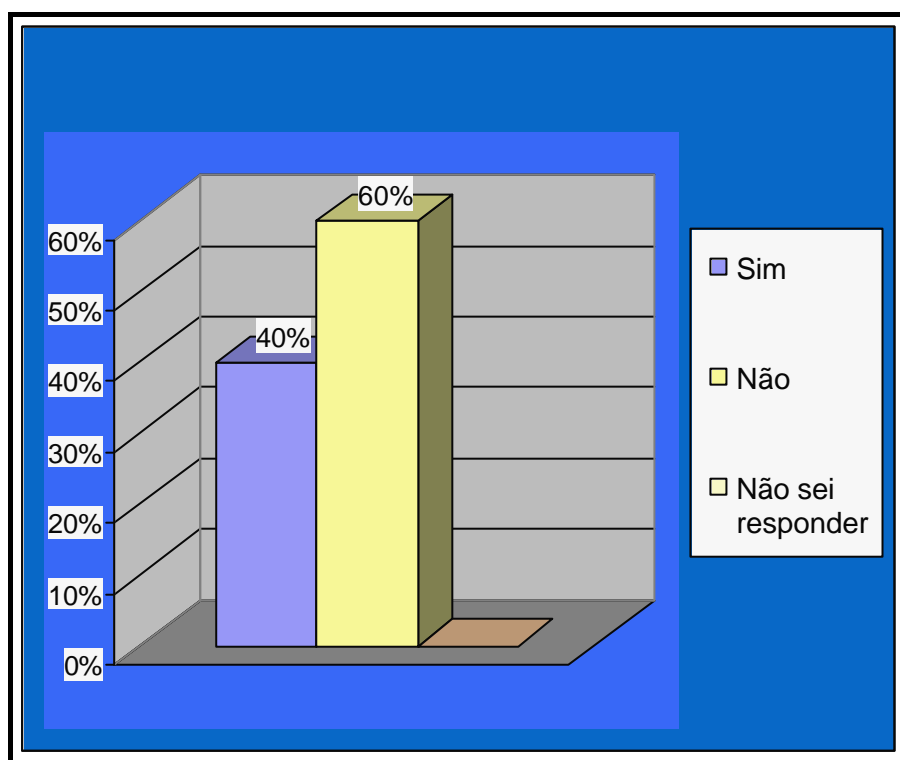
A pergunta número 9 vem ao encontro da 8 quando questiona sobre a sala de vídeo, concluindo-se que quase a totalidade das escolas que não possuem sala de tv também não possuem a de vídeo, pois obviamente o segundo depende do primeiro para projetar as imagens.

Conforme foi abordado na reflexão teórica, o governo do Brasil através do MEC, promove desde 1996 uma forte campanha para equipar as escolas públicas, com mais de 100 alunos, através do Programa TV Escola. Além de fornecer o material técnico, transmite uma programação voltada para os professores e seu aperfeiçoamento. (anexo 3)

Essa realidade apresentada pelo governo, não pode ser comprovada nas escolas visitadas, pois vendo o gráfico abaixo, comprova-se que 60% dos professores

inquiridos responderam que a escola não possui sala de TV e quando a pergunta é sobre a sala de vídeo o índice aumenta para 66% .

Gráfico 6 - Sala de Televisão e Vídeo

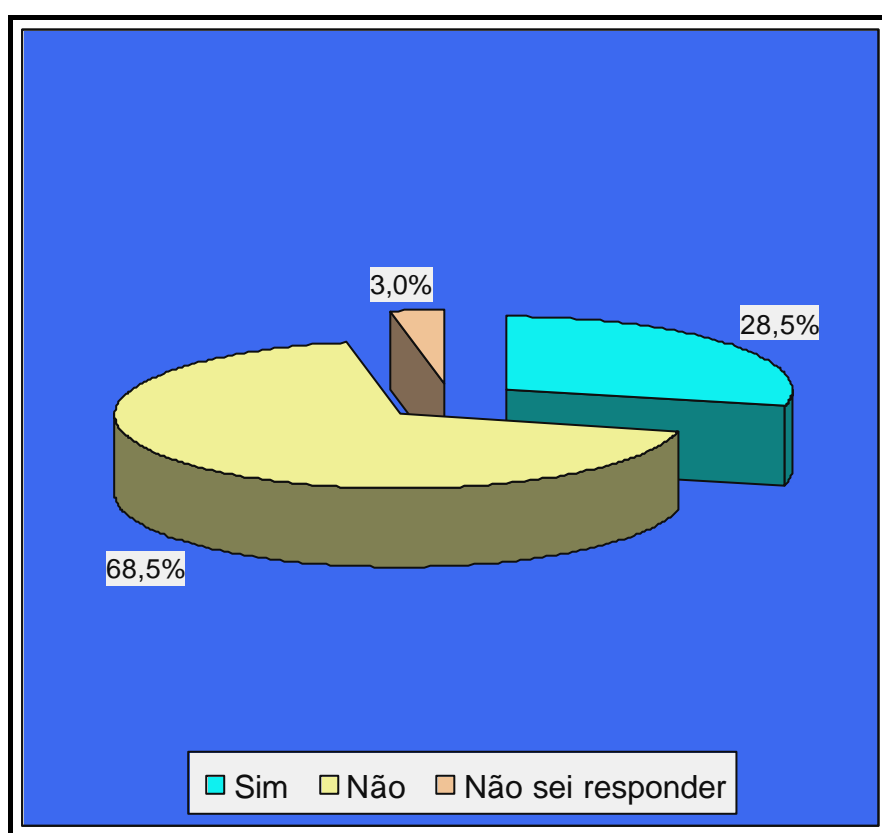


B) Videoteca

É de grande importância que as escolas tenham sua videoteca montada, e que seja atualizada periodicamente, para que o professor possa ter acesso mais fácil ao material, tendo condições de incluí-lo em suas aulas. Em aulas de Língua Materna, pode ser utilizada grande variedade de filmes de longa e curta metragem, para que seja, por exemplo, analisado o texto, o temas, os personagens, entre outros. Também podem ser estudados os clássicos da literatura que foram adaptados ao cinema como *Macunaíma* de Mário de Andrade, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, *Inocência* de José de Alencar...

Das escolas visitadas, a maioria não possui uma videoteca montada. A Secretaria de Educação do Estado possui uma videoteca que pode ser utilizada pelos professores, mas está localizada no centro da cidade, o que pode dificultar o acesso dos professores, devido a distância de algumas escolas em até 40 km do centro de Florianópolis.

Gráfico 7 - Videoteca

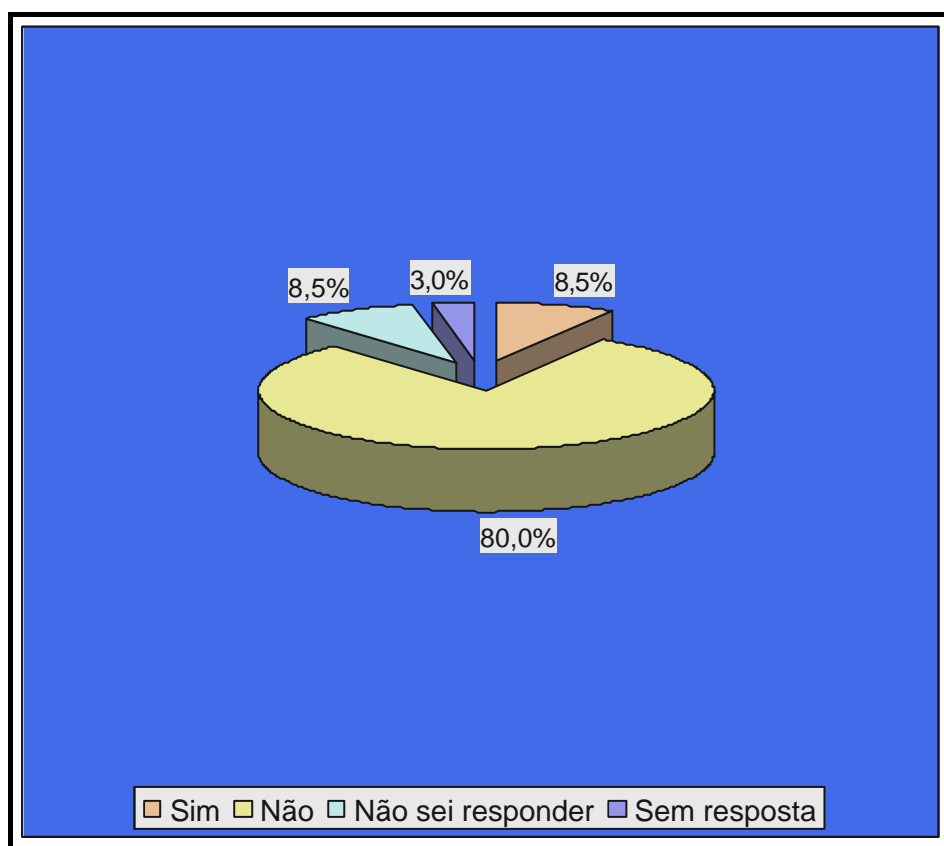


C) Equipamentos para gravação de imagens e rádio escolar

A UNESCO e o Conselho da Europa, em 1992 (já citado anteriormente), incentivam os professores a fazerem de seus alunos produtores de material audio/visual, a realizarem seus próprios produtos, pois produzindo os jornais escolares, os vídeos e as rádios juvenis os alunos compreenderão as realidades e as condições de trabalho dos profissionais. As perguntas de número dez e onze – que questiona sobre rádio escolar e equipamentos para gravação de imagens - vem ao encontro da proposta da UNESCO pois somente sendo equipadas com filmadora, mesa de som, máquina fotográfica, é possível ser produzido o material, incentivado pelo professor.

Na pergunta de número dez a maioria dos professores respondeu que a escola não possuía equipamentos para gravação de imagens. Na pergunta onze – todas as respostas dos questionários foram que não existia rádio escolar. Pode se concluir, através desses dados, que não há incentivo público e não há interesse por parte dos alunos e do quadro docente para a produção e execução de uma rádio escolar.

Gráfico 8 - Equipamentos para gravação de imagens



D) Computadores ligados a Internet

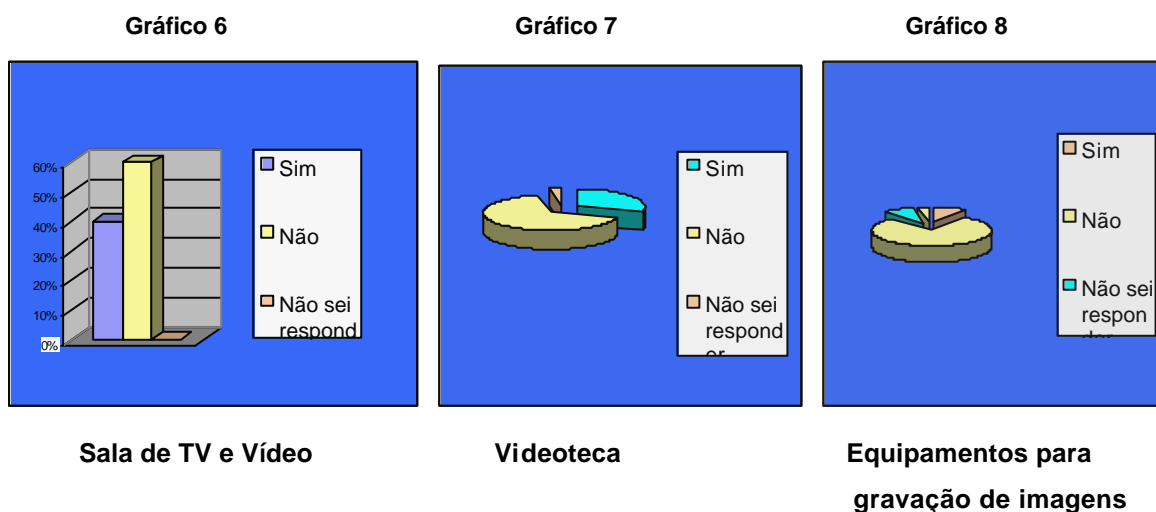
A Tecnologia Educativa passa principalmente, nos dias atuais, pelo uso de computadores. Computadores nas escolas ligados a Internet para uso dos alunos, para que esses possam ter acesso ao mundo de informações que faz parte da mídia. Acesso também ao correio eletrônico para que haja uma interação entre escolas, em diferentes regiões e até com outros países.

Procura-se na escola, conquistar um campo cada vez mais vasto de possibilidades voltadas ao educando. Amplas possibilidades são criadas e divididas, quando o professor se assume como um facilitador, como um mediador entre o ensino e o aluno, permitindo a cada um - enquanto sujeito - uma recepção crítica e seletiva dos meios de comunicação. Controlar as informações, percebendo o seu carácter ideológico ou não, seleccioná-las - principalmente o que vem através da Internet, são alguns dos pontos que devem discutidos a nível escolar.

Por isso, o estudo procurou conhecer quais eram as escolas que já possuíam o computador ligado a Internet. Acreditando que, as diferentes regiões do 1º e 26º CRE, pudessem apresentar contrastes de resultados de um local para outro. A realidade encontrada nas escolas percorridas, ainda não contempla essa inovação

educacional, pois em todas que foram investigadas, nenhuma possuía computador ligado a Internet – nem para uso dos alunos, nem para os professores. A investigadora procurou a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, para saber se teriam escolas ligadas a rede, mas ainda não existem. O projeto que implantará computadores ligados a Internet em todo Estado de Santa Catarina será iniciado neste ano de 2002, comprovando assim, a inexistência de computadores ligados a Internet nas escolas públicas estaduais do Estado de Santa Catarina.

QUADRO SÍNTESE



Conclui-se então, que a hipótese “as Escolas Públicas Estaduais Catarinenses possuem equipamentos para a incorporação das Tecnologias em aulas de Língua Portuguesa” não foi confirmada pelas respostas dos

professores, pois na maioria das escolas percorridas os equipamentos para integração das TIC ainda não está incorporado ao universo escolar.

1.1.4 Projetos Educativos de Escola

A segunda hipótese de trabalho que guiou a investigação foi **“As escolas públicas estaduais não trabalham com Projetos Educativos de Escola”** a fim de conhecer a realidade das escolas em relação a Gestão Curricular. As perguntas para responder a esta hipótese são as de nº 17,

A) Projetos Educativos

Dentro da perspectiva de integrar as TIC em sala de aula, o primeiro passo a ser tomado na escola é que haja Projeto Educativo de Escola, onde o trabalho dos professores e alunos e todo quadro funcional venham a construir juntos um plano, que inclua em seu desenvolvimento, o uso das tecnologias no ensino-aprendizagem.

O projeto não precisa ser especificamente sobre as TIC mas que as aborde e faça delas um meio de comunicação entre alunos e professores. Mesmo em escolas que

ainda não possuem o computador, o próprio uso do vídeo e da televisão pode ser uma forma de inovar o modo de ensinar e aprender.

Na questão de número 17 onde se pergunta sobre Projetos Educativos que a escola possui, sem abordar a questão específica da tecnologia, 74,3% dos inquiridos responderam que a escola não possuía projeto. Das respostas positivas algumas comprovaram que mesmo a escola apresentando um plano de ação, não pode ser chamado de Projeto Educativo, pois neste espera-se que todos os intervenientes trabalhem conjuntamente. Algumas respostas dos professores confirmam essa proposição, quando é analisada a resposta como a do P5²¹ " *O projeto curricular é ditado pelo Estado e dotado pelas escolas públicas sem adaptá-lo a realidade escolar particular e local*". Sem adaptar, sem a gestão que deve preocupar-se com o local, com os alunos, com a aprendizagem, é apenas o currículo instituído sendo repassado. Roldão (1999) afirma que para a escola não agravar os níveis de exclusão social, é importante que o currículo seja repensado, entre outros vetores de mudança, como um *"projeto específico de cada escola, apropriado pelos seus actores e gestores, substituindo-se o discurso da norma pelo discurso da contextualidade"* (38) E Zabalza (1992) diz que é preciso procurar obter um *"currículo baseado nas necessidades reais da população escolar, em oposição aos currículos standard, definidos a nível geral para todo o país"* (90)

Outra resposta observada é a do P10 que afirma *"O projeto existe mas não foi elaborado com participação de todo o corpo discente e nem repassado"* mostra novamente a falta de conhecimento sobre o Projeto e a sua forma de gerir e atuar, pois aquele só se chama assim se tiver a participação do conjunto. Para ser projeto precisa da participação e do conhecimento de todos os atores escolares. Segundo Zabalza in Roldão, o currículo deve ser entendido como um espaço de decisões onde a comunidade escolar - enquanto escola e o professor - em sala de aula, discutam os seus marcos intervencionais.

²¹ P5 - São as classificações dadas aos professores que responderam os questionários, de acordo com o número que foi dado a cada inquérito, do número 1 ao 35. Essas respostas fazem parte das perguntas abertas. Nesse caso refere-se então ao professor de número 5.

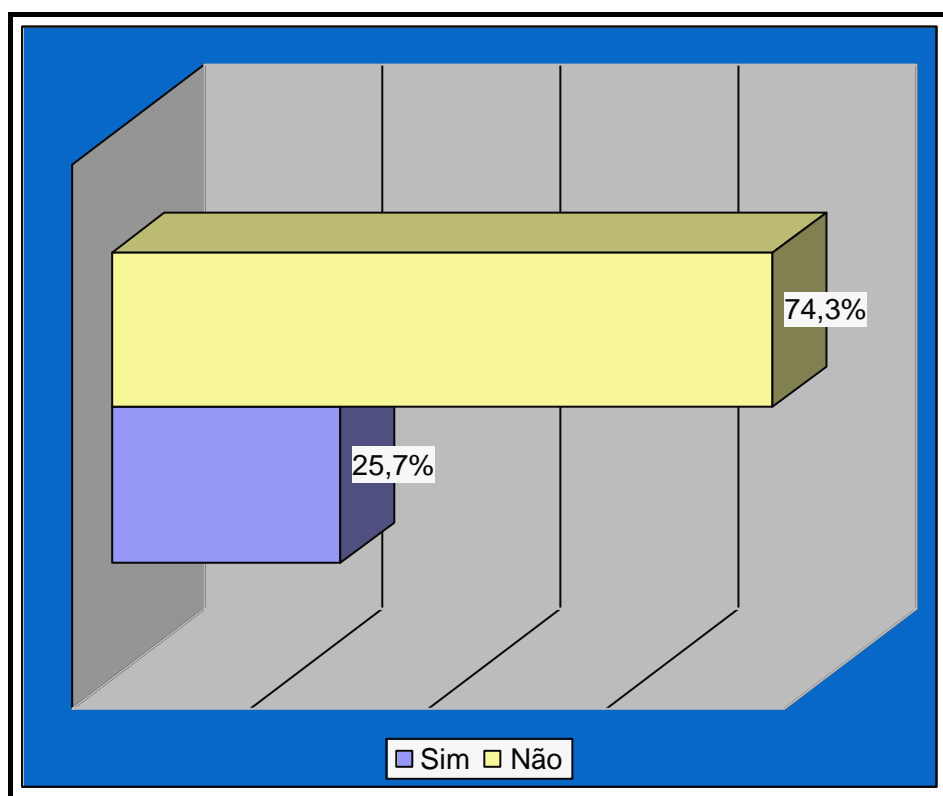
Refletindo sobre as afirmações dos professores, pode-se concluir que a ideia de projetos ainda está muito aquém do que se faz necessário, mostrando que as escolas e os professores desconhecem a importância da Gestão Curricular, independente do tipo de Projeto que venha a ser construído. Essa falta de informações sobre os Projetos feitos pela escola e para escola, podem ser ratificados com respostas como a do P21: *"Desconheço **um grupo** que trabalhe com **isso**"*. Novamente a exclusão da comunidade escolar no processo de elaboração e alguns grupos tendo o papel decisional. Ainda nesta resposta, o pronome *isso* evidencia o desinteresse pelo assunto. A resposta do professor 11 vem confirmar a pouca informação dos professores sobre o referido assunto *"O projeto da escola foi feito por alguns professores e não teve a minha participação"*.

As respostas mesmo quando afirmativas, mostram um quadro docente pouco informado a respeito do Projeto Educativo, sendo possível um estudo mais aprofundado sobre este tema. Para construir-se uma Gestão Curricular na escola, é preciso que haja interesse por parte de toda a comunidade escolar e que todos sintam-se mantenedores do futuro desse projeto. Lima (1996) referindo-se a construção do modelo de gestão, através do exercício de autonomia, afirma que *"A construção social de modelos de gestão escolar constitui um processo complexo, dinâmico e plural que, à partida, não exclui definitivamente nenhuma categoria de actores"* (14)

Analisar-se-ão duas respostas que parecem mostrar existir nestas escolas, um trabalho coletivo, com base nos princípios de projeto *"A escola desenvolve projetos interdisciplinares, cujos temas são de interesse da comunidade escolar"* (P11). *"A escola apresenta o PPP (Projeto Político Pedagógico) que vai ao encontro das necessidades dos alunos"* (P24). Somente um estudo mais aprofundado nas referidas escolas, poderia mostrar como é desenvolvido o Projeto e se nesses estabelecimentos há realmente uma Gestão Curricular e de que forma é feita. Rorty in Doll (1997) salienta a importância de um currículo que não seja standard, mas adaptado às necessidades de cada contexto. *"O currículo, numa estrutura pós-moderna, não é um pacote; ele é um processo – dialógico e transformativo, baseado nas interações ou transações peculiares às situações locais"*. (156)

A seguir a apresentação gráfica do que foi explicado descritivamente.

Gráfico nº 9 - Projeto Educativo de Escola



B) Projeto Educativo para Integração das TIC

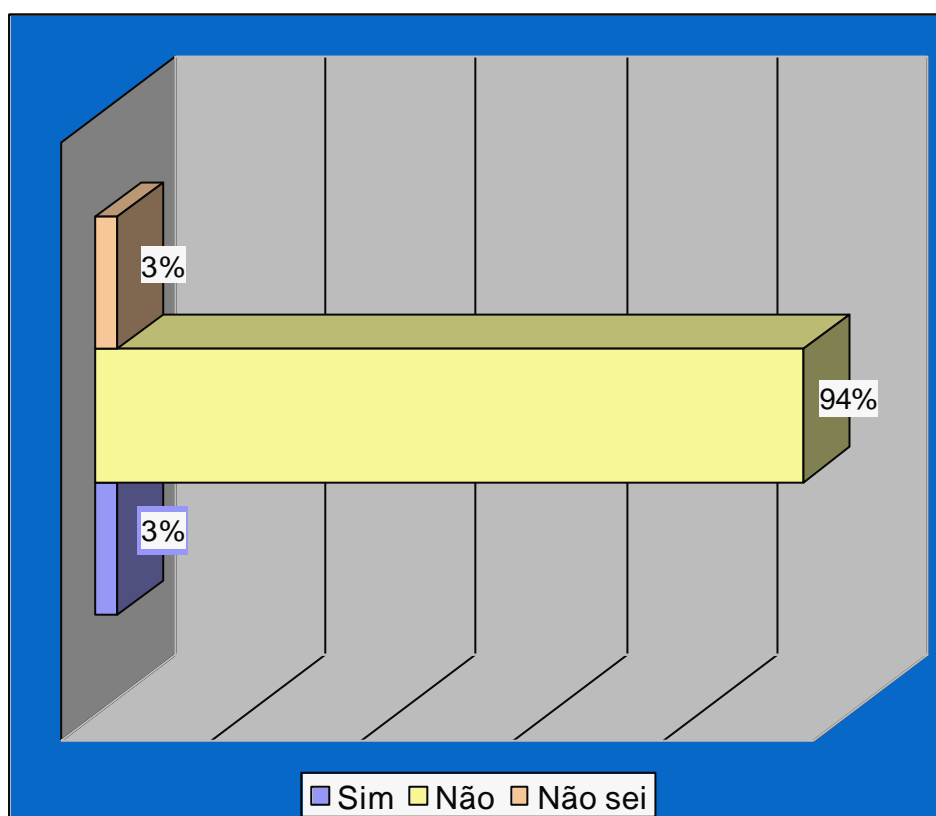
Para tentar conhecer a realidade das escolas em relação as TIC, foi questionado sobre projetos que tivessem-na como parte integrante no processo de ensino-aprendizagem, numa construção coletiva.

O interesse neste tipo de Projeto era o de analisar na prática o que os PCNs propõem como forma de ensino-aprendizagem, usando as TIC no cotidiano da escola.

Das respostas analisadas, uma professora respondeu positivamente a questão e quando foi pedido para citar o Projeto a resposta foi *“está sendo estudado”*, o que demonstra que se há um Projeto, ainda está em fase de estruturação. Com essa resposta não foi possível concluir se na escola existe um Projeto que integre as TIC ao ensino. A maioria absoluta das respostas foi negativa (94%).

Com as respostas recebidas verificou-se que o aspecto de Projetos que abordassem as TIC como tema ainda não existem nas escolas do 1º e 26º CRE no estado de Santa Catarina.

Gráfico nº 10 - Projeto Educativo para Integração das TIC



C) Projetos Individuais para Integração das TIC

Continuando com as questões sobre projetos, colocou-se a possibilidade dos professores trabalharem em sala de aula com as TIC, em projetos individuais.

Mesmo não se adequando a noção de projeto educativo, esta análise serviria para mostrar o interesse dos professores com a integração das tecnologias em sala de aula, possibilitando quem sabe posteriormente um projeto mais amplo.

Os professores que trabalham com projetos, mesmo que individuais, desenvolvem seu caminho, buscam soluções e comprometem-se com a escola e com a aprendizagem dos alunos.

As respostas tiveram um índice positivo de 23%, sendo que entre os projetos que foram citados pelos professores pode-se destacar o uso da televisão e do vídeo como se observam nas seguintes respostas: “a TV e o vídeo” P(2) - a resposta do professor 2 não especifica como é usada a televisão e o vídeo em sala, relata mesmo assim que usa esses meios no seu processo de ensino-aprendizagem.

“Apresentação de filmes do Vídeo Escola” P (12); - O vídeo escola são programas feitos pela televisão do MEC - chamada TV Escola que entre outros objetivos ressalta o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem e a melhoria da qualidade de ensino. Os programas são feitos para serem gravados e posteriormente aproveitados como material didático. “Literatura, filmes educativos, polêmicos que provoquem o debate, o trabalho em grupo, individual (...)” (P17) - a análise de filmes em sala é uma maneira de abrir espaço à discussão dando oportunidade aos alunos de colocarem sua opinião a respeito de determinados temas, sem medo do erro, pois em uma interpretação fílmica ou textual não há certo ou errado, são diferentes modos de ver mesma situação.

“Criação de textos para imagens ou filmes cuja parte sonora é eliminada durante a apresentação (...)” P(27). Esta professora usou sua criatividade pois criou através de um material pronto - como no caso um filme - uma nova possibilidade de estrutura, usando a Língua Portuguesa como ponte na

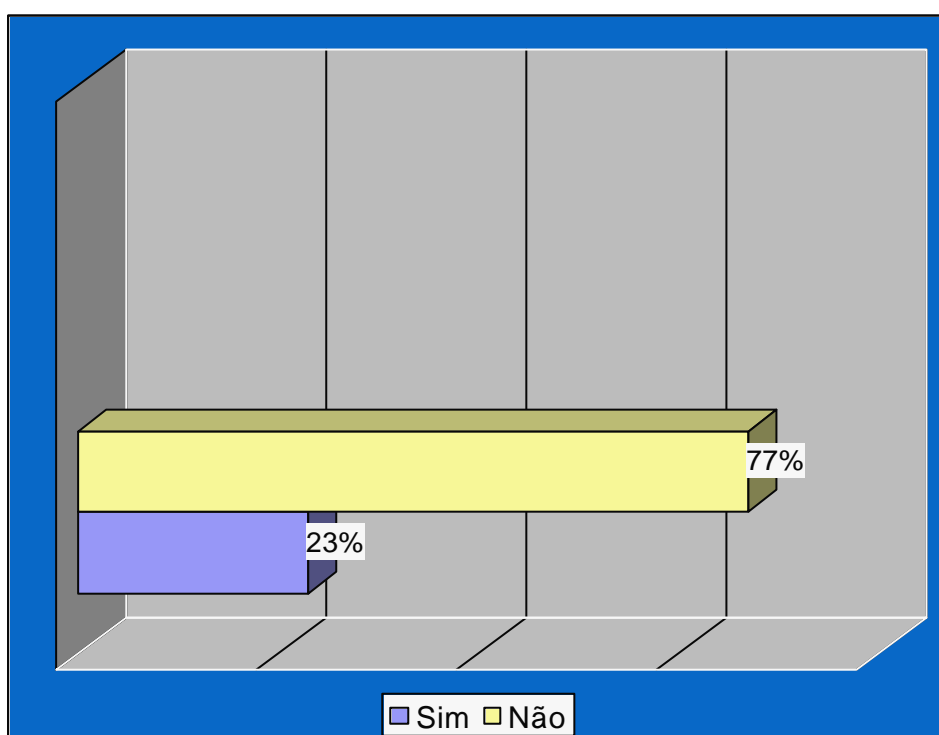
criação de novos diálogos e textos para as imagens. A televisão e o vídeo são formas de dinamizar e sistematizar um trabalho inovador em sala de aula.

Ainda houve respostas como *“acredito que todas as linguagens devem fazer parte do mundo escolar”* (P23) - resposta muito abrangente, pois a pergunta era específica sobre como o educador usava a tecnologia em sala de aula. Dois professores tiveram respostas semelhantes, quando disseram que o projeto para integração das tecnologias é para apresentação de trabalhos e para pesquisa. *“Projetos (trabalhando o aluno)”* (P18) - sem demonstrar como isso é feito.

“Aprimoramento da linguagem falada e escrita através do desenvolvimento da leitura em oficinas de palavras envolvendo meios tecnológicos integrados a comunidade” (P5) - essa resposta mostra um trabalho, que ao que tudo indica, se enquadra em um Projeto em que a Língua Portuguesa integra as tecnologias. Seria importante, para um conhecimento mais aprofundado sobre o desenvolvimento da "oficinas de palavras" uma observação direta do trabalho da referida professora, podendo então se chegar as conclusões da forma que as TIC estão integradas nesse processo.

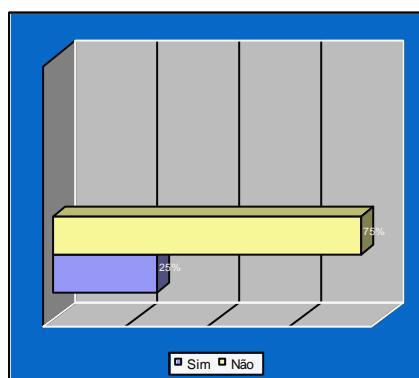
Mesmo com o percentual de 23 % de respostas positivas, a maioria dos professores não usa a tecnologia que está a seu dispor, no caso da TV e do vídeo, como parte integrante da sua disciplina, como pode ser visto no gráfico abaixo onde 67% das respostas são negativas.

Gráfico nº 11 - Projeto Individual para Integração das TIC



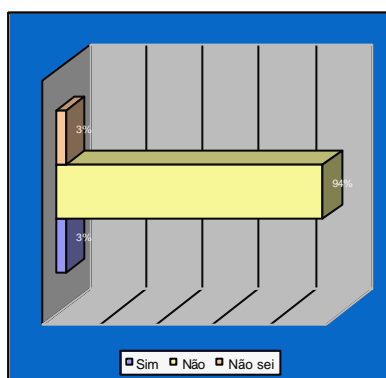
QUADRO SÍNTESE

Gráfico 9



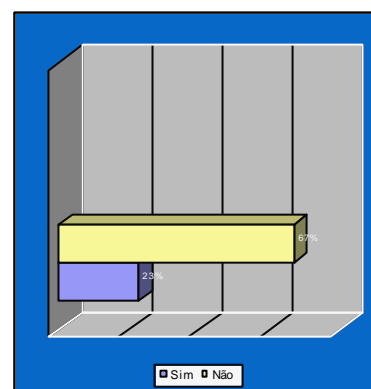
Projeto Educativo de Escola

Gráfico 10



Projeto Educativo para a Integração das TIC

Gráfico 11



Projeto Individual para a Integração das TIC

A realidade vista sobre a incorporação dos Projetos nas escolas, confirma **a hipótese formulada** “As escolas públicas estaduais não trabalham com Projetos Educativos de Escola” , mostrando que na amostra de escolas contempladas nesta investigação, os Projetos ainda não se realizam.

1. 1.5 Formação de professores

A terceira hipótese que norteia o desenvolvimento desta investigação questiona sobre a formação dos professores de Língua Portuguesa, em relação as TIC e está formulada da seguinte maneira: “Os professores de Língua Materna necessitam de formação para integrar as Tecnologias Educativas em sala de aula”

Para tentar responder a esta hipótese sobre formação de professores, serão analisadas as respostas 15, 16 e 20 para que a hipótese acima possa ser confirmada ou não.

Na questão 20, que tinha como objetivo a análise de conteúdo, não foi possível realizá-la devido às respostas terem sido muito objetivas, não fornecendo dados suficientes para que se construíssem as categorias e subcategorias. Assim sendo, as respostas foram incluídas na avaliação dos gráficos, podendo assim enriquecer o parecer estatístico.

Na pergunta avaliativa de número 15, os professores classificaram em números de 1 a 5 seus conhecimentos em TIC, obedecendo o critério de [1] para o mínimo e [5] para o máximo.

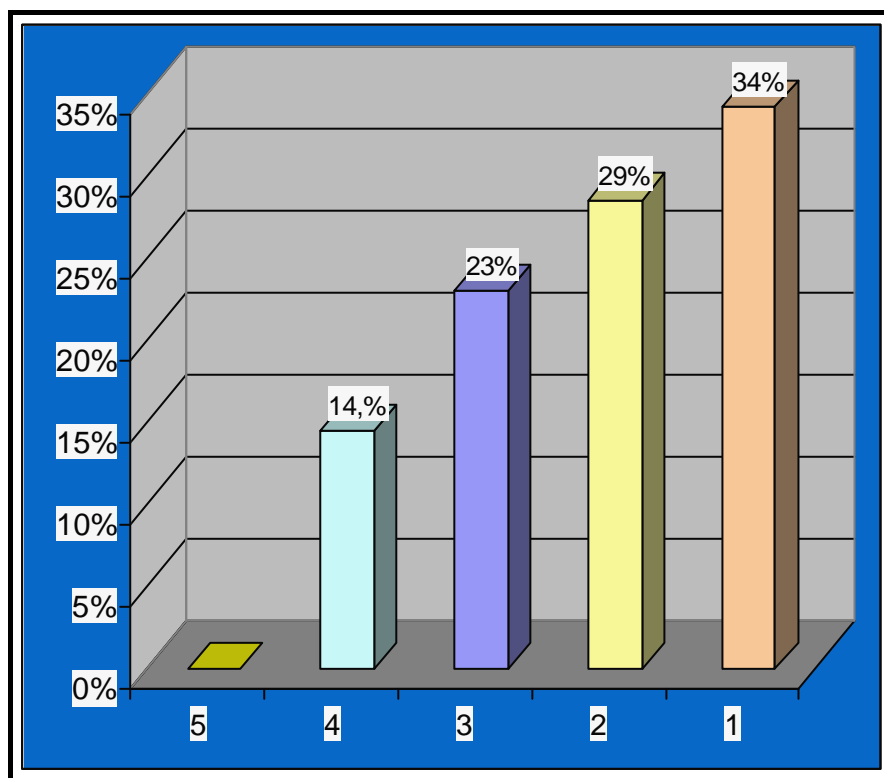
Dos professores inquiridos, 34% marcou a opção *um* e 29% a opção *dois*, evidenciando que nesta área há pouca informação e/ou apoio. O P1 argumenta que a formação é: “*Deficiente. Não há preparação nenhuma neste sentido*”. E continuam os professores a comprovar a falta de formação quando respondem a pergunta nº20 e dizem: “*Pouca ou nenhuma formação (...)*”. P2 ; “*Precária*” - P4 ; “*Ao nível de professores estaduais - fraco*”. - P19

Os relatos dos professores demonstram que, na amostra pesquisada, existe uma parcela muito grande de professores que não teve acesso ao mundo das imagens, da comunicação e informação de uma maneira mais aprofundada.

As alternativas três e quatro que já mostra um maior conhecimento em TIC ficaram com 23% e 14 % de retorno respectivamente. Mas na questão descritiva não houve reflexões que pudessem validar estas respostas.

A opção 5 não teve nenhuma resposta.

Gráfico nº 12 - Conhecimentos em TIC



Como continuação da pergunta 15, questionou-se sobre que tipo de formação dos professores para integrar as TIC em sala de aula.

Se 37,5% dos professores tinham como conhecimentos em TIC de regular a bom, ou seja, os níveis 3 e 4, então ter-se-ia que saber como foi adquirido essa instrução.

Nesta pergunta os educadores marcaram, em muitos questionários, mais de um item. As respostas distribuíram-se assim: (gráfico nº 13)

Formação acadêmica – 26%

Autoformação – 40%

Cursos proporcionados pela escola – 9%

Nenhum tipo de formação – 40%

Outros – 3%

Foi constatado na investigação, que a maioria dos docentes (74,3%) na sua formação acadêmica, não freqüentaram nenhuma cadeira relacionada com as Tecnologias de Informação e Comunicação. Isto mostra que as universidades não estão preparadas para formar os professores para o uso das TIC em sala de aula. Mesmo os professores que responderam terem recebido a formação acadêmica, não comprovaram esta resposta quando tiveram que responder dissertativamente que tipos de formação possuíam, pois em nenhuma resposta escrita constatou-se a formação no curso universitário em Letras. Outro fator significativo, é que os professores que responderam possuir esse tipo de formação tinham o tempo de serviço muito variado, dos cinco até os vinte sete anos de carreira, não tendo então a possibilidade do cruzamento da variável tempo de serviço para identificar a partir de quando a universidade começou a preocupar-se sobre esta questão.

Ao longo da sua vida profissional poucos foram os docentes que frequentaram cursos de formação proporcionados pela escola ou pela Secretaria de Educação referente a este tema. Somente 9% respondeu ter recebido formação nesta área. Entre as respostas escritas, constou-se que ainda não

é satisfatória a formação contínua endógena ao sistema escolar, como respondeu o P3: *"Alguns estão fazendo o curso"* - Subentende-se que o curso que a professora fala é promovido pela Secretaria de Educação do Estado e que entre esses *alguns* a referida professora não está incluída. Continuando, o P28 responde: *"(...), mas sei que existe um projeto que contempla pouquíssimos professores efetivos"*. Ou seja, há um curso da Secretaria de Educação ou da própria escola que é oferecido para alguns professores, sendo importante num estudo posterior saber qual o critério para a escolha dos docentes que têm direito a esse tipo de formação. Outra resposta evidencia a importância que os professores credenciam as TIC, mas que ainda há pouco investimento nesta área: *"A formação é muito importante, mas o órgão público (SE) não oferece cursos"* (P24). A capacitação existe, mas ainda não contempla a Tecnologia Educativa: *"Desde 1998 estou envolvida com o Programa de Aceleração e nos cursos de capacitação em que participei não houve nenhuma informação tecnológica"* (P12). - Independentemente do público com que os professores trabalham, é crucial que em Língua Portuguesa, sejam inseridos os diferentes tipos de linguagem na formação para que amplie as ferramentas que podem ser usadas pelo docente na sua rotina letiva.

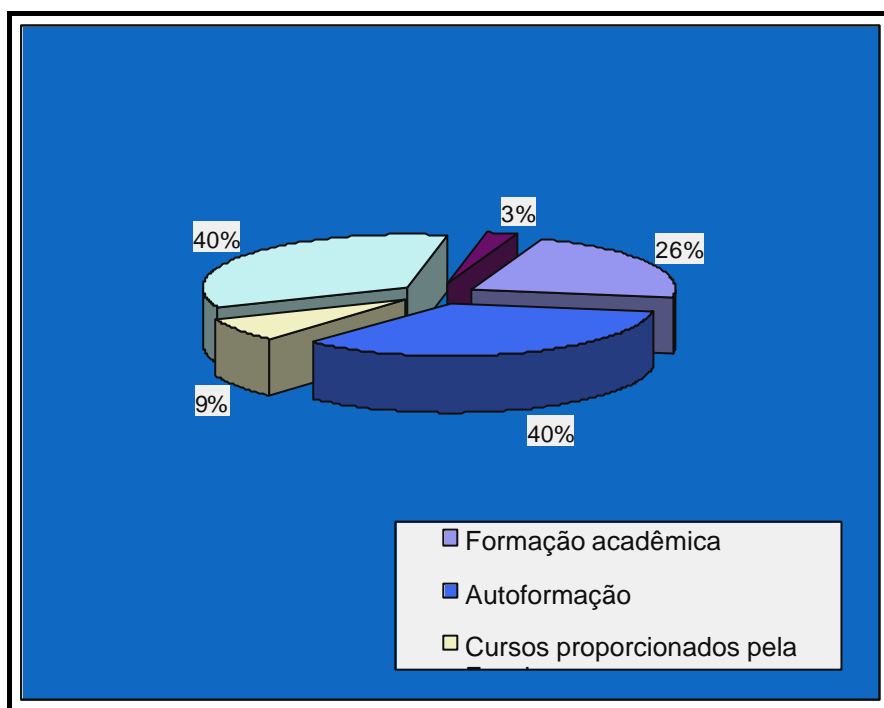
Os docentes apontaram que os cursos que possuem para a o uso das TIC, foram feitos por autoformação, como confirmam 40% das respostas. A formação exógena ao sistema escolar comprova que há interesse por parte dos docentes em se interar das novas tecnologias do ensino. Como salienta o professor *"Cursos fora da escola fazem conhecer o mínimo necessário para trabalhar com o computador"* (P22) admitindo que há interesse por parte dos docentes em fazer cursos que o capacitem nessa área. Se a escola não oferece condições necessárias para os docentes, esses carecem buscar o seu próprio programa de desenvolvimento profissional, como é visto nos próximos depoimentos: *"Precária, muitos professores conhecem um pouco desta área por autoformação"*. (P35); mostrando que é o próprio professor que busca a sua renovação educacional. *"Não existe a não ser pela autoformação"* (P29). É a busca do aperfeiçoamento do trabalho docente por iniciativa pessoal.

Na questão *nenhum tipo de formação*, 40 % dos professores incluiu-se neste grupo, o que é facilmente comprovado pelas seguintes questões escritas: *"Sem capacitação"* (P10) ; *"Nossos professores não estão capacitados para o uso das TIC"*. (P11); *"Acho péssimo o acesso e a formação tecnológica que temos em nossas escolas"* (P17) ; *"A grande maioria dos professores não têm nenhum tipo de formação ao conhecimento em tecnologia, principalmente em educação"* (...). (P28); *"Não existe formação nesta área que eu tenha conhecimento"*. (P33). As respostas apontam que as escolas, que foram visitadas, estão à margem do mundo tecnológico, no que diz respeito à formação. A necessidade de uma concepção educacional que traga em seu âmago as TIC como um projeto de toda escola, integrada ao ensino, como é hoje o quadro e o giz, ainda é, pelo que pode ser comprovado, um sonho longínquo. *"Seria uma formação necessária para nós, professores, porque o muno hoje "respira" tecnologia"* (P34). A escola não pode distanciar-se de seus

alunos e do mundo que a cerca, como relata o professor: *“A formação dos professores para o uso efetivo da TE no ensino fundamental é de extrema necessidade, pois a clientela de hoje que os professores recebem são muito exigentes e tem acesso a tecnologia em casa”*. (P26)

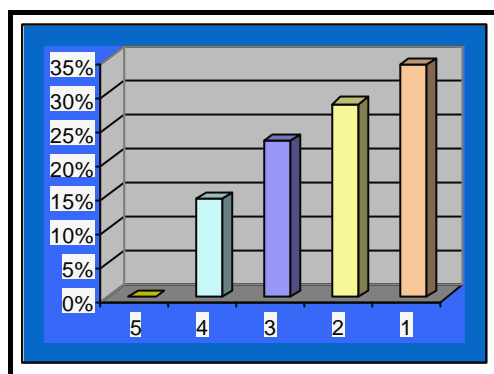
Houve duas respostas paradoxais em relação às de números quinze e dezesseis, quando na primeira os educadores colocaram como nível de conhecimento o *quatro* – ou seja, um conhecimento muito bom em Tecnologia Educativa e na resposta 16 - tipo de formação - *“nenhum tipo de formação”*. Considerando que os professores possuíam a formação em TIC acima do suficiente, seria lógico que esses tivessem formação inicial ou contínua. Essas respostas refletem além da falta de formação, uma falta de reflexão sobre as perguntas que estavam sendo respondidas.

Gráfico de nº 13 - Formação em TIC



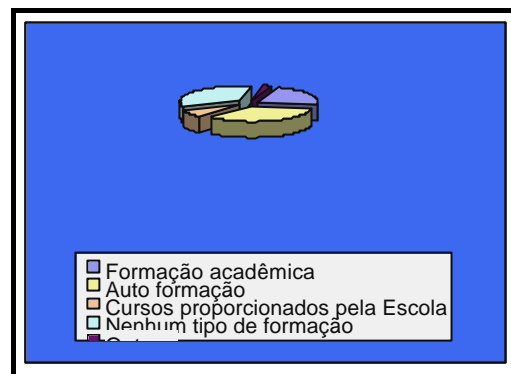
QUADRO SÍNTESE

Gráfico 12



Conhecimentos em TIC

Gráfico 13



Formação em TIC

Quanto à hipótese “**Os professores de Língua Materna necessitam de formação para integrar as Tecnologias Educativas em sala de aula**” verifica-se pela análise dos gráficos nº(s) 15 e 16 e pelas respostas descritivas de nº 20 **que a mesma se confirma**. Duma maneira geral os professores sabem da necessidade de formação no campo de tecnologias, mas ainda não têm acesso a esta, por falta de incentivo pessoal e/ou de apoio da instituição escolar. Segundo Pretto (1999) a crítica ao desempenho da escola tem se dado, entre outros fatores, pelo distanciamento desta com o avanço científico e tecnológico acelerado que acontece no mundo e que não estão sendo formados profissionais para o “*mundo que se está construindo*”. (100)

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA

De um modo geral, os resultados obtidos no inquérito por questionários, vieram ao encontro das expectativas que a investigadora possuía em relação às escolas públicas estaduais do Estado de Santa Catarina.

Uma análise global dos dados recolhidos aponta para um índice muito alto das respostas em que não é usada a tecnologia, no que se refere aos equipamentos das escolas, principalmente ao computador ligado a Internet; projetos educativos e formação de professores. Por isso, não foi necessário o cruzamento das variáveis independentes – idade e tempo de serviço dos professores e localização da escola, com as dependentes citadas anteriormente, pois esse cruzamento em nada alteraria os resultados encontrados .

As conclusões chegadas são que, é necessário haver um investimento do governo estadual catarinense para que as escolas sejam equipadas com meios tecnológicos, criando espaços para que esses meios sejam usados por todos os atores escolares. As tecnologias de informação e comunicação não mudam necessariamente a relação pedagógica, mas acendem a expectativa de uma inovação educacional, onde o professor transforma-se no facilitador da aprendizagem dos alunos, transformando a informação em conhecimento, por isso é extremamente importante o uso das tecnologias.

Dar condições às escolas para que possam refletir sobre a Gestão Curricular, procurando conhecer e implantar os projetos educativos como uma forma de renovar o ensino-aprendizagem e também de vivenciar a democracia no cotidiano, aprendendo na prática a respeitar e compartilhar idéias, a construir em conjunto e a responsabilizar-se pela instituição educacional e por tudo que nela é produzido.

Oportunizar aos professores a atualização, fazendo de sua profissão um roteiro para o novo, para a investigação, para a busca. Perrenoud (2000) referindo-se sobre as dez novas competências profissionais, que emergem atualmente para os exercício profissional dos docentes, fala de “*utilizar novas tecnologias*” - para que os professores possam dominar conceitos básicos de conhecimentos informáticos e tecnológicos; e “*administrar sua própria formação contínua*” - para que saibam quando podem progredir pelos meios que a situação oferece e quando se torna mais oportuno recorrer aos recursos de autoformação como leitura, consulta, acompanhamento de projeto.

Como se verificou nesta investigação, de uma forma geral, os professores não foram e não estão preparados para utilizar as tecnologias, ficando desatualizados em relação às mudanças que acontecem no mundo mediático e que são muito rápidas.

A formação ao longo da vida faz lembrar que o profissional deve estar se reciclando constantemente, numa educação permanente, buscando investigar e atualizar sua prática, num exercício de descobertas e reflexão sobre a sua forma de atuação.

CAPÍTULO SEXTO

Neste capítulo, são apresentadas as conclusões, enfatizando a importância da formação de professores como condição *sine qua non* para o processo de inovação educativa.

Apresenta também uma proposta de dinamização que poderá ser usada como base para estudos futuros.

Conclusão

Durante o trabalho de revisão bibliográfica, viu-se que o currículo não é somente uma listagem de conteúdos, mas uma realidade complexa e multifacetada, que faz parte de um contexto histórico e cultural e que através da escola, assume-se como projeto e instrumento de socialização do saber.

A Gestão Curricular vem dar a escola um *rosto*, uma identidade, fazendo com que o currículo instituído corporifique-se, através de uma construção coletiva, do que se *quer fazer aprender na escola, de que modo e para quê*.

A escola não pode alhear-se da sociedade que a insere, tornando-se necessário que haja um ensino ligado a vida social dos alunos, tendo como concepção de conhecimento, algo sempre inacabado, em constante construção, alicerçado na relação dialógica entre educadores e educandos.

A inovação do ensino em geral, e em Língua Portuguesa em particular, observa a importância da integração das TIC em sala de aula, de forma crítica e reflexiva, para que os alunos tenham condições de acompanhar o processo de desenvolvimento tecnológico que modifica a nossa era, impedindo que os cidadãos dos países em desenvolvimento sejam os futuros *analfabetos icônicos*.

A palavra linguagem traduz muito mais do que o oral e o escrito, sendo de grande valor outras formas de comunicação em sala de aula. Segundo Porto (1995) uma pedagogia que trabalha com a perspectiva de comunicação democrática, usa os meios de comunicação como parte do currículo,

atendendo assim, as necessidades de *"cultura, aprendizagem, prazer e lazer relativos aos estudantes que dialogam com a cultura das mídias a partir de suas vivências"*. (25) As tecnologias de informação e comunicação não mudam necessariamente a relação pedagógica, elas não substituem o professor, mas modificam algumas de suas funções, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e motivador. Em Língua Portuguesa, a discussão de projetos que integrem variadas linguagens à sala de aula, torna o aprendizado mais rico e criativo.

O trabalho empírico apresentado investigou a realidade das escolas, no caso específico deste trabalho, dos estabelecimentos públicos estaduais de uma região do Estado de Santa Catarina - Brasil - e teve como objetivo principal, exibir um panorama parcial sobre as escolas públicas estaduais, em relação aos equipamentos que possuem (televisão, vídeo, computadores ligados a Internet), os projetos educativos que existem para a integração das TIC e a formação dos professores nesta área.

Face às conclusões dos inquéritos por questionários que foram feitos com os professores de Língua Portuguesa, analisados anteriormente, são apresentadas aqui, algumas reflexões dos pontos mais importantes

Além das escolas não estarem devidamente equipadas com os meios tecnológicos adequados, os professores têm pouco conhecimento sobre Projetos Educativos e falta formação na área das TIC.

Há necessidade do governo estadual investir nas escolas, equipando-as com computadores ligados a Internet - principalmente - pois esta foi a maior deficiência averiguada nas escolas. Em todas as escolas visitadas, não se encontrou o equipamento para que os alunos pudessem utilizá-lo. Segundo a Secretaria Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina, a partir de 2002 as escolas começarão a ser contempladas com os micros. No início serão 72 escolas, em todo o estado. Sobre os Projetos Educativos, as discussões estão surgindo, sendo necessário para que se tenha um conhecimento sobre como as escolas estão fazendo a sua elaboração, um estudo aprofundado sobre este tema especificamente.

Outra constatação feita pelos questionários é que o corpo docente necessita de formação. Além da formação permanente sente-se também através das respostas analisadas, que as universidades não estão dando formação inicial para os futuros professores. Esses aspectos remetem à reflexão quanto a necessidade de inserção no Currículo do Curso de Letras de disciplina que trate de conteúdo atinente as TIC.

Sendo a formação, ponto-chave para que o professor se ajuste ao momento de transformação que vive a educação, sentiu-se a necessidade de lançar uma proposta que venha ao encontro do contexto encontrado.

A formação dos professores é condição sine qua non para uma Gestão Curricular diferenciada, ancorada em seu tempo e seu espaço. Uma formação que traga aos educadores, condições de enfrentar esta nova sociedade e este novo sujeito que está nas escolas. É fulcral que venha se formar o professor para o novo, para o " *incerto e para o instável, formar para o dinâmico e para o imprevisível, formar para o desconhecido e para a capacidade de o afrontar*". (Sá-Chaves, 2001:45)

Nóvoa (1992) afirma que apesar de parecer óbvio, não se pode deixar de pensar em qualidade de ensino, em reforma educativa ou inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores. A formação de professores deve estimular uma perspectiva *crítico-reflexiva*, onde o professor possa construir uma identidade, que também é uma identidade profissional. Pensando em formação não só como acumulação de cursos, mas também como um trabalho de "*reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal*". (25)

O autor continua dizendo que a mudança educacional depende dos professores e da sua formação e das práticas pedagógicas em sala de aula, sendo a formação um processo permanente. E cita também a importância dos projetos educativos. Somekh citada por Nóvoa faz a ligação entre a formação contínua com a gestão escolar, as práticas curriculares e as necessidades dos professores.

"o facto das necessidades de formação serem identificadas pelos professores, em ligação estreita com o desenvolvimento curricular e a organização da escola, favorece a

participação dos diversos actores na vida da instituição e a emergência de projetos democráticos” (Somekh in Nóvoa ibdem:29)

A participação dos atores escolares nas mudanças pressupõe uma escola inovadora, que refletindo sobre si mesma, tenha condições de mudar suas práticas pedagógicas. Essa escola segundo Alarcão (2001) é chamada de escola reflexiva, que *“pensa-se no presente para se projetar no futuro”*(25)

Fazendo os professores parte deste contexto educacional, e sendo indispensáveis no processo curricular, torna-se necessário que eles comprometam-se para que a escola possa mudar a sua *cara*, investindo em sua formação permanente *“porque deles depende, em grande medida qualquer propósito de inovação educativa, a sua formação constitui uma vertente fundamental que não se pode escamotear”*. (Pacheco, 1999: 10)

A formação de professores permite que a escola comece a repensar as suas estratégias e objetivos, confirmando a premissa de formar alunos integrados e atuantes na sociedade. A alfabetização digital - segundo o Livro Verde (1999) – precisa ser promovida em todos os níveis educacionais, através de da renovação curricular. O impacto de informação e comunicação coloca a necessidade de se revisar os currículos em todos os níveis e áreas. Não se pode ficar alheio a todo um aparato tecnológico que a sociedade dispõe, como se os muros da escola fossem a invisível divisão de um mundo em constante e rápida transformação e um outro onde tudo ainda está estático e imutável.

A adequada formação de professores será capaz de modificar o ensino, trazendo uma educação de qualidade, contextualizada com seu tempo e com seu espaço. Os professores devem tomar a decisão para que seja implementado nas escolas um novo percurso, feito pela participação em sala de aula de todos os atores que ali convivem. *“Toda a formação encerra um projecto de acção. E de trans-formação. E não há projectos sem opções”*. (Nóvoa, 1992:31)

Projeções Futuras

Ao finalizar este trabalho, fica clara a sensação de (in) conclusão e a necessidade de uma contribuição que venha a vislumbrar uma proposta futura. Refletindo à luz dos autores abordados na revisão bibliográfica e constatando empiricamente a realidade das escolas públicas em uma determinada região do estado de Santa Catarina, chegou-se às conclusões apresentadas anteriormente. A partir disto, procurou-se alguns referenciais que pudessem ascender a uma proposta de dinamização, com base na análise dos dados, e que viessem a refletir sobre o que pode ser vislumbrado futuramente.

Na pesquisa apresentada, além de ser comprovada a falta de equipamentos e de Projetos Educativos nas escolas, um fator agravante da dificuldade em acontecer as mudanças educacionais, é o despreparo dos professores no que diz respeito às TIC. Esse panorama em relação às escolas visitadas, faz surgir outras observações e que são aqui colocadas como um desafio das escolas frente às novas realidades.

1) Partindo da conclusão que nas escolas investigadas os professores não receberam formação inicial, buscou-se então uma sondagem no currículo do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, para que fosse verificado se havia uma disciplina ligada a esta área. Conforme pode ser visto (anexo 6) o programa do curso não contempla as tecnologias no seu processo educacional. Atualmente, com a velocidade que caminham as tecnologias da comunicação e informação se faz necessário que um departamento que forme futuros professores, receba incrementos para implantar em seu currículo uma disciplina que trabalhe com as TIC, coordenando uma componente prática que seja subjacente à teórica, estimulando o uso e a incorporação destes meios em sala de aula. A importância desse estímulo está em que, os futuros profissionais, sintam-se motivados a usar esses meios, percebendo que o *savoir-faire* torna-se um referencial na abordagem educacional que está surgindo nesse novo milênio.

É importante que as instituições responsáveis pela formação inicial dos docentes favoreçam ao longo dessa formação, de uma forma ativa e constante, a utilização das TIC nos seus currículos.

2) No estudo apresentado, foram encontradas poucas escolas que estivessem criando em seu espaço, uma abertura para a possibilidade de desenvolver o Projeto Educativo.

É fulcral que tanto a universidade, como as escolas lancem o desafio de fazer em seu universo a Gestão Curricular, incorporando neste Projeto o uso integrado das tecnologias. As escolas recebem através dos PCNs, metas para que se faça o Projeto Educativo, trazendo também como discussão o uso das TIC. Propõe-se que as escolas reflitam a sua prática, buscando inovar seu perfil pedagógico, fazendo da Gestão Curricular um caminho para que essas metas sejam atingidas, de acordo com o contexto e o momento histórico vivido.

3) Os professores das escolas públicas precisam capacitar-se e para que isso aconteça é necessário que o Estado crie cursos de formação na área das TIC.

Usar as novas tecnologias de informação e comunicação para que os professores se reciclem e se atualizem, pode trazer benefícios não só para a escola, mas para os próprios professores, pois através destes meios é possível haver a democratização no acesso à educação, facilitando o processo educacional dos profissionais através dos cursos ministrados à distância, sem precisar que o professor se desloque do seu ambiente de trabalho.

As discussões sobre educação básica no Brasil, apresentam como novas considerações o desafio à formação de professores, como pode ser visto na apresentação da *Proposta de Diretrizes para Formação Inicial de Professores da Educação Básica em curso de nível superior (2000)* quando ressalta que

“No mundo contemporâneo, o papel do professor está sendo questionado e redefinido de diversas maneiras. Para isso concorrem as novas concepções sobre a educação, as revisões e atualizações nas teorias de desenvolvimento e aprendizagem, o impacto da tecnologia da informação e das comunicações sobre os processos de ensino e de aprendizagem, suas metodologias, técnicas e materiais de apoio. (5)

Essa formação seria mais que um "treinamento" em informática seria um processo de descoberta de novas ferramentas, que pudessem vir a incrementar o ensino-aprendizagem. Importante também seria a busca nos educadores do espírito crítico para que esses pudessem discernir todo o jogo de poder e ideologia que existe através das mensagens subliminares que são transmitidas pelos meios de comunicação. Uma formação dirigida ao professor reflexivo - que busca uma nova proposta de educação - voltada ao dialogismo, a troca, fazendo com que os meios de comunicação em sala de aula, tragam muito mais do que novas ferramentas, mas uma nova maneira de formar-se a si mesmo e aos outros.

E como fechamento destas reflexões, salientar a importância também das escolas estarem devidamente equipadas, com o mínimo necessário para poderem inserir-se no *ciberespaço*. O estudo empírico mostrou que em nenhuma escola visitada, foi encontrado computadores ligados a Internet, mas é conhecido que a partir de 2002 o governo estadual começará a equipar as escolas com micros (anexo 7). Esse projeto visa o comprometimento das escolas com essa nova fase educacional, que propõe o uso das TIC como uma meta de integração das escolas no mundo da literacia tecnológica.

O governo de Santa Catarina e o Plano do Governo (1998-2002) ressalta como compromisso em relação a educação a importância de "*Criar laboratórios de informática para a introdução da disciplina no currículo das escolas públicas, com profissionais habilitados na área*". Além de citar a criação dos centros para que se desenvolvam essa atividade, ressalta que a formação dos professores que disporão destes equipamentos é crucial para que o projeto avance, pois não existe projeto sem a participação efetiva dos professores.

Formar, equipar, gerir, projetar - verbos que estão na base das mudanças educativas que se tornam necessárias e que pretendem, antes de mais nada, proporcionar uma maior e mais prazerosa aprendizagem aos alunos. É a busca de uma escola de qualidade, onde cada um e todos se sintam parceiros nesta construção e que aquela tenha como papel principal a descoberta, a busca, a

investigação. É de fundamental importância que o processo seja de crescimento, refletindo o que virá de novo, as inquietações e angústias que decerto se farão presentes.

E para finalizar esse trabalho de investigação, que estará sempre em estado de latência, pronto para o “começar de novo”, remete-se mais uma vez ao pensamento de Paulo Freire (1997) que vê o ato de educar como o de viver, exigindo a consciência do inacabado porque a "História em que me faço com os outros (...) é um tempo de possibilidades e não de determinismo"(58).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABARELLO, L. et alli. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- ALARCÃO, I. (2001). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- ALÇADA, I et alli. (1992). *Desenvolvimento Curricular*. Lisboa:ME
- ANDRADE, A. I. (2001). *Para um diálogo entre as línguas: da sala de aula à reflexão sobre a escola*. In: Inovação - vol. 14 nº 1-2 . Lisboa: ME
- ANDRADE, A. I. (1989). *Didáctica e formação em didáctica*. In: Inovação - vol. 2 nº 2 . Lisboa: ME
- ANTONIO, L. (1997). *1º Encontro Escolar de Vídeo . O Audiovisual no Ensino, o Ensino do Audiovisual*. Porto.
- APLLE, M. (1999): *Políticas Culturais e Educação*. Porto: Porto ed.
- APPLE, M. e NÓVOA, A. (1998). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Coleção Ciências da Educação. Porto: Porto ed.
- AREAL, L. (1995). *Educação para os media no ensino secundário*. Lisboa: Instituto de Inovação educacional.
- ARNS, P. E. (org.) (1985). *Brasil nunca mais*. Petrópolis: Vozes
- BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. (1989). *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas
- BABIN, P. (1993). *Linguagem e Cultura dos Media*. Lisboa: Bertrand.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- BARROS, A. J. P. e LEHFELD, N. A. S. (1986). *Fundamentos de Metodologia. Um guia para a iniciação científica*. São Paulo: Mc Graw-Hill.
- BISQUERA, R. (1996). *Metodos de Investigacion Educativa. Guia Practica*. Barcelona: Ceac
- BRAGA (2000). www.sbc.org.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.apresentacao
- COOK. T. D. e REICHARDT C.H.S. (1995). *Metodos cualitativos y cuntitivos en investigación evaluativa*. Madrid: Marata
- CORREIA, E. e PARDAL, L. (1995). *Métodos e Técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editora
- COSTA, J. A. (1991). *Gestão escolar . Participação. Autonomia. Projeto Educativo da Escola .* Lisboa: Texto
- COSTA, J. (1998). *Imagens organizacionais da escola*. Porto: ASA

DAMÁSIO, A. (1995) . O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano. 16ª ed. Lisboa: Europa

DELORS, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir*. UNESCO :ASA

DIAS, P. (1996). *Narrativas da sociedade da informação. Intercompreensão Revista de Didáctica das Línguas n.º 5*. ESES

DOLL, W. (1997). *Currículo - uma perspectiva pós-moderna*. Porto Alegre: Artmed.

ECO, H. (1975). *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva

FERNANDES, A. J. (1995) . *Métodos e regras para elaboração de trabalhos académicos e científicos*. Porto: Porto Ed.

FERNANDES, M. R. (2000). *Mudança e Inovação na Pós-Modernidade. Perspectivas Curriculares*. Porto: Porto Ed.

FERREIRA, A. B. H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FERRÉS, J. (1998). *Televisão subliminar*. Porto Alegre: Artmed

FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.

FREIRE, P. (1997) . *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo : Paz e Terra

FREITAS, C.V. (1997). *Gestão e avaliação de projectos nas escolas*. Lisboa: IIE

GADOTTI, M. (2000). *Perspectivas Atuais da Educação*. Porto Alegre: Artmed

GÓMEZ, J. I. (1993). *Comunicación audiovisual*. Huelva: Cuché / Surodill Editora.

HERNANDEZ, F. et alli. (2000). *Aprendendo com as inovações nas escolas*. Porto Alegre: Artmed

HILL, M.M. e Andrew (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Sílabo

INSTITUTO PAULO FREIRE. [on-line]. www.paulofreire.org

LAJUS, S.P. e MAGNIER, M.R. (1998). *A escola na Era da Internet. Os desafios do multimédia na educação*. Lisboa: Horizontes, Instituto Piaget

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. (1994). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas

LÉVY, P. (1994). *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Lisboa: Escolar

LÉVY, P. (1999) . *A Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34

LIMA, L. (1996). *Construindo modelos de gestão escolar*. Coleção de Organização e Gestão Curricular. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional

- LIMA, L. (2000). *Organização escolar e democracia radical. Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. São Paulo: Cortez Editora,
- MARCELINO, M. J. B. (2000). *Da palavra a imagem*. Coleção Cadernos Pedagógicos . Lisboa: ASA
- MARTÍN, A. (1997). *Educación Multimedia y Nuevas Tecnologías*. Madri: Ediciones de La Torre
- MCLAREN, P. (1997). *Multiculturalismo Revolucionário. Pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: ARTMED
- MODERNO, António. *A integração dos mas media na sala de aula*. Texto policopiado.
- MODERNO, A. (1985). *Para uma pedagogia do audiovisual*. Revista da Universidade de Aveiro , vol.6.
- MODERNO, A. (1992) . *A comunicação Audiovisual no Processo Didáctico. No ensino e na formação Profissional*. Aveiro: Tipave.
- MORAES, R. A. (2000). *Do EDUCOM à Universidade Virtual. A evolução do informática na Educação no Brasil*.
www.edutecnet.com.br/Textos/Alia/MISC/ramoraes.htm
- MORAN, J. M (2001). [on-line]. www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm
- MORIN, E. (2001). *Os sete saberes necessários a Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez.
- MOREIRA, A. F. e SILVA, T.T. (1995). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez
- MOREIRA, A. in COSTA, M. (1999). *O Currículo nos limiares do contemporâneo*. São Paulo: DP&A
- NAPOLITANO, M. (1999). *Como usar a Televisão na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- NÓVOA, A. (1992). *Os professores e sua formação*. 2ª ed. Lisboa: D. Quixote
- OLIVEIRA, I. (1997). *A integração dos media nas práticas educativas*. Lisboa: IIE
- OVIEDO, A. G. (2001) . *Retos e posibilidades que imponen las nuevas tecnologías de la información y las comunicaciones a la educación en los países del tercer mundo*. (artigo Internet). <http://contexto-educativo.com.ar/2001/2/nota-04.htm>
- PACHECO, J.A. (1996). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto
- PACHECO, J. A. (1999). *Formação e Avaliação de Professores*. Coleção Escola e Saberes, Porto: Porto ed.
- PACHECO, J. A. (2000). Documento AFIRSE
- PAIS, F. (1999). *Multimedia e Ensino. Um novo paradigma*. Coleção da escola para a escola. Lisboa: IIE
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1998). Brasil : MEC

- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1998). *Língua Portuguesa*. Brasil: MEC
- PARDAL, L. A. (1991). *A Educação, a Escola e a Estratificação Social*. Aveiro: UA
- PARDAL, L. e CORREIA, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Aveiro: UA
- PARDAL, L. (1997). *Inovação Educacional: uma perspectiva sociológica*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- PÁTIO - Revista Pedagógica. *Tecnologias Educacionais*. Para além da sala de aula. maio-junho 1999 /ano 3 Nº 9 . Artmed
- PELLANDA, N. e E. (org.) (2000). *Ciberespaço: um Hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- PENTEADO, H. (org.). (1998). *Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Cortez.
- PEREIRA, A. (1993). *A Tecnologia Educativa e a mudança desejável no sistema educativo*, in: Revista Portuguesa de Educação, vol.6 n.º 3
- PERRENOUD, P. (1998) . *Práticas Pedagógicas Profissão Docente e Formação – Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: D.Quixote
- PERRENOUD, P. (1999). *Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica*. In: ESTRELA, Albano, NÓVOA, António. *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- PERRENOUD, P. (2000). *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: ARTMED
- PINTO et alli. www.tecnologiaedu.us.es/bibliovir.htm
- PORCHER, L. (1974). *A Escola Paralela*. Lisboa: Horizonte Editora.
- POURTOIS, J.P. e DESMET, H. (1997). *A Educação Pós-Moderna*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Piaget: Lisboa
- PRETTO, V. (1999) . *Uma escola sem/com futuro. Educação e Multimídia*. São Paulo: Papirus
- PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM CURSO DE NÍVEL SUPERIOR (2000) – MEC
- REVISTA NOVA ESCOLA n.º 143 - junho - julho de 2001. Ed. Abril
- REZENDE, A. M. (org.) (1979) *Iniciação Teórica e prática as ciências da Educação*. Petrópolis: Vozes
- ROLDÃO, M. C. (1999) . *Os professores e a gestão do currículo*. Porto: Porto Editora.
- ROLDÃO, M. C. (1997). *Modos de conhecer e aprender – as dimensões esquecidas*. Intercompreensão Revista de Didáctica das Línguas n.º 6 . ESES
- ROLDÃO, M. C. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo. Perspectivas e Práticas em Análise*. Coleção CIDINE n.º 9 . Porto: Porto ed.

- ROMANELLI, O. O. (1997). *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes
- SÁ-CHAVES, I. (2000). Formação, Conhecimento e Supervisão. Contributos nas áreas da formação de professores e de outros profissionais. Aveiro: UA
- SACRISTÁN, J.G. (2000). *O Currículo. Uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: ARTMED
- SAMPAIO, M. e LEITE, L. (1999). *Alfabetização Tecnológica do Professor*. Petrópolis: Vozes
- SANCHO, J. M. (1998). *Para uma Tecnologia Educacional*. Porto Alegre: Artmed
- SANTOS, G. C. (2000). *Manual de organização de referências e citações bibliográficas para documentos impressos e eletrônicos*. Campinas: UNICAMP e Autores Associados
- SARRAMONA, J. (1989). *Fundamentos de Educación*. Barcelona: Ceac
- SARRAMONA, J. (1993). *Como entender e aplicar a democracia na escola*. Lisboa: Plátano Edições.
- SAVIANI, D. (1996). *Educação Brasileira. Estrutura e Sistema*. 7ª ed. Campinas: Autores ed.
- SAVIANI, D. (1996). *Política e Educação no Brasil*. Campinas: Autores ed.
- SAVIANI, D. (1999). *Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma política educacional*. São Paulo: Editores Associados
- SCHÖN, D. (2000). *Educando o Profissional Reflexivo um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed
- SILVA, T.T. e MOREIRA, A. F. (1995). *Territórios Contestados. O currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes
- SILVA, T. T. (2000). *Teorias de Currículo*. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto ed.
- SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO NO BRASIL - LIVRO VERDE (2000). Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia.
- TAVARES, M. C. (1996). *A televisão interessa-nos*. Intercompreensão Revista de Didáctica das Línguas n.º 5 . ESES
- TENA, R. R. (2000) . *El Empuje de los medios y/o las nuevas tecnologías en la innovación*. Sevilha: Matéria Internet.
- THOMPSON, J. (1998). *A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes.
- UNESCO (1984). *L'éducation aux medias*. Paris.
- VENTURA, Z. (1988) *1968 - o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- XAVIER, M. E. et alii. (1994). *História da Educação*. S. Paulo: FTD

ZABALZA, M. (1992) . *Do currículo ao projecto*. In CANÁRIO, R. (org). *Inovação e Projecto Educativo de Escola*. Lisboa: Educa

ZABALZA, M. (1995). *Disenõ y desarrollo curricular*. Madrid: Narcesa.